



Revista da Semana

ANNO XIX - Nº 1
RIO DE JANEIRO
9 DE FEVEREIRO DE 1946

LANÇA

PERFUME

Alice



O Lança perfume

ALICE

é sempre o preferido.
PEÇAM EM TODA A PARTE

VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS
RIO: João Reynaldo Coutinho & C.,
Costa Pacheco & C., Albino Castro & C.,
Gomes de Castro & C., Vieira Soares
& C., Silva Dantas & C., Barboza Frei-
tas & C.

JUIZ DE FORA: Dias Cardoso & C.
S. PAULO: M^el Rozario de Aguiar

Vendas por atacado
de brinquedos e
artigos para
CARNAVAL

Francisco
Carneiro
& C^a

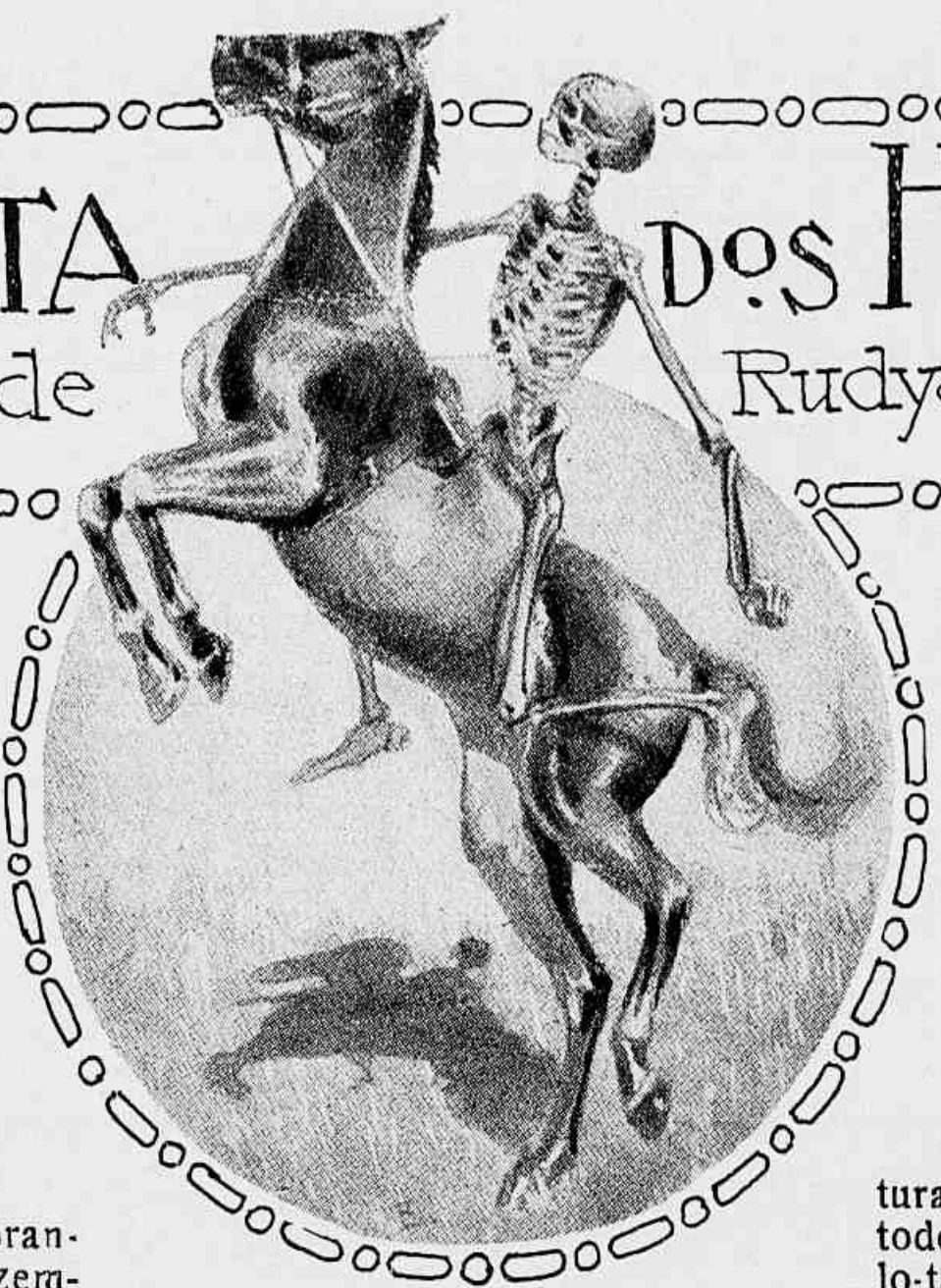
RUA S. PEDRO 36
RIO

A DERROTA

Conto de

DOS HUSSARDS

Rudyard Kipling



Ha pessoas que asseveram que um regimento de cavallaria ingleza não sabe correr.

E' um erro. Vi quatrocentos e trinta e sete sabres voando no mais horrivel terror — vi o melhor regimento suprimido dos quadros do exercito durante duas horas marcadas a relógio. Se fordes contar essa historia aos hussards brancos, é provavel que vos tratem asperamente. Não lhes dá orgulho absolutamente esse incidente.

Podeis reconhecer os hussards brancos pelo *esnanto* que fazem, e fazem-n'o mais que todos os regimentos de cavallaria do nosso exercito juntos. Se isto não basta, podeis reconhecê-los por seu velho cognac. Ha sessenta annos que existe nas adegas do refeitório, e bem merece que de longe venham provar-o. Pele o velho cognac *Mr. Gaire*, e ficae certos de que vol-o darão. Se o sargento do refeitório julga que vossa educação deixa a desejar e que não sabeis apreciar o verdadeiro artigo, tratar vos á nessa confraternidade. Mas quando estiverdes na sala de refeições, não faleis aos officiaes em marchas forçadas ou longas corridas a cavallo. O grupo de officiaes tem a evidência muito delicada: e, se os officiaes supõem que zombaes delles, farão com que o saibaeis.

Os hussards brancos entendem que toda a culpa é do coronel. Era novo no regimento, e nunca deveria ter assumido o commando. Declarou que o regimento não estava na altura. Dizer isso aos hussards brancos, que sabiam que podiam voltear toda a cavallaria, passar através toda a artilharia e esmagar toda a infantaria sobre a face da terra! Este insulto foi a primeira queixa.

Depois, o coronel reformou o cavallo que conduzia o bombo — o bombo dos hussards brancos. Talvez não percebaes que crime imperdoavel havia elle commettido. E vou esclarecer-vos. A alma do regimento reside no *cavallo-tambor* que conduz o bombo de prata. E' quasi sempre um grande *waler* malhado. Ha nisso um ponto de honra; e um regimento não olha a despeza quanto procura um cavallo malhado. Os regulamentos ordinarios que dizem sobre as reformas não se applicam a um cavallo assim. Não ha grandes cousas a fazer e não manobra senão a passo. Está ahí a razão por que, por todo o tempo que possa pôr uma perna diante da outra e fazer boa figura, tem seu bem estar assegurado. Conhece melhor o regimento que o capitão ajudante e não poderia enganar-se, mesmo que quizesse.

O cavallo tambor dos hussards brancos não tinha senão dezoito annos, e era capaz de desempenhar-se de todos os deveres de seu cargo. Existiam nelle ainda, pelo menos, seis annos de actividade, e conduzia-se

com todo o brilho e dignidade de um tambor-mór da guarda. O regimento pagara por elle mil e duzentas rupias.

Mas o coronel declarou que elle devia dar logar a um outro, e foi reformado segundo todas as regras e substituido por um cavallo baio, feio como uma mula, com pescoço de ovelha, cauda de rato e jarretes de vacca. O tambor detestava esse animal e, ao vê-lo, os melhores dentre os cavallos da musica baixavam as orelhas atraz. Sabiam que não era senão um *parvenu* e absolutamente não um *gentleman*. Penso que em seu desejo de pôr todo o regimento na altura, o coronel não fazia excepção para a musica, e queria fazel a tomar parte nos exercicios ordinarios no campo de manobra. Ora, uma musica de cavallaria é sagrada. Não sahe senão para as revistas do chefe do corpo, e o chefe de musica tem um posto mais importante que o coronel. E' um summo pontífice e o *Keel Row* é seu hymno. O *Keel Row* é o trote da cavallaria e aquelle que nunca ouviu as notas agudas e penetrantes dessa aria, subindo além do rumor do regimento que desfila diante de seu chefe, tem alguma cousa ainda a ouvir e a comprehender.

Quando o coronel reformou o cavallo tambor dos hussards brancos, houve quasi uma sedição.

Os officiaes não estavam satisfeitos, os soldados estavam furiosos e os da musica praguejaram. O cavallo-tambor ia ser vendido em leilão — publicamente — com risco de ser comprado, talvez, por um qualquer e atrelado a uma carroça! Era peor do que expôr á face do universo a vida intima do regimento ou vender a baixella dos officiaes a um judeu.

O coronel era pequenino em caracter e tinha disposições para abusar de sua auctoridade. Sabia o que o regimento pensava de sua acção; e, quando os homens offereceram-se para comprar o cavallo-tambor, declarou elle que seu offerecimento tocava ás raízas da sedição e que era prohibido pelos regulamentos.

Mis um dos tenentes—Hogan Yale, um Irlandez—comprou o cavallo-tambor no leilão por cento e sessenta ru-

pias; e o coronel encoleriscou-se. Yale deu mostras de grande arrependimento — affectou um ar de submissão que não era absolutamente natural — e affirmou que não fizera a compra senão para impedir que o cavallo fosse talvez maltratado e passasse fome, e ia então sacrificá-lo e terminar a questão. Isso acalmou visivelmente o coronel, porque elle queria desembaraçar-se do cavallo tambor. Sentia que tinha commettido um erro, e não podia naturalmente reconhecê-lo. E durante todo esse tempo a presença do cavallo-tambor era-lhe extremamente desagradavel.

Yale apanhou um copo do velho cognac, tres cigarros e seu amigo Martyn; e juntos todos deixaram o refeitório. Durante duas horas, Yale e Martyn confabularam no quarto do primeiro; mas somente o *terrier* que monta guarda no local onde Yale põe as botas sabe o que foi dito. Um cavallo encapuzado e com uma capapuça de panno até ás orelhas deixou a cavallaria de Yale e foi levado, bem a contragosto, até ao bairro civil.

O *groom* de Yale acompanhava-o. Dous homens entraram no regimento e apoderaram-se de algumas vasilhas de tinta e alguma brochas. Depois tombou a noite sobre as casernas, e houve na cavallaria de Yale como que a bulha de um cavallo que demolisse a couces a baia movel. Yale possuia um velho *waler* todo branco que atrelava ao carro.

O dia seguinte era de repouso — e os homens, sabendo que Yale ia abater o cavallo tambor, naquela mesma noite, resolveram dar ao animal um verdadeiro enterro militar — mais bello do que dariam ao coronel, se este morresse naquele momento. Procuraram um carro de bois, panno de sacco e montes de rosas, e o corpo envolto no panno foi transportado ao logar onde se incineravam os cavallos mortos de anthraz. Dous terços do regimento acompanhavam. Não havia musica, mas puzeram-se todos a cantar "o logar em que morreu o velho cavallo", como alguma cousa de respeitosa e adequado ás circunstancias. O corpo cahiu pesadamente na cova, e os homens começavam a atirar braçados de rosas para cobri-lo, quando o sargento encarregado das ferragens dos cavallos despediu uma praga e gritou: "E' tanto o cavallo tambor com eu". Os sub-officiaes perguntaram-lhe se havia deixado a cabeça na cantina. Elle respondeu que conhecia os pés do cavallo-tambor tão bem como os seus; mas, quando viu o numero do regimento marcado a ferro em braza em seu pobre casco esquerdo da frente, irteijado e apontando para o ar, ficou interdito.

Assim foi enterrado o cavallo-tambor dos hussards brancos, e o sargento encarregado das ferragens resmun-

gava. O panno que cobria o cadaver estava em certos logares sujo de tinta preta; e o mesmo sargento fez uma observação a esse respeito. Mas o sub-official do quinto pelotão deu-lhe um valente pontapé na canella e disse-lhe que certamente estava embriagado.

Na segunda-feira que se seguiu ao enterro, o coronel quiz tirar a desforra. Infelizmente, como estivesse na occasião á frente da estação, ordenou para o dia manobras de brigada. Declarou que queria "fazer com que os homens suassem por causa de sua desmedida insolência", e executou a risco seu intento. Aquella segunda-feira foi uma das mais amargas de que os hussards tinham memoria. O coronel atirou-os ao encontro de um inimigo supposto, lançou-os para frente, conduziu-os para traz, fez-os desmontar dos cavallos, manobrou com elles segundo todas as regras da arte e de todas as maneiras possiveis sobre um terreno coberto de poeira; e elles suaram copiosamente. Não tiveram senão uma distração, ao fim do dia, quando cahiram sobre a bateria de artilharia montada e deram caça por espaço de duas milhas. Havia ali uma questão pessoal, e a maior parte dos homens apostára dinheiro sobre o resultado da corrida: os artilheiros declararam a quem quizesse ouvil os que espalhariam pelo caminho os hussards brancos. Enganavam-se. Uma desfilada terminou a lucta, e quando o regimento entrou no quartel os homens estavam cheios de poeira e de lama, das esporas á garganta.

Os hussards brancos têm um grande e especial privilegio. Venceram em Fontenoy, creio eu.

Muitos regimentos possuem direitos distinctos, como de usar collarinhos postiços em pequeno uniforme, ou em certos dias do anno um laço de fita entre os hombros ou rosas vermelhas, e brancas nos capacetes. Ha direitos que se prendem ao santo, patrono do regimento, outros a successos do regimento. Todos são immensamente apreciados; mas nenhum é tido em tal apreço como o direito que têm os hussards brancos de fazerem tocar a musica quando levam a beber seus cavallos ao quartel. Não se toca senão uma aria nessa occasião, e essa aria é sempre a mesma. Não lhe sei ao certo o nome, mas os homens chamam-na: "Leva-me a Londres". O regimento gostaria mais de ser riscado dos quadros do exercito que renunciar a essa distincção.

Após o toque de "fôra de forma" os officiaes recolheram-se para vestir o uniforme de montaria, e os soldados levaram os cavallos para o quartel, ficando á vontade. E' claro que se desabotoaram, tiraram os capacetes e puzeram-se a brincar ou a praguejar, segundo o humor de cada um; os mais cuidadosos desmontavam para tratar da cilha e da barbella. Um bom cavalleiro gosta da montaria tanto como de si mesmo.

Então, o official de dia deu a ordem: "Cavallos ao bebedouro", e o regimento caminhou preguiçosamente para os tanques, que ficavam por traz das cavallariças, entre essas cavallariças e a caserna. Havia quatro enormes tanques, um para cada esquadra, dispostos em degraus, de sorte que todos os cavallos teriam podido beber em dez minutos se se quizesse. Mas o re-

gimento levava seu tempo — geralmente, gastavam-se dezesete minutos; e durante esse tempo tocava a musica.

A musica atacou a aria no momento em que os esquadões se dirigiam para os tanques, e os homens tiraram os pés dos estribos e começaram a pilheiriar uns com os outros. O sol estava quasi a deitar-se no leito de uma nuvem purpurea, e o caminho que levava ao bairro civil parecia dar justamente no proprio olho do sol. Havia um pequeno ponto no caminho. Este ponto cresceu até tornar-se um cavallo com uma especie de grelha no dorso. Atraves das barrias dessa grelha, a nuvem de purpura despidia claiões deslumbradores. Alguns cavalleiros puzeram a mão em pala e exclamaram: "Que é que aquelle maldicto cavallo tem no lombo?"

Menos de um minutos após, ouviu-se um relincho que todos no regimento — homens e animaes — conheciam bem, e viu-se apparecer, investindo direito para a musica, o finado cavallo-tambor dos hussards brancos.

Sobre elle estava ruidosamente o bombo coberto de crepe, e na sella, rigido, em uma attitudo militar, estava sentado, de cabeça descoberta, um esqueleto.

A musica parou de tocar, e durante um momento reinou um silencio profundo.

Depois alguém, no quinto pelotão, — os homens disseram mais tarde que era o sub-official — deu meia volta ao seu cavallo e puz-se a dar gritos penetrantes. Ninguém pode explicar directamente o que se passou em seguida; mas parece que em cada pelotão houve um homem pelo menos que desse o exemplo do panico e os outros seguiram-n'os como carneiros. Os cavallos que haviam apenas molhado o focinho nos tanques começaram a empinar-se em toda sorte de cabriclas; mas logo que a musica virou casaca — o espectro do cavallo-tambor estava então a cerca de duzentos metros de distancia — todos os cascos fizeram a mesma vira-volta, e o rumor furioso dessa fuga desordenada — muito differente do ruido rhythmado de um movimento regular — entar executado no campo de manobra ou do "chahut", estrepitoso que se ouve em torno dos tanques — não fez mais do que augmentar o terror dos cavallos. Sentiam que seus cavalleiros tinham medo. E uma vez que os cavallos têm esse sentimento...

Pelotão após pelotão, voltaram todos costas aos tanques e correram — ao acaso, para todos os lados — como mercurio que se espalha no chão. Foi um espectáculo dos mais extraordinarios, porque cavalleiros e cavallos, que estavam á vontade, apresentavam nesse momento o mais variado aspecto em seu uniforme, e as carabinas batendo contra os flancos dos cavallos impelliam nos vivamente para a frente. Os homens, gritando e praguejando, tentavam ficar a boa distancia da musica que era perseguida pelo cavallo-tambor, cujo cavalleiro cahira para a frente e parecia dar de esporas para ganhar uma aposta.

O coronel fôra ao refeitório beber alguma cousa. A maior parte dos officiaes estava com elle, e o tenente de dia preparava-se para descer ao quartel e receber as relações dos sub-officiaes de volta dos tanques. Mas "le-

va-me a Londres", parou no vigesimo compasso e todos no refeitório exclamaram: "Que diabo teria acontecido?" Um minuto depois ouviram rumores bem pouco militares, e viram ao longe, pela planicie, os hussards brancos dispersos, em desordem, que fugiam.

O coronel ficou mudo de raiva, porque julgava que o regimento acabava de se revoltar contra elle ou estava embriagado até ao ultimo homem. A musica, rebanho debandado, passou como um furacão, e cansando-se em persegui-la, o cavallo-tambor — morto e enterrado — levando sempre no dorso o esqueleto que saltava e cansava com um barulho de ferragens. Hogan-Yale disse em voz baixa a Mariyn: "Não ha arame que possa resistir a semelhante cousa"; e a musica que fizera um semi-circulo, como uma lebre cercada, voltou. Mas o resto do regimento partira, desencadeado através da provincia, porque o crepusculo cahira e cada cavalleiro berrava aos ouvidos do visinho que elle tinha o cavallo-tambor pelas costas. Os cavallos de tropa são em geral tratados com muita attenção. Em casos de necessidade, podem fazer caminhadas espantosas, mesmo com duzentas e sessenta libras no lombo, como perceberam naquella dia os cavalleiros dos hussards brancos.

Quanto tempo durou esse panico, não o saberia dizer. Creio que, quando a lua surgiu, viram os homens que nada tinham a temer, e em grupos de dous e de tres e em meios-pelotões, voltaram silenciosamente ao quartel, envergonhados de sua concucia. Durante esse tempo, o cavallo-tambor, aborrecido por ter tratado assim por amigos velhos, parou, fez meia-volta e foi a trote até aos degraus da varanda do refeitório a buscar pão. Ninguém quiz fugir, mas ninguém deu um passo á frente. Foi preciso que o coronel se aproximasse e tomasse o pé do esqueleto. A musica fizera alto a alguma distancia, e chegava vagarosamente. O coronel lançou á musica em geral e a cada um musico em particular todos os epithetos injuriosos que se lhe apresentaram no momento: porque puzera a não no pectus do cavallo e sentira a carne palpar. Depois bateu no bombo com o punho techado e descobriu que era feito apenas de papel prateado e bambú. Finalmente, praguejando sempre, tentou fazer cair o esqueleto da sella, mas viu que estava preso com arame. Era um espectáculo bem curioso, para não dizer comico, ver o coronel com os braços passados em torno do ilhaco do esqueleto e o joelho no ventre do velho cavallo-tambor. Em um ou dous minutos, com pequenas sacudidas, conseguiu fazer a separação, e lançou o negocio ao chão, dizendo á musica: "Ahi está o que lhes fez tanto medo, imprestaveis!" O esqueleto não tinha boa apparencia ao crepusculo. O sub-chefe da musica parou e reconheceu-o, porque começou a rir baixo, quasi suffocado.

— Devo levar o, meu coronel?

— Sim — disse o coronel — leve-o para o diabo e sumam-se vocês!

O sub-chefe fez a continencia, içou o esqueleto para a sella e partiu em direcção ás cavallariças. Então o coronel começou a informar-se do fim

que levara o resto do regimento, e a linguagem que empregava era de espantar. Queria licenciar o regimento, levar cada homem ao conselho de guerra, — recusava-se a commandar semelhante canalha, etc. A' medida que os homens voltavam em pequenos grupos exasperava-se mais: chegou até a exceder, no que dizia, todos os limites permitidos mesmo a um coronel de cavallaria.

Martyn chamou de parte Hogan-Yale e suggeriu que era preciso evidentemente retirar-se do serviço quando o segredo fosse descoberto. Martyn era o mais fraco dos dous. Hogan-Yale abriu os grandes olhos e observou, primeiramente, que era filho de um lord e, em segundo lugar, que estava tão innocente como uma criança a nascer no negocio da sensacional resurreição do cavallo-tambor.

— Minhas instrucções, disse Yale, com um sorriso singular, eram que o cavallo-tambor devia ser enviado da maneira mais impressionante possível. E' minha a culpa, pergunto, se um amigo teimoso o enviou de modo a perturbar a paz de espirito de um regimento de cavallaria de Sua Majestade?

— E' um grande homem, e serás general algum dia; mas eu daria meus galões futuros de capitão para estar ao abrigo das consequencias desta historia.

A providencia salvou Martyn e Hogan-Yale. O tenente-coronel conduziu o coronel á pequena alcova guardada de cortinas onde os officiaes jogavam o poker á tarde e ali, após innumeras pragas do coronel, puzeram-se a conversar a meia voz. Supponho que o tenente-coronel lhe representou o panico como obra de algum cavalleiro que em vão procuraria descobrir; e sei que insistiu sobre o erro e a vergonha que haveria em fazer desse panico um assumpto publico de divertimento.

— Sabe como nos chamam? disse o tenente coronel que tinha realmente muita imaginação: os *Caçadores de Espectros*; dar nos-ão alcunhas de um regimento para outro. Todas as explicações do mundo não farão comprehender á gente de lá que os officiaes não estavam presentes quando o panico começou. Pela honra do regimento, e em seu proprio interesse, faça silencio sobre tudo isto.

O coronel estava tão extenuado pela colera que não foi tão difficil acalmalo como se poderia julgar. Suavemente, ponto por ponto, levou o tenente-coronel a vêr que era manifestamente impossivel conduzir ao conselho todo o regimento, e tão impossivel como tomar medidas contra algum tenente que, na sua opinião, to nara parte de um modo ou de outro nessa brincadeira má.

— Mas o animal não morreu! Não o sacrificaram! vociferou o coronel. E' um caso de desobediencia manifesta, indiscutivel! Vi dar baixa a um official por menos que isto, co'os diabos! Zombam de mim, digo-lhe, Mutman! Zombam de mim!

Mais uma vez achou-se o tenente-coronel no dever de acalmar o coronel e argumentou com elle durante uma meia hora. Ao cabo desse tempo, foi o ajudante fazer sua relação. A situação era bastante nova para elle; mas não era homem para desconcer-

tar-se facilmente. Fez a continencia e disse:

— O regimento voltou todo, meu coronel.

Depois, para abrandar o coronel:

— E os cavallos não se portam peor por isso, meu coronel.

O coronel resmungou, depois respondeu:

— Então o senhor fará bem em segurar os homens em seus catres e em prestar attenção a que elles não acordem para chorar durante a noite.

O sub-official retirou-se.

O coronel ficou bastante satisfeito com seu capricho, e além disso tinha um pouco de vergonha da linguagem de que se servira durante toda a scena. O tenente coronel continuou a atormentalo, e ficaram os dous con-

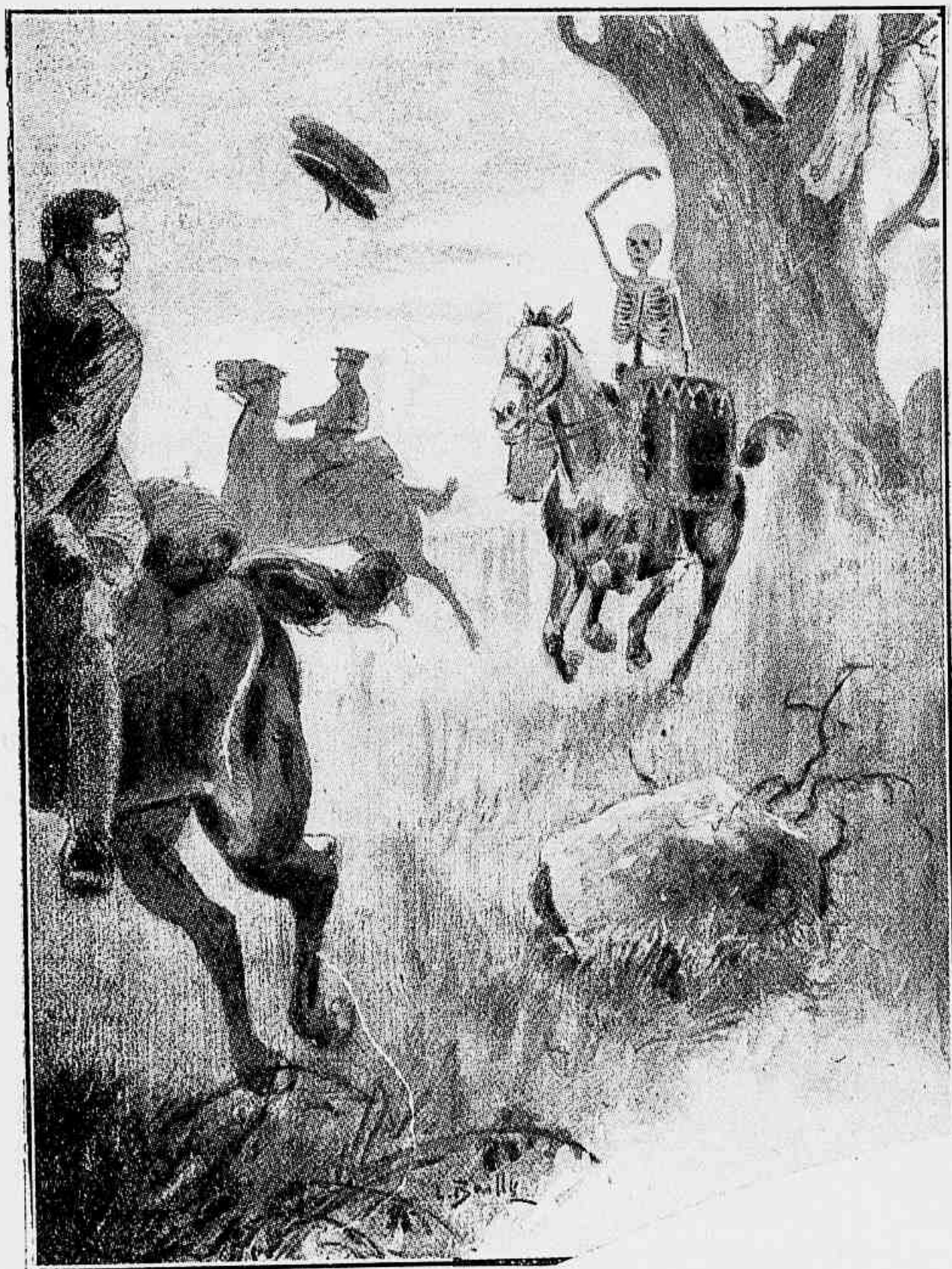
O tenente-coronel disse ao coronel, quando ficaram a sós:

— Pequenas demonstrações deste genero tornam um chefe popular, e em nada affectam a disciplina.

— Mas eu retirei minha palavra, disse o coronel.

— Não faz mal, retrucou o tenente-coronel. A partir de hoje, os hussards brancos seguil oão até ao fim do mundo. Os regimentos são como as mulheres. Estão promptos a fazer seja o que fôr por um pedaço de fita.

Uma semana depois, Hogan-Yale recebeu uma carta estranha de um individuo que assignava "Secretario, Caridade e Zelo, 3709, E. C.", e que pedia "a volta de nosso esqueleto, visto como temos razões para acreditar que está em seu poder."



Foi um espectáculo dos mais extracordinarios

versando por uma grande parte da noite.

No dia seguinte houve uma revista do chefe do corpo, e o coronel falou energicamente aos hussards brancos. A conclusão de seu discurso foi que, já que o cavallo-tambor se mostrara em sua velhice capaz de derrotar o regimento inteiro, voltaria a seu posto de honra á frente da musica, mas... mas o regimento não era senão um bando de patifes sem consciencia.

Os hussards brancos deram *hurrahs* e atiraram ao ar tudo que puderam encontrar ao alcance da mão e, quando a revista terminou, acclamaram o coronel até não mais poderem. Não houve applausos para o tenente Hogan-Yale que sorria na re-ctaguarda.

— Quem, diabo, é este alienado que faz commercio de ossos? disse Hogan-Yale.

— Desculpe, meu tenente, disse o sub-chefe da musica, mas eu tenho o esqueleto em minha casa e reconduzo-o a si se o senhor quizer pagar o transporte até ao bairro civil. Ha um caixão com elle, meu tenente.

Hogan-Yale sorriu e passou duas rupias ao sub-chefe, dizendo:

— Ponha a data no craneo, serve? Se duvidaes da veracidade desta historia e sabeis onde ir, podereis vêr a data no esqueleto. Mas não digaes nada aos hussards brancos.

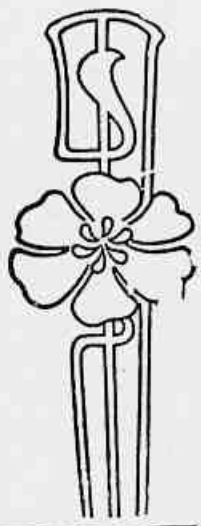
Sei de tudo isto porque fui eu que preparei o cavallo-tambor para sua resurreição.

RUDYARD KILPING

SABÃO ARISTOLINO

(SABÃO LIQUIDO)

Não estraga a pelle e o cabello. O melhor para manchas, sardas, espinhas, rugosidades, cravos, vermelhidões, comichões, frieiras, caspa, queda do cabello, erysipelas, dathros, queimaduras



O PREFERIDO,
O MAIS
PERFUMADO,
ANTI-SEPTICO,
ANTI-PARASITARIO.

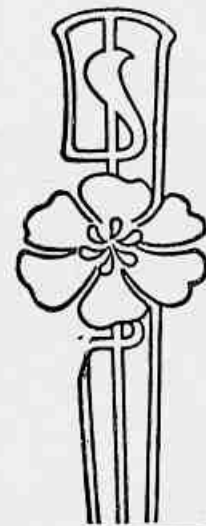
NÃO TOME

BANHO

SEM O

Sabão

Aristolino



O QUERIDO,
DURAVEL,
VERDADEIRA-
MENTE
ANTI-ECZEMA-
TOSO
E CICATRISANTE.
NÃO LAVE
A CABEÇA SEM O
Sabão
Aristolino

É O VERDADEIRO AMIGO DO LAR
O SABÃO ARISTOLINO NÃO TEME CONCORRENTES

Á venda em toda a parte



Á venda em toda a parte

VERMUTIN

DR. EDUARDO FRANÇA

se quereis digerir bem; se quereis obter excellente paladar e appetite; se quereis fortificar os nervos; se quereis, emfim, rejuvenescer, adquirindo o bem estar do corpo e do espirito: -- bebei todos os dias 3 ou 4 calices do RADIO-APERITIVO INDIANO-VERMUTIN -- Notae o paladar delicioso que fica na bocca momentos depois!



ENCONTRA-SE EM TODOS OS HOTEIS, RESTAURANTS, CAFÉS, CONFEITARIAS, BARS, BOTEQUINS E ARMAZENS

Unicos depositarios : Mourão & C., Rua do Rosario 133
Concessionarios : Coutinho Neves & C., Rua Buenos Ayres 96, sobrado.

Kola Soel

Dá vida e vigor. E' o melhor tonico. Depósito:
ARAUJO, FREITAS & C.
 88—Rua dos Ourives—88
RIO DE JANEIRO



BANCO NACIONAL ULTRAMARINO Sede em Lisboa
 FUNDADO EM 1864

CAPITAL 12.000 CONTOS FORTES
 Saques á vista e a praso sobre todos os paizes
 Depósitos á ordem e a praso ás taxas mais
 vantajosas do mercado.
 Empréstimos caucionados. Descontos, cobran-
 ças e todas as operações bancarias.
 Filial no Rio de Janeiro, RUA DA QUITANDA
 — ALFANDEGA.
 Agencia na Cidade Nova, PRAÇA 11 DE
 JUNHO.

TOLUOL

Cura tosses, bronchites, etc., em
 48 horas — Depósito: ARAUJO
 FREITAS & COMP. — RUA
 OURIVES N. 88—
 • • RIO DE JANEIRO • •

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
 166 — Rua do Ouvidor — 166

ROCHA POMBO: Dictiona- nario de Synonyms da lin- gua portugueza, 1 vol. 651 paginas	6\$000
JOÃO DO NORTE: Praias e Varzeas, 1 vol.	2\$900
AFRANIO PEIXOTO: Maria Bonita, romance	3\$000
FABIO LUZ: Elias Barrão, 1 vol. brochado.	3\$000

NA VIDA INSTALLE-SE BEM

COMPRE MOVEIS
RED-STAR

Pagamento á vista e em
 prestações combinadas
R. GONÇALVES DIAS, 71
:: URUGUAYANA, 82 ::

SAQUES

Sobre Portugal, Hespanha,
 Italia, França, Londres, etc.
ZENHA, RAMOS & C.
 Rua Primeiro de Março, n. 75



Romances

Populares Economicos

LINDAS CAPAS A CORES

Cada volume de 200 paginas
 — aproximadamente —

1\$000

PRAÇA GONÇALVES DIAS, 12

NOTA — Estas edições são
 de consignação e não
 editadas por esta Em-
 preza.

Loterias da Capital Federal — Companhia de Loterias Nacionais do Brasil

GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

HOJE, 9 DE FEVEREIRO DE 1918 — A's 3 horas da tarde — Novo plano 353 — 1ª



200:000\$000



POR 4\$000 EM VIGESIMOS

Agentes Geraes: NAZARETH & C. — Rua do Ouvidor, 94 — Caixa 817 Teleg. — LUSVEL



« 609 » ELIXIR

O maior depurativo - Tónico do Sangue
Poderoso Anti-Syphilitico (Não tem diéta)
A venda em todas as Drogarias do Brasil
Pedidos á Caixa-Postal N.º 2004
• RIO DE JANEIRO •

CASA COLOMBO

AVENIDA E OUVIDOR

PARA MENINOS E MENINAS

GRANDE VARIEDADE EM ROUPINHAS

PARA CAMPO E JARDIM, LESDE 1\$900

VESTUARIOS PARA PASSEIO, DESDE 3\$900



7347 — Blusa de brim branco mercerizado
enfetada com à jour, a começar
de 1\$000
Calça de brim azul marinha lis-
trada, côres fixas, a começar
de 5\$000

7348 — Blusa de zephyr inglez em côres variadas, a começar de 8\$500
Calça de brim azul marinha, côr fixa, a começar de 3\$500
Chapéu de brim branco, feitio americano 2\$500

7349 — Blusa listrada, feitio americano
em superior zephyr inglez a come-
çar de 8\$500
Calça de brim azul marinha lis-
trada, artigo superior (como re-
clamo) a começar de. 5\$000

"Sexuol" (Homœo-pathico)

Debilitade geral, esgotamento nervoso, cachexia organica, neurasthenia, fraqueza sexual, inapetencia generica e impotencia precoce.

Preparação opotherapica, baseada nos trabalhos de Brown-Séquard. — Homœopathia em tablettes.

Preço: 10\$000

Pharmacia Homœopatha **"INDIANA"**

RUA DA QUITANDA N. 17—RIO DE JANEIRO

GOBELINOS

ULTIMA NOVIDADE EM LEQUES DE PAPEL

MEIAS, LUVAS E BOLSAS

LUVARIA GOMES

38, Travessa de S. Francisco, 38

TELEPH. 2459, CENTRAL

MAGALHÃES, MACHADO & C.^{IA}

Rua dos Andradas 19 e 21 — Vasco da Gama 22 e 24

BAIXOS DO HOTEL GLOBO

OS MAIORES ARMAZENS DE MOVEIS DO BRASIL

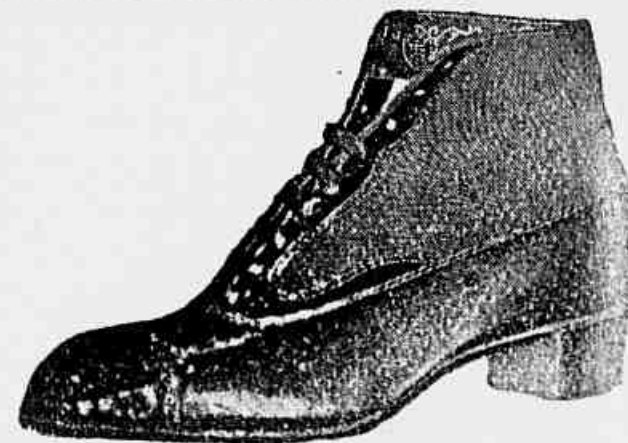
Fabrica de moveis de todos os estylos e para todos os preços



Ultima criação da nossa fabrica, exposta nos nossos armazens



Oh! que chic!
ULTIMA NOVIDADE
n'A BOTA FLUMINENSE



Elegantes e superiores sapatos de pellica preta envernizada ou kangurú amarello feito igual ao modelo acima de ns. 32 a 40, artigo fino para Senhora — 18\$ e 20\$.

14\$000 e 15\$000 o mesmo feitio salto baixo em pellica preta envernizada ou camurça branca de ns 27 a 33, para Mocinhas.

22\$ e 25\$000 superiores borzequins em pellica envernizada com canos de casemira preta—artigo chic e duravel—que em qualquer casa custa 30\$000.

PELO CORREIO MAIS 2\$000 POR PAR.

◀ RUA MARECHAL FLORIANO N. 109 ▶

SABONETES

Garantidos, puros, exigir a marca

CUPC.

Marfim

Foot-Ball

Memphis

Delta, etc.

A' VENDA NAS PRINCIPAES CASAS

COMPANHIA USINA DE PRODUCTOS CHIMICOS

RUA SOARES N. 13

São Christovão

RIO DE JANEIRO

Para ser formosa, bella e attrahente !

Usae

Loção

de Venus

Usae

Flor de

Belleza



A LOÇÃO DE VENUS dá a cutis instantaneamente belleza ideal; torna a cutis branca, assetinada e fina; com a continuação de usal-a cura espinhas, cravos, sardas e toda a impureza da cutis.

A FLOR DE BELLEZA dá os mesmos resultados; porém é rosada clara, para as senhoras que preferem a cor rosada.

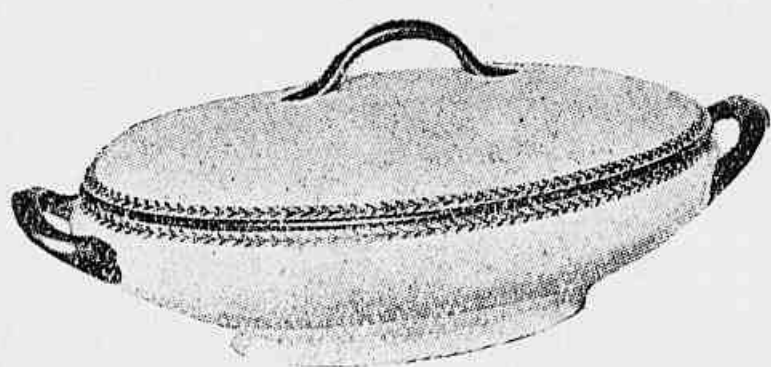
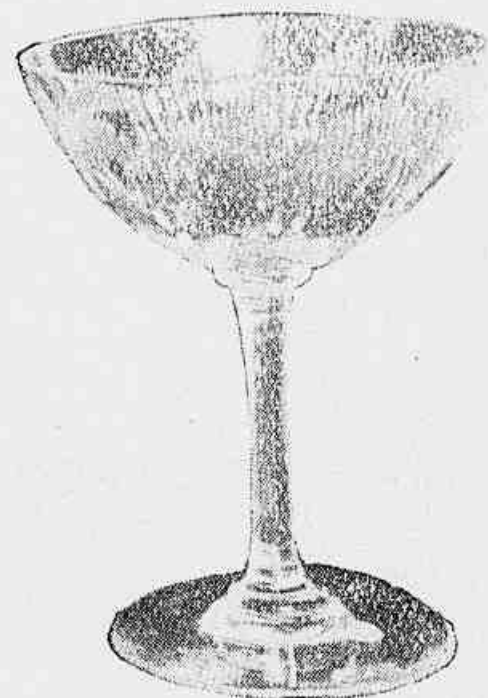
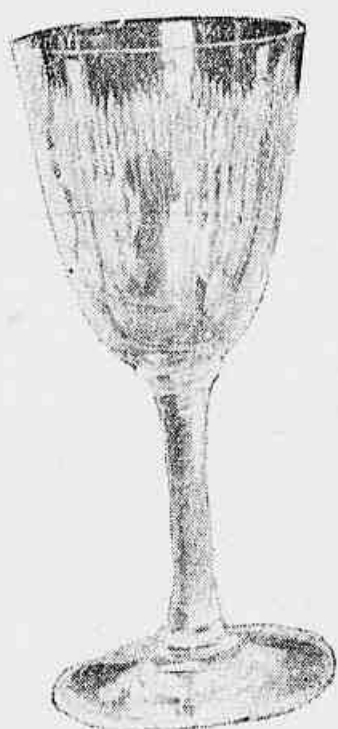
Vendem-se nas Perfumarias de 1.ª ordem; Bazin, Vieira Rocha & C., Paulino Gomes, Orlando Rangel, Ramos Sobrinho & C.

Laboratorio LOPEZ & EDWARDS, Rua Paulo Frontin 47 - 49

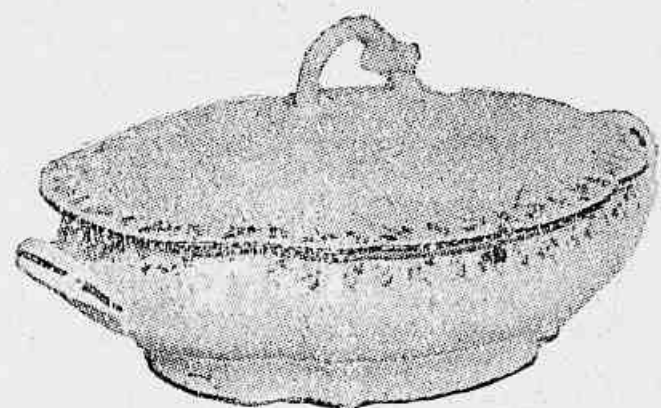
BAZAR AMERICA

A PRIMEIRA CASA DO GENERO DESTA CAPITAL

38 - RUA URUGUAYANA - 40



O MAIS COMPLETO SORTI-
MENTO DE CRYSTAES,
PORCELANAS, CHRISTOFLE E
ARTIGOS PARA PRESENTES
BAPTISTA & FONSECA




No anno passado, apesar de eu só ter 31 annos, aparentava mais de 45; usei durante um anno o Maravilhoso SEGREDO DAS NAIADES, e rejuvenesci, de forma que ninguém me dá mais de 18 annos.

O SEGREDO DAS NAIADES, sem magoar a cutis, extermina com segurança todos os vestigios do envelhecimento, destroe por completo as rugas e combate a flatulencia da musculatura do rosto.

No Rio: Casa Ciria e Casa Paulino Gomes.
Em Juiz de Fora: Drogaria Americana.

PREÇO 30\$000

FORÇA MARAVILHOSA PELO PHOSPHATO

Um especialista diz como se póde duplicar a força e a resistencia

Uma grande auctoridade em materia de saude, de força e de resistencia, ao explicar a extraordinaria resistencia e força obtida pelo uso do producto conhecido entre os pharmaceuticos pelo nome de BITRO- PHOSPHATO, allega ser ella devida ás suas maravilhosas propriedades como creador de nervos. Diz elle, e é de reconhecer que a sua logica é irrespondivel, que, visto como os musculos «simplesmente transmittem força» derivada do systema nervoso, são muito mais importantes nervos fortes e uma grande reserva de energia nervosa do que grandes musculos.

O BITRO-PHOSPHATO, não sendo uma droga nem um estimulante, e sim um alimento que fornece directamente ao cerebro e aos nervos os necessarios elementos phosphoricos, foi primeiro receitado pelos medicos com espantosos resultados no tratamento da neurasthenia, in omnia, nervosismo, debilidade e depressão mental. Foi, porém, em breve observado que, além de permanentemente alliviar desordens nervosas, elle tambem maravilhosamente augmentava a força e a resistencia. A quantidade geralmente receitada é uma tablette de 25 centigrammas a cada refeição, e, dada sua relativa barateza, os que desejam augmentar sua força, sua resistencia, bem como os que soffrem de desordens nervosas, devem ser aconselhados a fazer deste producto uma experiencia immediata.



USAI SO'

ONDULINA

PARA A CONSERVAÇÃO,
BELLEZA E HYGIENE DE
VOSSOS CABELLOS

Laboratorio: LOPEZ & EDWARDS

RUA PAULO FRONTIN, 47 E 49
AVENIDA MEM DE SA'



QUE É O "CHIC"?

É um nada, um toque indefinível, um imperceptível "que" cuja presença separa n'uma classe o que é distinto e bello, e n'outra classe o que não tem linha e é vulgar.

QUE É O "CHIC"?

V. Exia. saberá imediatamente em que consiste o "chic" visitando as

LINDAS CREAÇÕES DE VERÃO
DO

PARC ROYAL

REVISTA DA SEMANA

Premiada com Medalha de Ouro na Exposição de Turim de 1911

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Anno XIX — N.º 1 — Rio de Janeiro, 9 de Fevereiro de 1918

Endereço Telegraphico: **REVISTA** — Telephone: 3 660, Norte
Redacção e Administração

PRAÇA GONÇALVES DIAS, 12 — Rio de Janeiro

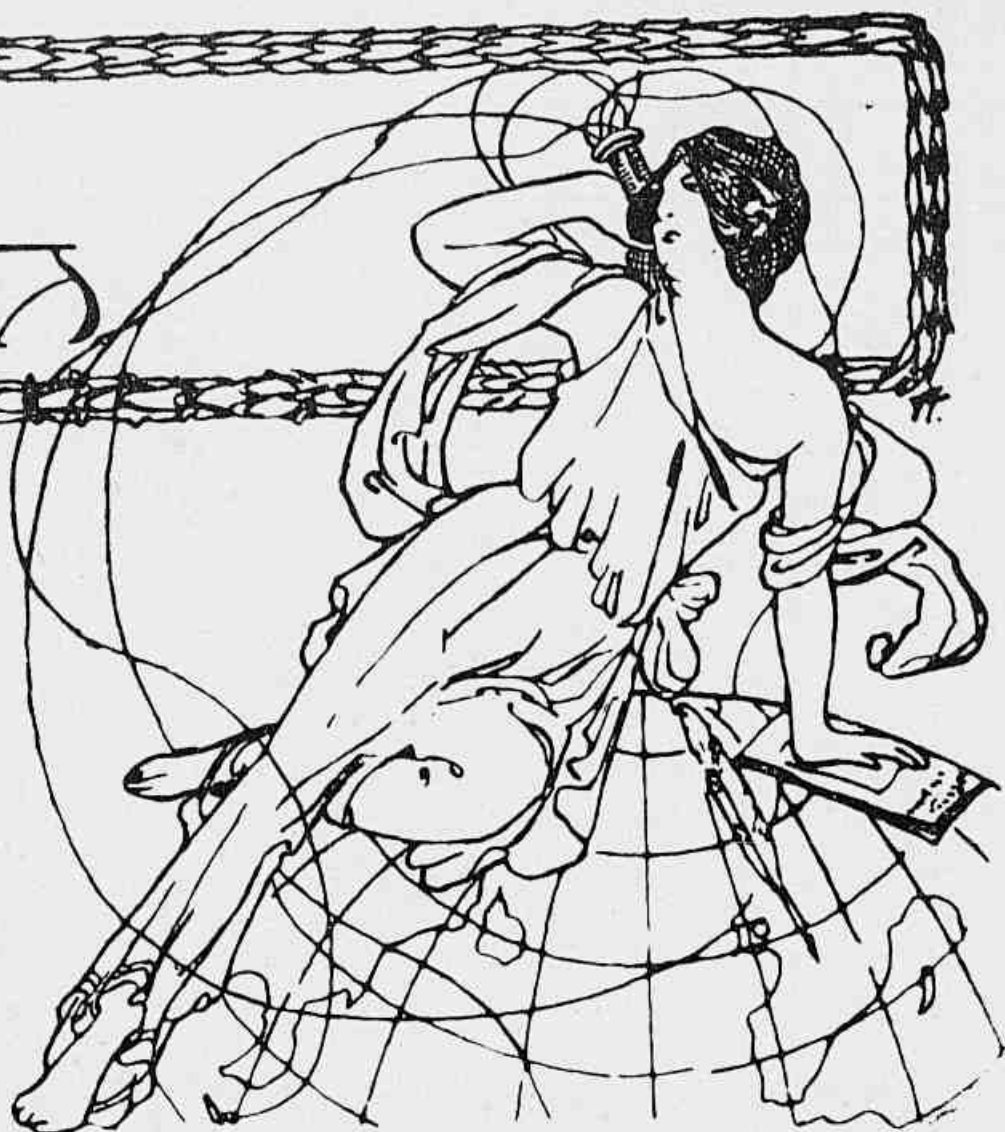
Director — **C. MALHEIRO DIAS**

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Por cada serie de 52 numeros (1 anno): 20\$000 — Estrangeiro: 50 francos

Avulso: Capital 400 réis — Estados 500 réis

Correspondencia dirigida a **ARTHUR BRANDÃO**, Director-Gerente



A evolução da Mascara



A mascara, como toda a gente sabe, se não tem a idade do mundo, é, pelo menos, tão antiga como... a antiguidade. O que, talvez, menor numero de gente saiba é que a palavra «mascara», em italiano «maschera» e em francez «masque», vem do arabe: «mascara». Esta é a mascara de cartão ou de panno, com que as crianças escondem o rosto da innocencia e os adultos occultam o rosto que já nada tem de innocente. Isto pode parecer enfadonho, mas o carnaval tambem o é.

Alguns graves e sapientes etymologistas pretendem que a palavra mascara provem do baixo latim «masca», que nos velhos textos lombardos significava feiticeira. Mas a etymologia é, por excellencia, a sciencia da confusão, pois que em certas regiões de França a expressão «Pas de la masque» designava uma rua estreita e mysteriosa, cheirando a feitiçaria. Molière empregou-a, talvez, nesse sentido quando o «Doente Imaginario» se dirige nestes termos a Louison: «Ah! Ah! petite masque, vous ne me dîtes pas que vous avez vu un homme dans la chambre de votre sœur!»

Aqui temos quanto á origem da palavra. Vejamos agora o uso do objecto. Os antigos empregaram a mascara exclusivamente no theatro. Nada nos permite crer que a tenham applicado na vida civil, embora se pretenda que Poppéa, mulher de Nero, a usava para preservar, contra as vivacidades do ar, a frescura das suas imperiaes faces rosadas.

No século XVI, em França, todas as damas usavam mascara e empregavam-na em todas as occasiões: a passeio, em viagem, nas visitas, nos bailes e até na igreja. Era o «loup», talhado em velludo preto e occultando apenas a parte superior do rosto, até á bocca. Independentemente da fa-

ceirice, os interesses os mais oppostos, como a galanteria e o ciúme, contribuíram para a voga da mascara. A mascara occultava a peccadora e os maridos applicavam-na ás consortes para subtrahil-as aos olhares libertinos dos conquistadores de corações. Mas já antes da côrte de Francisco I Veneza adoptara a mascara, prolongando o seu uso alem do carnaval. Aprisionados na sua grandeza, os nobres recorreram á mascara para poderem gosar em liberdade dos prazeres incompatíveis com a gravidade dos costumes patricos. Todavia, um só mascara difficilmente poderia divertir-se. A mascara gerou a mascarada.

A ancia insoffrida do prazer completou a educação da recém-nascida. O carnaval usou da mascara para melhor poder entregar-se aos ultimos excessos da alegria. Um phenomeno deveras consideravel produziu-se, porém, na evolução da mascara e do carnaval. A medida que este se foi tornando uma festa tradicional, profundamente radicada nos costumes, e que estes parallelamente foram perdendo por effeito da concepção generalisada de liberdade a sua continencia, a mascara principiou decahindo. A ultima palavra em materia de carnaval é o carnaval sem mascara, o carnaval-kermesse, o carnaval-saturnal, o carnaval do Rio. De facto, de anno para anno, o habito da mascara vae declinando. O nosso carnaval, gloria da cidade, é um carnaval sem mascara. A mascara, ultima hypocrisia da virtude, foi considerada inutil. O nosso carnaval erotico supprimiu-a quasi completamente. Influencia dos costumes e do calor.

Mas a mascara, creada pela tragedia grega, depois de haver servido durante seculos a galanteria e o carnaval, o peccado e o delirio, no momento em que a folia a arremessa como um disfarce inutil,

retoma na maior tragedia da Historia o seu papel antigo. Já não é mais a mascara de Arlequino e de Pierrot, mas a mascara de Sophocles e Euripides que resuscita, a mascara tragica, a mascara terrificante. A guerra, assumindo as maximas proporções a que jamais se elevava o horror humano, mascarou o guerreiro em monstro, avelou-lhe a mascara horrida contra os gazes asfixiantes. Assim se cumpre o cyclo da mascara, desde as tragedias scenicas da velha Grecia á tragedia militar do nosso tempo, através de dois millenios de evolução. Apropriando-se da mascara do carnaval, a sciencia converteu-a na mascara contra a morte. Debaixo do seu semblante sinistro não é mais o folião que se occulta, mas o heroe. A guerra, que a tornou horrivel, sublimou-a.

A face humana precisou tambem de tomar um aspecto monstruoso para poder presenciar a monstruosidade da guerra, como ella é feita pelos heroes troglodytas das trincheiras, habitantes de cavernas, apparelhados com todos os tremendos prodigios da chimica e da physica, e até pelos heroes voadores, revestidos de mascaras que lembram a ampliação de cabeças de cleoptéros. Na formidavel «mise-en-scène» da tragedia europeia a mascara constitue a ultima palavra do horror, é a obra-prima do pavoroso, que ficará na lembrança da humanidade como a sinistra imagem symbolica da maior guerra do mundo.

Os gregos do tempo de Pericles, habituados a assistir ás representações tragicas, recuavam de horror se vissem surgir no proscenio os actores da moderna tragedia.

Era para as entrevistas de amor que a levavam as damas galantes da côrte de Francisco I e os patricos libertinos de Veneza. E' para as entrevistas da morte que a levam, nas batalhas do século XX, os soldados da Liberdade.

CARTAS DE MULHER

Ha alguns mezes, num solemne discurso de recepção, um academico referiu-se ao tempo em que, na familia brasileira, não era ainda consentido ás moças de boa familia cruzarem as pernas diante de estranhos, no bonde, nas salas de baile, nos theatros, nos cinemas, nos bancos do Flamengo e da praça D. Afonso.

«Le monde marche» e com elle os costumes. A moda não é só do trajo, mas tambem das maneiras. Não sei se á evolução dos habitos se deve a evolução consequente do trajo ou vice-versa, ou ainda se ambas se realizam simultaneas e independentes. O que não admite duvidas é que a nossa avó de 1860, vestida com a saia de balão, não podia mover-se com a mesma agilidade e ter as mesmas attitudes das suas netas, vestidas com a «robe fourreau».

A moda implica gestos novos, outra maneira de andar, e até outro modo de pensar e de sentir.

O romantismo do tempo das cinturas de véspe e da minoridade do Imperador faria sorrir de enfado a mais romantica das moças cariocas, que viram dançar Isadora Duncan e as bailarinas russas.

Certamente, eu entendo que se pode ter visto dançar Isadora Duncan e não cruzar as pernas em publico, mostrando-as até ao joelho. Mas eu tambem envelheci e não me considero nos casos de poder dar uma opinião insuspeita sobre os costumes permittidos e consagrados pela educação moderna. Ha vinte annos, uma moça que cruzasse as pernas numa sala teria commettido uma acção condemnavel que a exporia ás censuras de todas as pessoas presentes. Hoje, porém, é vulgar essa attitude, que de immoral passou a ter fóros de elegante, e não ha quem não tenha presenciado essa censuravel attitude em moças as mais virtuosas e as mais finamente educadas. Sei bem que uma fina educação nem sempre é uma boa educação, mas as palavras tambem evoluem com as modas e os costumes.

As mulheres são indulgentes para com os peccados do «coquettismo». Que outros sejam severos para com a faceirice feminina. A mulher que se lembra da sua mocidade, a menos que não tenha uma alma resequida pela inveja, será sempre complacente com esses peccados veniaes do seu sexo.

Mas a honestidade marca um limite á faceirice, que não a deixa transpôr os limites do pudôr.

A moça de outros tempos não tinha, fora da familia, modelos para as suas attitudes. A escola familiar imprimia-lhe um caracter que se transmittia de mães a filhas com as unicas variantes do temperamento e do meio. Actualmente, o theatro estrangeiro, o cinematographo e os

jornaes de modas francezes e americanos multiplicam perante o talento imitativo da mulher os modelos os mais excentricos e audaciosos, e eu sou levada a attribuir a esses tres grandes suggestionadores a transformação operada nos costumes femininos. Fascinada pela novidade e pela belleza das attitudes, a moça de familia imita o andar das heroínas do cinema, das Bertini e das Theda Bara, o penteado das Valeska Surath e das Lydia Borelli, a gesticulação e as «toilettes» das actrizes parisienses, que veem exhibir no Municipal as ultimas creações da moda.

Innegavelmente, é este um habito censuravel, porque o que fica lindamente a uma Borelli pode ficar pessimamente a uma donzella. Mas a culpa é só incompletamente das moças cariocas, creadas num meio onde os habitos democraticos acabaram por confundir de tal modo as classes sociaes que é difficil averiguar onde principiam e acabam os direitos e os aspectos externos de cada uma.

Em these, eu não posso nem devo considerar immoral a attitude de uma moça que cruza as pernas numa sala, deixando entrevêr o que as saias se destinam a occultar. O que torna immoral essa attitude é a intenção de atrahir as attensões, é a consciencia de um acto culpavel. O nivel moral do nosso meio não permite que uma moça proceda com essa imprudencia. Entre nós, a mulher ainda conserva um prestigio quasi exclusivamente sexual, que lhe aliena o respeito escrupuloso do homem. Muitas cousas que uma moça americana, sueca ou dinamarquesa pode fazer sem perigo são ainda defesas ás nossas moças, pois as arriscariam a perigos incessantes e irreparaveis.

Não posso occultar a sympathia que me inspiram certas liberdades conquistadas pela mulher moderna e a alegria com que contemplo na americana do norte um exemplar quasi perfeito de uma emancipada de tantos preconceitos humilhantes. Mas reconheço a impossibilidade manifesta de as indicar como modelos á brasileira, tão enormes são as diferenças de educação e de raça e tão grandes as diversidades do ambiente social em que vivem estas duas mulheres: a americana do norte e a americana do sul. Espere-mos que os costumes se reformem gradualmente no sentido de permittir á mulher de sangue latino compartilhar das mesmas regalias das mulheres anglo-saxo-

nias e escandinavas. Em quanto, porém, o nosso homem nos considerar apenas como objectos decorativos e reproductores, é indispensavel que a mulher se defenda com o recato antigo e não quebre por suas proprias mãos o escudo do decoro que a preserva das profanações e dos attentados que a degradam e envelhecem. Reconheço sinceramente que a educação moderna, que faz da mulher um sêr com autonomia e que a associa mais intimamente á vida exterior, de modo algum é incompativel com a virtude. O habito não faz a freira. Sob uma apparencia pudica póde occultar-se uma natureza depravada, e não é a liberdade, mas o máo uso da liberdade, que constitue o perigo da mulher, reduzida ás condições de um ente obrigado a uma eterna attitude defensiva. Mostrar as pernas até ao joelho, no nosso tempo em que são tão curtos os vestidos, não é immoralidade maior que a de mostrar os braços e o collo num decote de theatro ou de baile; mas os pensamentos immoraes que essa exhibição póde inspirar impõem a uma moça, por decoro, o dever de evital-a. A elegancia não consiste em tomar como modelos as heroínas dos cinematographos, copiar as maneiras das actrizes e as attitudes dos manequins das casas da «rue de la Paix». A distinção feminina requer, pelo contrario, a discreção e o apuro, o recato e a nobreza physica das maneiras, que são a interpretação da nobreza dos sentimentos. Essa distinção não exclue a alegria, mas mesmo nas manifestações da alegria ha gradações subteis, que é preciso apprehender. O abuso do «maquillage», a extravagancia do gesto, o exotismo da «toilette» são outras tantas manifestações de uma falsa elegancia, que denotam a perversão do instincto da belleza. Que uma moça póde montar a cavallo, nadar, dançar, conversar com os rapazes da sua idade, sem nada perder da sua candura, é uma cousa que seria absurdo negar. O que é necessario é que a moça, praticando todos esses actos, não se esqueça da sua condição e não se deixe seduzir pelo appetite perverso de parecer uma actriz ou de passar por uma leviana. A honra de uma mulher mede-se pelo respeito que lhe tributam. Cada mulher, em qualquer idade da vida, tem como dever fazer-se respeitar.



PAUL

— Diverte-te se puderes

Noticias e Commentarios

O sorteio militar

Realisou-se no domingo, em todo o territorio da Republica, o sorteio militar. Desta vez, a execução do principio do serviço militar obrigatorio, creado pela lei de 4 de Janeiro de 1908, que preparou a nação armada pela applicação do mais republicano de todos os principios — aquelle que eguala todos os cidadãos perante o dever das armas — coincidiu com o estado de guerra em que se encontra o Brasil, e essa circumstancia, sommada á entusiastica propaganda dos ultimos tres annos, imprimiu um caracter duplamente solemne ao grande acto.

A democracia brasileira soffria da consideravel imperfeição, que durante dois decennios fôra erroneamente considerada como uma victoria do regimen republicano, de conservar á instituição militar o character de uma casta. Embora servido por uma officialidade animada pela consciencia mais nitida do dever patriótico, ao nosso exercito faltava o contacto intimo com o povo e era olhado por elle com um respeito misturado de desconfiança. A nobre carreira das armas constituia o privilegio de uma aristocracia militar, reduzida a servir-se de um soldado profissional, que entrava no quartel mais por necessidade que por dever. O serviço militar obrigatorio, fazendo de cada cidadão um soldado, alterou substancialmente o exercito. O quartel passou a ser a escola do civismo, o grande e salutar foco de disciplina, disseminando a consciencia da nossa força collectiva e a noção da hierarchia, que é a garantia suprema da ordem.

No Districto Federal, o sorteio foi iniciado com a presença de S. Ex. o Sr. Presidente da Republica, no salão de honra do ministerio da Guerra. O Chefe da Nação quiz, assim, testemunhar de um modo solemne ao povo brasileiro a importancia patriotica do acto do sorteio, que marca o auspicioso advento de uma das mais salutaras transformações sociaes que se tem operado no Brasil.

Noticias de Portugal

Portugal tem occupado recentemente no noticiario telegraphico da imprensa uma posição de sensacional destaque. Desde que o sr. Sidonio Paes, com uma imperturbavel audacia de homem de acção e uma magistral sciencia de organização, derrubou o governo radical do sr. Affonso Costa e começou a tarefa ingente de reconciliar com o actual regimen setenta por cento da população de Portugal, os telegrammas parecem empenhados em offerecer-nos uma versão rocambolesca da politica portuguesa. Os acontecimentos ainda não assumiram em Por-

tugal a intensidade dramatica que attingiram em alguns outros dos paizes empenhados na guerra. Em parallelo com a anarchia tragica da Russia, com as atemorizantes agitações operarias da Alemanha e da Austria, com os escandalos Caillaux, Humbert, Bolo Pichá, Malvy, que convulsionaram a politica franceza, e até mesm.o com as perturbações da ordem registadas na Hespanha, os acontecimentos portuguezes perdem de tal maneira em importancia que não justificam a anciedade com que são discutidos.

Essa anciedade, porém, explica-se pelo grande numero de portuguezes que residem no Brasil e pelos laços numerosos que ligam as duas nações.

Se, esquecendo essas circumstancias que prejudicam a calma da analyse, approxi-



Sr. General Alencastro Guimarães, que deixou o cargo de Director da Escola do Grande Estado-Maior e foi promovido a General de Divisão, e cujo anniversario natalicio foi hontem muito festejado pelos seus amigos e collegas de classe.

marmos e compararmos os successos de Portugal aos agitados panoramas sociaes e politicos da Europa, chegaremos á conclusão de que o pretendido «boloismo» dos srs. Affonso Costa e João Chagas e a excitação das massas proletarias são phenomenos peculiares á pathologia social do quarto anno de guerra. O sr. Sidonio Paes trata o seu adversario com o mesmo rigor inflexivel com que o sr. Clemenceau trata o antigo presidente de ministerio Joseph Caillaux. E' a guerra que imprime aspectos tragicos ás luctas dos politicos e que encapella como oceanos tempestuosos as multidões martyrisadas.

Uma anecdotinha do sr. Lauro Müller

O sr. Lauro Müller é um magistral conversador. Ninguém como elle sabe reconstituir, retocar, apropriar e narrar uma anecdotinha. Não falta quem o considere um sceptico da escola de Voltaire e um mestre na arte de disfarçar as ironias com uma fascinadora bonhomia. Esse ironista tem, porém, provado sufficientemente ser um homem de convicções e até, sem prejuizo do seu instincto utilitario de estadista, um cultor primoroso do idealismo e um apaixonado pela belleza artistica. Um dia, no seu gabinete do Itamaraty, um politico queixava-se amargamente dos processos contemporizadores do sr. Wencesláu Braz — que aliás tem demonstrado saber querer sem tergiversações. O politico comparava-o a um Quinto Maximo, o «Cunctator», o demorador. O Presidente gostava de dar tempo ao tempo, que é o melhor dos Alexandres para cortar nós gordios.

Então, defendendo o Presidente, o sr. Lauro Müller exprimia o valor inapreciavel do tempo contando ao politico a seguinte anecdotinha:

— Certo homem vivia muito triste porque fôra condemnado á morte. Todos os seus esforços para salvar-se tinham resultado inuteis. Em ultima instancia, o condemnado pediu para fallar ao rei, sendo-lhe a supplica deferida.

E falou assim:

— Pois é pena, meu senhor, que me mandem agora enforcar, porque se me dão mais algum tempo de vida eu conseguiria uma grande cousa...

— Então o que era? — interrogou o soberano.

— Tenho a certeza de que ensinava um burro a lér.

— Pois bem. Concedo-te mais um anno de vida.

Sahi o homem da cadeia muito contente, mas diziam-lhe os amigos:

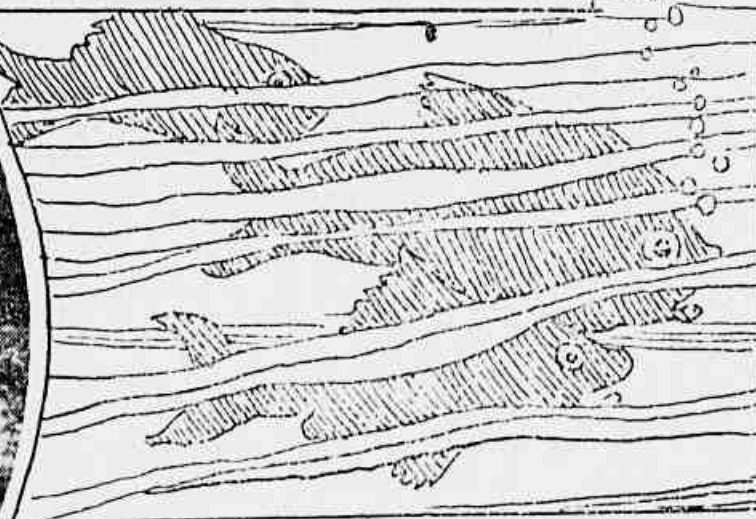
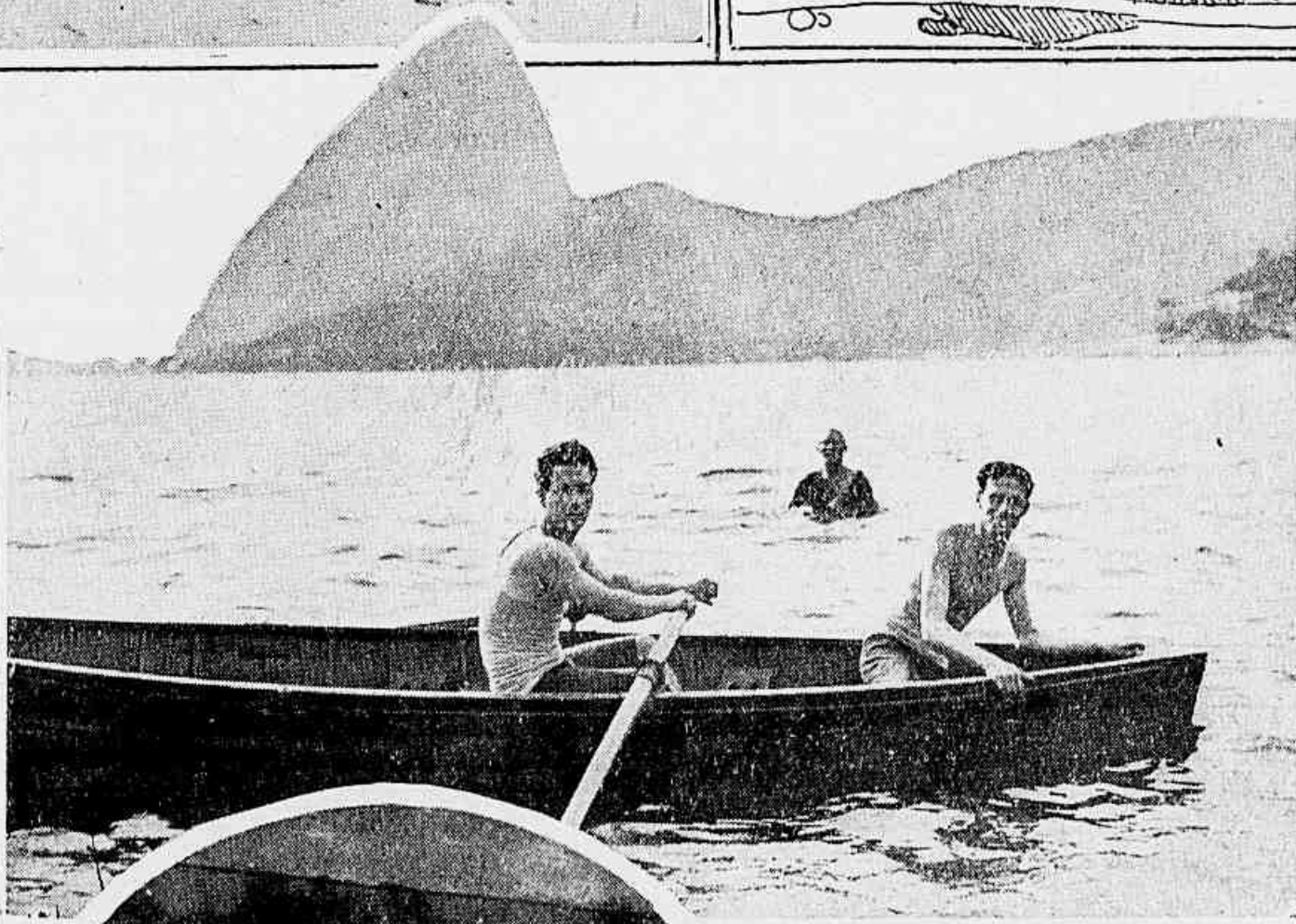
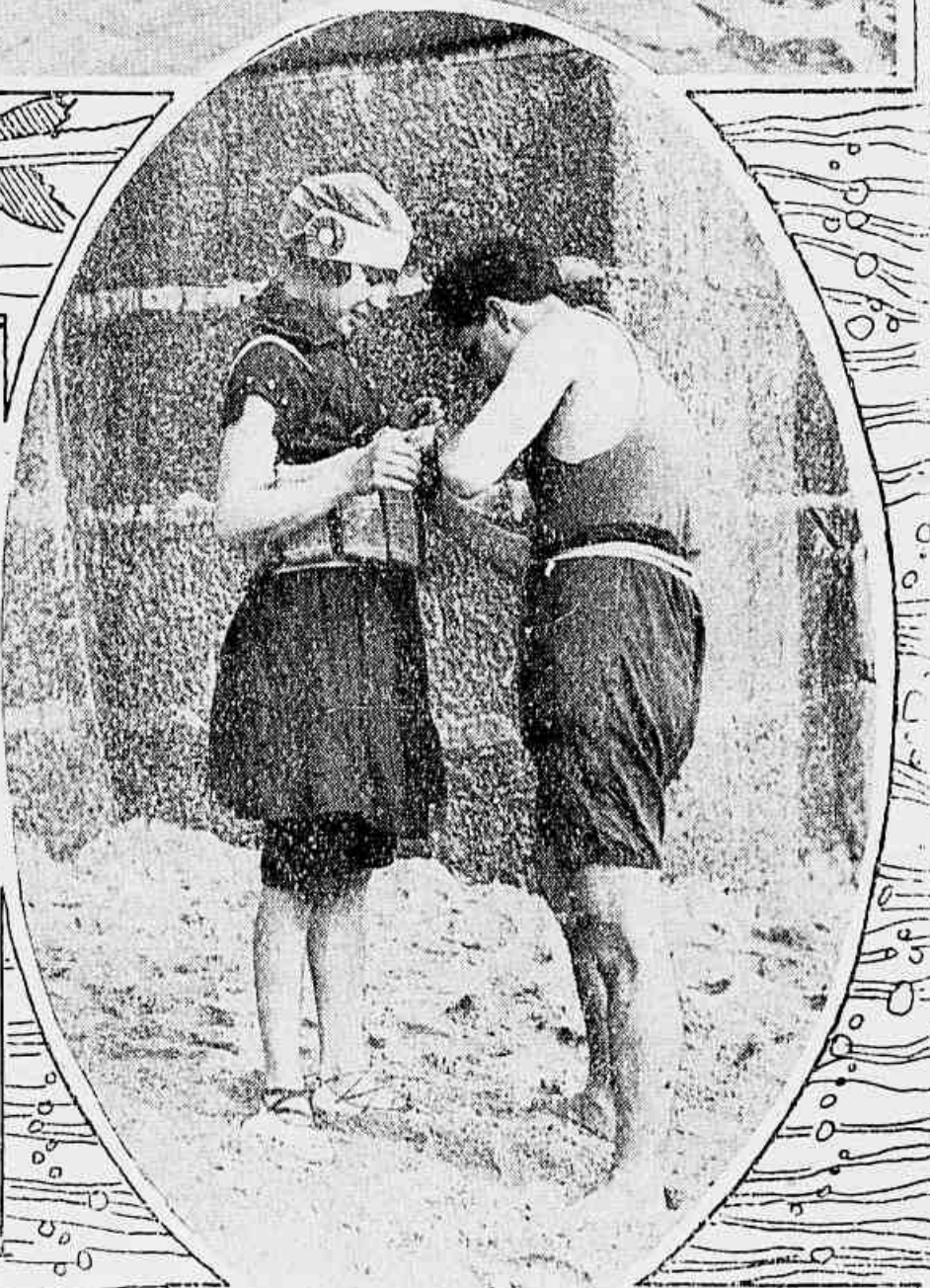
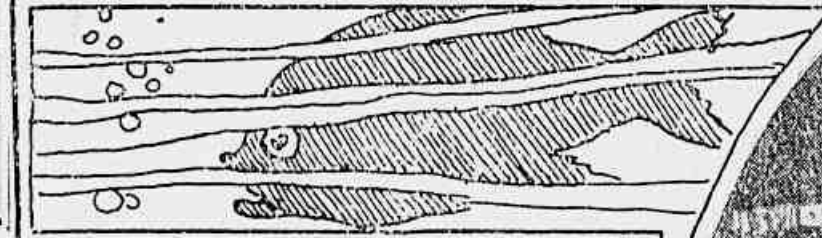
— E' um anno de agonía! Não seria melhor que morresses já, desde que te hão de matar daqui a um anno?

— Deixem-me cá — respondeu o homem. Durante o anno, ou morre o rei, ou morre o burro, ou morro eu.

Nosso problema a premio

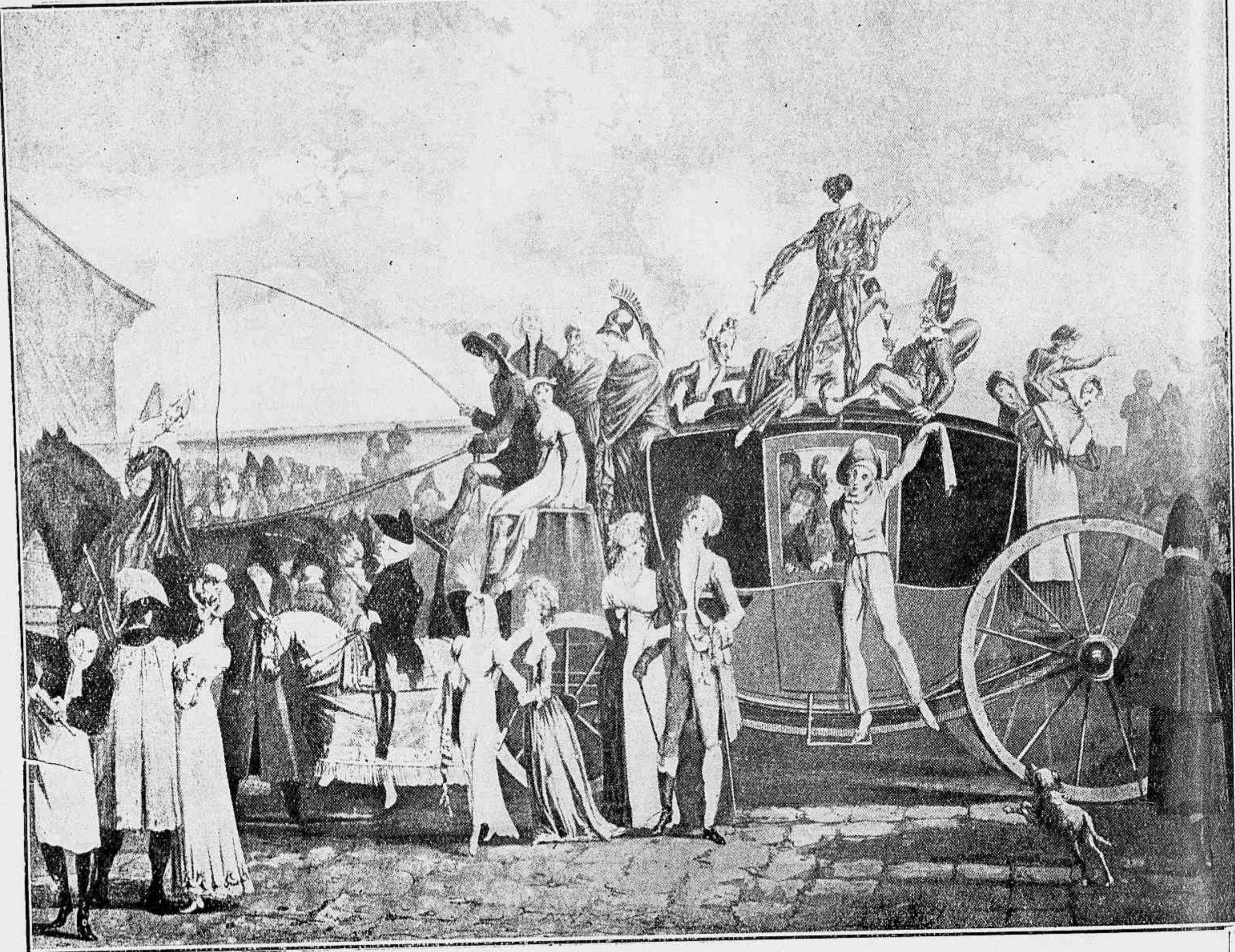
Tem despertado o maximo interesse o problema que publicámos no ultimo numero da «Revista», com o premio de uma assignatura annual do «Eu Sei Tudo» a ser sorteado entre os solucionistas. Attendendo aos desejos de nossos innumerados leitores dos Estados, resolvemos dar o resultado sómente em nosso numero de 2 de Março, ficando assim assegurada uma maior concorrência ao premio que offerecemos.

Barbo e Flamengo



O CARNAVAL EM PARIS NO TEMPO DE NAPOLEÃO

Estampa de Debucourt



O Luiz XIV portuguez

A anedota é a consagração da historia — disse-o um illustre escriptor francez.

Uma só anedota vale ás vezes, na evocação e na reconstituição de uma figura historica, por centenas e centenas de paginas benedictinas sobre um facto ou sobre uma epoca. Uma phrase apenas, rematando uma historieta flagrante e viva, marcando a aresta dominante de um caracter, resurge mais completamente uma figura do que as mais largas e respeitaveis lombadas de philosophia da historia. A anedota é a historia em movimento. «L'histoire humaine, voilà l'histoire moderne» — disseram os Goncourt. A anedota, humanizando a historia, realisa a sua forma mais impressiva, mais moderna, mais completa e mais interessante.

D. João V, chamado o Luiz XIV portuguez, é precisamente um dos reis que mais se prestam á consagração anedotica — porque é, entre os monarchas de Portugal, o mais característico e o mais caricatural de todos elles. Faltou um Saint-Simon para fixar todos os pequenos episodios galantes da corte do Paço da Ribeira com a graça leve, empoada, ligeiramente escandalosa, infinitamente suggestiva do

fidalgo francez: entretanto, algumas anedotas ficaram vivas na tradição, que bastam para reconstituir um D. João V libertino, perulário e ornamental, sustentando os seus amores, os seus caprichos e a sua megalomania com o ouro das minas do Brasil, que succedia ás rendas das especiarias da India para custeio da pompa real portuguesa.

O carrilhão de Mafra

Uma das notas predominantes da individualidade de D. João V era o seu delirio das grandezas.

Como o grande Luiz XIV, podia dizer na insolencia magnifica da sua sumptuosidade: — «J'enrichis mon royaume en dépensant beaucoup!» Não recuava diante da propria ruina. Para elle, um bello gesto valia todo o ouro de Minas Geraes.

Um bello dia, estando já quasi concluido o monstruoso convento de Mafra, chega-se junto de D. João V o grave marquez de Abrantes e diz-lhe com o ar mais contristado e sombrio deste mundo:

— Meu senhor... Chegou carta de Hollanda com o preço do carrilhão que Vossa Magestade encommendou...

— E então?

— Pedem por elle quatrocentos contos, meu senhor!

Quando o fidalgo suppunha que o seu régio amo ficaria acabrunhado com tão exorbitante preço, viu-o erguer a cabeça empoada e triumphante, sorrir, e dizer-lhe com a naturalidade de um grande actor:

— Quatrocentos contos, um carrilhão? Não imaginava que fosse tão barato! Mande vir dois, Marquez!

A bofetada da

Condessa de Villa Nova

D. João V era um verdadeiro D. João... Tenorio.

Certa noite, no paço da Ribeira, a condessa de Villa Nova de Portimão, uma das mais bellas e virtuosas damas da corte, dirigia-se com o seu pagem de tocha aos aposentos da camareira-mór.

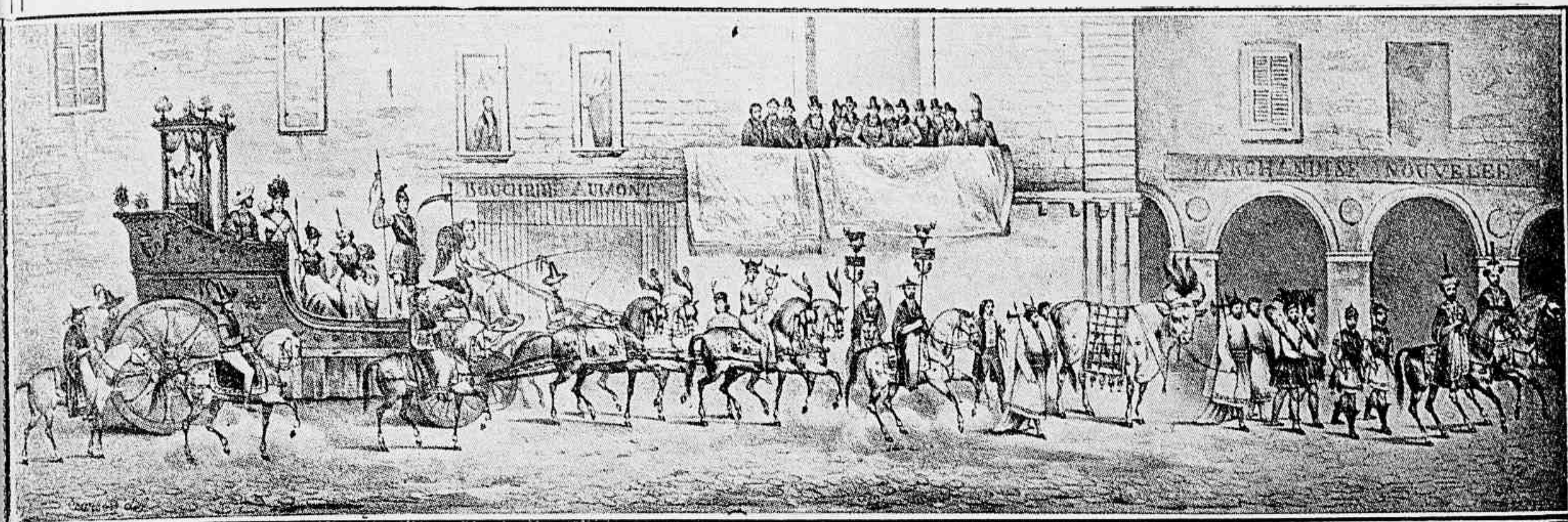
O rei surge da sombra, dá um sópro na luz, a tocha apaga-se, D. João V tenta cingir a fidalga para beijal-a e leva uma bofetada.

Furioso, rubro de colera, o conquistador pergunta com a voz alterada:

— Quem se atreve a esbofetear-me?

— E quem se atreve a faltar ao

OS ANTEPASSADOS DOS NOSSOS CORTEJOS CARNAVALESCOS



O cortejo do Boi Gordo em Paris, em 1830

respeito á Condessa de Villa Nova?
— responde a fidalga.

O pagem reaccendera a tocha. O rei apparece ante a dama do paço. Então, curvando-se numa profunda reverencia, a Condessa de Villa Nova, que bem sabia qual a face em que vibrara a bofetada de desafronta, desculpou-se, com uma fingida surpresa.

— Perdoe-me Vossa Magestade. Cuidei ter esbofetado um laçao!

D. João V cahiu em si, tirou o chapéo emplumado, curvou levemente o joelho numa mesura galantissima:

— E' agora o rei que lhe beija a mão, Condessa...

O castigo do confessor

O confessor do rei, compungido pelas mortificações da rainha, tentou reconduzir D. João V aos seus deveres conjugaes, fazendo delle um marido exemplar. O monarcha ouviu pacientemente o sermão do frade, sem tirar os olhos do chão, numa attitude contricta e humilde. Terminada a confissão, resada a penitencia, o real libertino mandou chamar um dos seus mordomos e ordenou:

— De hoje para o futuro, não quero que se dê a Frei Thomé de Jesus, tanto ao almoço como ao jantar, senão gallinha.

As ordens do rei foram cumpridas. O bom franciscano não comia senão gallinha—gallinha de todas as formas, gallinha cozida, gallinha assada, gallinha ensopada, empadas de gallinha, gallinha de fricassé, ao almoço, ao jantar, a toda a hora, e já não podia ver gallinhas, supportar gallinhas, cheirar gallinhas. Começou a não comer, a emmagrecer, a definhar—até que resolveu queixar-se ao rei.

— Já não posso comer mais gallinha, meu senhor... Dou a alma ao Creador se Vossa Magestade me não muda a dieta...

Logo o rei, curvando-se sobre o hombro do frade, segredou-lhe:

— Já Vossa Paternidade fica sabendo para seu governo:

« Nem sempre gallinha, nem sempre rainha... »

A vergonha do rei

Havia temporadas em que D. João V apparentava um certo recato nas suas aventuras extra-conjugaes. Quando mandava pôr a liteira para ir a Odivellas visitar a Madre Paula, embuçava-se num grande capote alvadio e descia sobre os olhos a viseira de feltro do sombreiro. Só pela altura do «Arco dos Pregos» é que se desembuçava.

Dizia então o seu amigo Coculim, referindo-se a este pormenor dos passeios a Odivellas:

— E' no «Arco dos Pregos» que el-rei perde a vergonha!

D. João V e o

Padre Antonio Vieira

O rei detestava o estylo do padre Antonio Vieira, a emphase empolada e severa, e ao mesmo tempo o feitio amaneirado e artificial dos seus sermões.

Um dia, o desembargador Marques Bacalhau esqueceu-se da antipathia do rei pelo grande orador sagrado e elogiou diante de D.

João V o estylo magistral do celebre jesuita.

— Quê?! Também gostas de trique-traques? atalhou o rei, carregando o sobro'ho para o corregedor. Também entendes de trique-traques?

Uma lição espirituosa

D. João V era auctoritario como um Cesar. Um dia, porém, afastando-se da praxe, o marquez de Ponte do Lima permitiu-se discordar de certas affirmações do monarcha.

D. João V não poudo reprimir a surpresa de se vêr contradictado por um dos seus cortesãos e desabalou o seu espanto.

— Mas então, se eu te mandasse atirar ao mar, não corrias immediatamente a deitares-te á agua para obedecer á minha ordem?

O marquez não respondeu, tomou a capa, o chapéo, o espadim, curvou-se diante do rei numa profunda mesura, e ia para sahir, quando D. João V o chamou:

— Aonde vae, Marquez?

— Aprender a nadar, meu senhor!

Carnaval politico

— Muitos candidatos andam por ahi fantasiados de boas intenções.

— Nessa não caem elles, são todos muito religiosos.

— Porque?

— Porque dizem que hoje o dia é de voto.

6



Um carro do Carnaval de Paris no tempo da Restauração

A maior lastima que ha nestes tres dias de Momo é a versalhada sem pés nem cabeça dos «cordões» e dos «blócos».

O peor da cousa é o acolhimento integral que alguns jornaes dão a essas barbaridades.

E entretanto ha quem affirme que somos um povo de poetas!

Ecos do Boulevard

CORRESPONDENCIAS DE PARIS

POR PAULO DE GARDENIA

Decadencia do scepticismo

Quem conheceu Paris antes da guerra, quem se habituou e educou o espirito com a litteratura voluptuosa, um pouco dissolvente, verdadeiramente inebriante, que precedeu a Grande Conflagração terá, vendo a Paris actual — silenciosa, tranquilla, sem luzes nem prazeres, sem Montmartre, sem «fumeries d'opium», sem «balsmasqués», austera e heroica — o espanto de um milagre. E, se fôr homem de virtudes, erguerá os braços ao ceu agradecendo ao Mui-o-Alto o prodigio da transformação.

t Paris foi a cidade magnifica, a mulher accessivel de mil sorrisos, á qual tão bem ficava o verso de Castro Alves «rainha e corteza»; nella foram concebidas quasi todas as obras-primas da civilização contemporanea: o «Lys Rouge» e as toilettes do Paquin, os versos de Musset, os perfumes de Bichara e o «Penseur» de Rodin.

Vêr Lutecia era assistir á resurreição, numa mesma cidade, dos esplendores de Ecbatana, de Memphis, de Coryntho e de Ninive, de Roma e de Alexandria. A humanidade parecia ter reunido, numa mesma epoca e num mesmo local, todas as maravilhas das antigas civilizações — a opulencia babilonica, as delicias orgiasticas de Coryntho, a duvida, o requintado cansaço alexandrino, e a lascivia profunda de Ecbatana, e as aberrações esthetico-carnaes de Ninive. E, do alto, desta especie de «Acropolis montmartrois» que é o «Sacré-Cœur», em vez da castidade christã parecia presidir ao delirio immenso a impassibilidade immortal da Divina Athenéa !...

Foi a epoca das loucuras, dos excessos, da alegria clangorante, das paixões, do prazer omnipotente — a apotheose das mucosas... Lutecia transformára-se n'um jardim de delicias, onde as sensações eram flores cultivadas e odorantes, faceis de colher e agradaveis de aspirar.

O mundo, rendido, olhando-a na posição extatica dos crentes, adorava-a. E para o alto subia, como psalmos, como hymnos, como preces, a harmonia pagã de sua litteratura, a graça radiosa de sua poesia, o odor aphrodisiaco de suas artes.

Paris sorria, amava e, esgotada, descreia — era sceptica. Anatole

France refinava o sorriso corrosivo de Voltaire, que durou um seculo, reproduzindo, com a mesma tristeza, a graça perfeita e esteril de Luciano de Samosata.

A mocidade — roseiral do mundo — alimentada com tal seiva surgia já fenecida, e as flores que desabrochavam eram seccas como flores mortas, sem brilho e sem aroma.

Ninguém acreditava mais em nada — nem nos deuses nem nos homens. A vida era um momento insignificante e inexpressivo; o homem, um enigma caminhando para outro enigma — a morte; a felicidade, impossivel na terra, inexistente no ceu, pois o proprio ceu não existia...

A propria fé materialista, no valor da sciencia, no acervo de conhecimentos que a humanidade vinha accumulando no correr dos seculos, fallira. Só o prazer — o prazer carnal immediato — era o vago refugio onde o homem podia, por momentos, esquecer a miséria da vida.

Mas, subitamente, o barbaro, como outrora, rolou da Germania em avalanches... A França, ainda coroada de rosas, ainda ebria de prazer, meio louca, meio sorridente, sentiu, pela approximação do perigo, pela approximação fulminante do inimigo terrivel, o seu antigo sangue heroico refter nas veias: «Gesta Dei per Francos!» Ergueu-se de um salto, atirou a corôa de rosas e, abandonando o «maillot» aphrodisiaco de Mme. Recamier, tomou a lança e a armadura de Joanna d'Arc.

Foi o milagre. E o scepticismo foi desaparecendo das almas vertiginosamente. Uma suave esperança alentou de novo os corações. Foi como uma alvorada, como uma transfiguração: a patria resurgia. O prazer molle, languido como um oleo perfumado, em que ella mergulhara, desaparecia. E a Dôr, vigorosa e fecunda, começou a arrancar, das raizes remotas da alma da raça, os primeiros sons de uma nova esthetica, ainda indecisa, pallida como os primeiros raios de sol de uma pallida manhã de primavera.

TOUT VIENT DE LA DOULEUR...

A Dôr é a grande geradora de prodigios e de belleza. E' a fonte d'onde correm todas as inspirações humanas. Os deuses são estereis porque nunca soffreram.

Eu creio que a litteratura fran-

ceza, após a victoria — que «helás!» ainda esperaremos longos dias — será completamente differente da que precedeu a guerra.

Agora mesmo, atravez dos livros banaes, todos mediocres, que têm apparecido — entre os quaes só um parece menos máo: «Le Feu», de Barbusse — já se sente a decadencia do scepticismo. O scepticismo, aliás, só apparece nas epocas pacificas e opulentas. O homem, no prazer, aborrece-se e descre; na dôr, soffre e espera... O momento já não comporta a despreoccupação sorridente, a divina «insouciance» espirituosa que foi o segredo e o encanto da Paris de outrora.

Que esthetica surgirá, pois, desta immensa nebulosa que é a civilização actual em decomposição? A interrogação paira no ar sem resposta.

Eu julgo que a litteratura entrará em decadencia; que surgirá uma epoca prodigiosamente industrial; que uma febre de negocios se apoderará dos homens e das nações. O mundo devastado exige um esforço tremendo para reconstrui-lo. Como pensar na poesia e nas artes — as mais inuteis manifestações da intelligencia? Não teremos uma grande litteratura. Em compensação teremos milagres de industrias novas, descobertas scientificas, methodos praticos para intensificar a cultura dos campos, por toda a parte a intelligencia humana applicada a refazer o palacio da civilização em escombros. E os annos passarão para que outras gerações possam então pensar, novamente, nas artes, na poesia, nas coisas amaveis que embellezam a vida. E nós não assistiremos a esse refflorescimento... E' o scepticismo que morre, e com elle a nossa civilização, os nossos prazeres, a nossa litteratura, toda a seiva mental que nos alimentou durante um seculo.

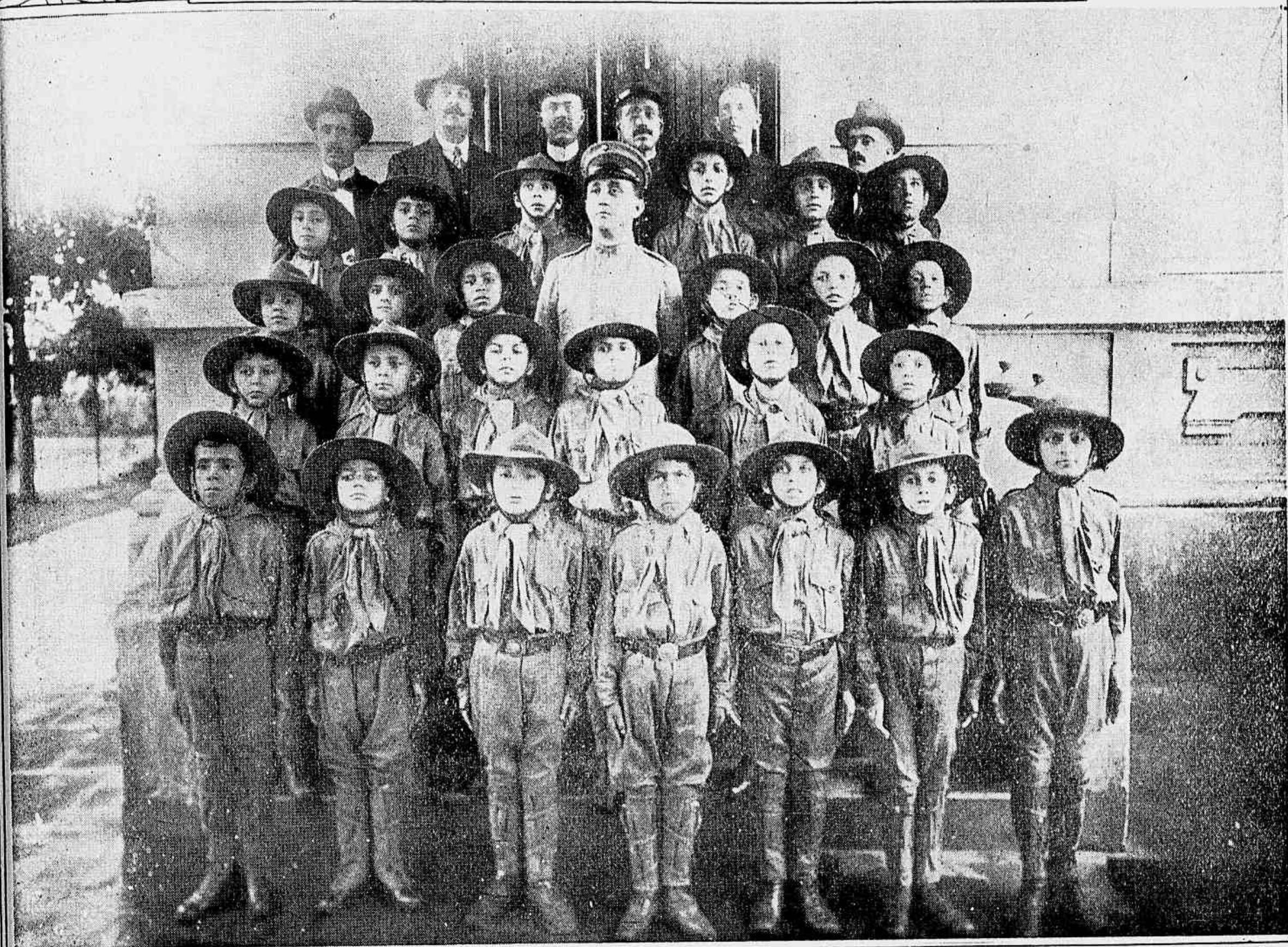
A Duvida vae desaparecer da terra. Novos deuses vão surgir. E, como todos os deuses jovens, elles não permittirão nem a descrença nem a ironia suave que é a unica razão de ser para os homens subtis...

TOUT VIENT DE LA DOULEUR !
TOUT FINIT DANS LA DOULEUR...

Passy, 22 Dezembro 1917.

PAULO DE GARDENIA

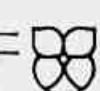
Os Escoteiros de Limeira..



Um grupo dos 200 Escoteiros de Limeira, S. Paulo, terra natal do nosso confrade Sebastião Sampaio, secretario do "Jornal do Commercio", do Tiro Brasileiro da Imprensa, que se vê no meio dos meninos fardado de atirador.

Sebastião Sampaio fez nessa ocasião uma conferencia patriotica em beneficio dos mesmos Escoteiros.

Ao alto a Directoria dos Escoteiros: Deputado Federal Dr. Joaquim Augusto de Barros Penteado, Miguel Coimbra, Octaviano Rodrigues, Mario de Souza Queiroz, Afranio Gama e o sargento instructor da Policia paulista.



CHANSON DE PLAGE

215

La lune blondit la plage
Que l'onde vient caresser,
Le ciel profond s'ennuie,
Il est minuit... viens rêver !..

L'immensité du ciel pâle
Se déploie sur nous, là-haut...
La mer, à nos pieds, étale
L'immensité de ses flots...

La brise, soufflant du large,
Fait voltiger mes cheveux;
Il n'y a que nous sur la marge
Du glauque océan douloureux...

Les vagues, au loin, s'irrisent
D'étranges feux incertains,
Et sur le sable se brisent
Avec un bruit de sequins.

Comme un grand œil qui s'effare,
Tremblotant à l'horizon,
Là-bas... tout là-bas... le phare
Laisse traîner son rayon...

Le clair de lune auréole
Ton front penché vers mes yeux...
Et le flot, qui se désole,
Semble chanter pour nous deux...

Nous sommes seuls... Tout est rêve...
Tout est sommeil... Oublions
La vie, hélas, qui s'achève
Sans la joie que nous voulions!..

Goutons la saveur divine
De ce trop rapide instant,
Le ciel est un dais d'hermine
Sur des eaux d'un bleu d'argent...

Ne me dis rien... l'heure est belle,
Trop belle, pour t'écouter...
La mer immense étincelle...
Il est minuit... viens rêver !

B. F.

No baile

- Eu gosto mais das dansas antigas, a polka, a mazurka, a quadrilha, a valsa...
- Eu prefiro as modernas: one-step, tango, maxixe de salão, dansa do urso.
- Cá para mim não ha como a dansa da crise.
- A dansa da crise?
- Sim, a dansa do ventre.

Alternativas do

Carnaval francez

A França apresenta uma série de disposições que indicam como os poderes publicos se preocuparam com a regulamentação do Carnaval.

Carlos Magno quiz prohibir as mascaradas, mas teve contra si a Egreja, e foi vencido; em 1399, Carlos IV prohibiu as mascaradas; em 1509, o Parlamento renovou a prohibição; em 1514 a mesma interdicção; em 1535, 1539, 1562, 1575, 1592, prohibição de mascaradas pelas ruas e do povo acompanhar tocadores de instrumentos, sob pena de castigo imposto aos perturbadores da paz publica; em 1720 foram permittidas as mascaradas, mas foi prohibido aos mascarados levarem bastões e espadas, ou fazerem com que seus laços os levassem. De 1790 a 1798, foi o Carnaval formalmente interdicto. E a partir de 1798 são tantas e tão diversas as disposições policiaes que seriam necessarias paginas e paginas para sua enumeração.

A 3.^a Domingueira do Club S. Christovam



O Esmaltes e camapheus

I. D. L.

Morena, nervosa, typo de meridional com hábitos ingleses, jogando o «tennis», envolta em «toilettes» d'uma simplicidade fascinante, Mlle. é filha de diplomata estrangeiro ligado ao Brazil por fortes e indiscutíveis laços. O seu nome é particularmente grato aos nossos corações, pois recorda a herdeira presumptiva do throno que ligou seu nome ao episódio mais liberal da nossa evolução. No trem de Petropolis, discutindo em inglez, com sua «raquette»; no ardor das partidas, percorrendo o «court», cheia de vivacidade, esgarabulhona, espirotuosa, ou cuidando da sua collecção zoologica, no parque maravilhoso da Embaixada, nas Aguas Fereas, Mlle. é a mesma missionaria dos encantos, da formosura e intelligencia da patria que é o tronco da nossa. Seus olhos negros, nas arcadas perfeitas das orbitas, são flagrantes da raça de sonhadores, acostumados a olhar o horizonte enigmatico dos mares «nunca dantes navegados». Com hábitos sportivos e na gaiola da educação ingleza, Mlle. não se deu

conta ainda das admirações que a cercam no Rio, mas isso não evita que ellas augmentem sempre. A circumstancia de falar o mesmo idioma, com o sotaque gentil de seu paiz, influe na conquista de sympathias que a sua figurinha nervosa, inquieta e simples realisa por toda a parte.

G. de M. S. M. G.

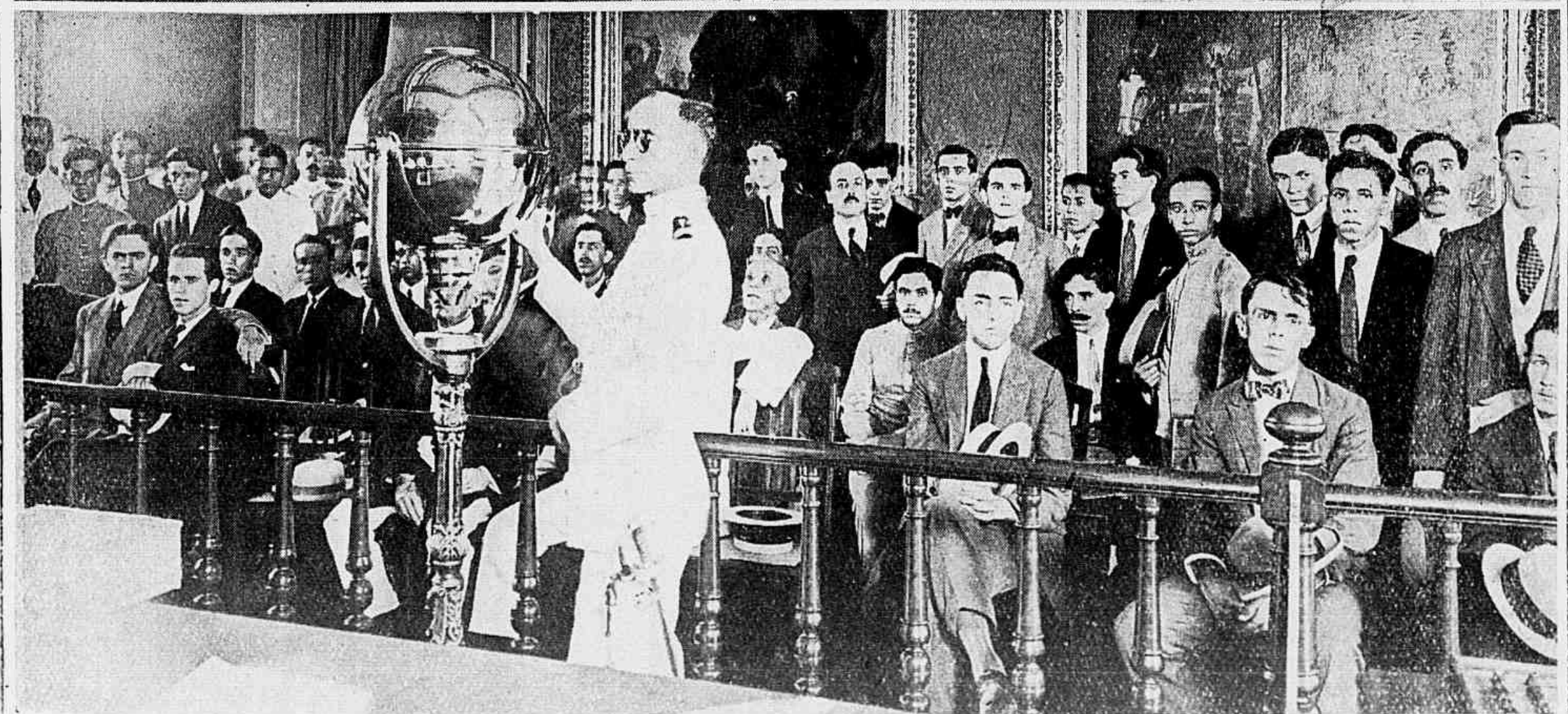
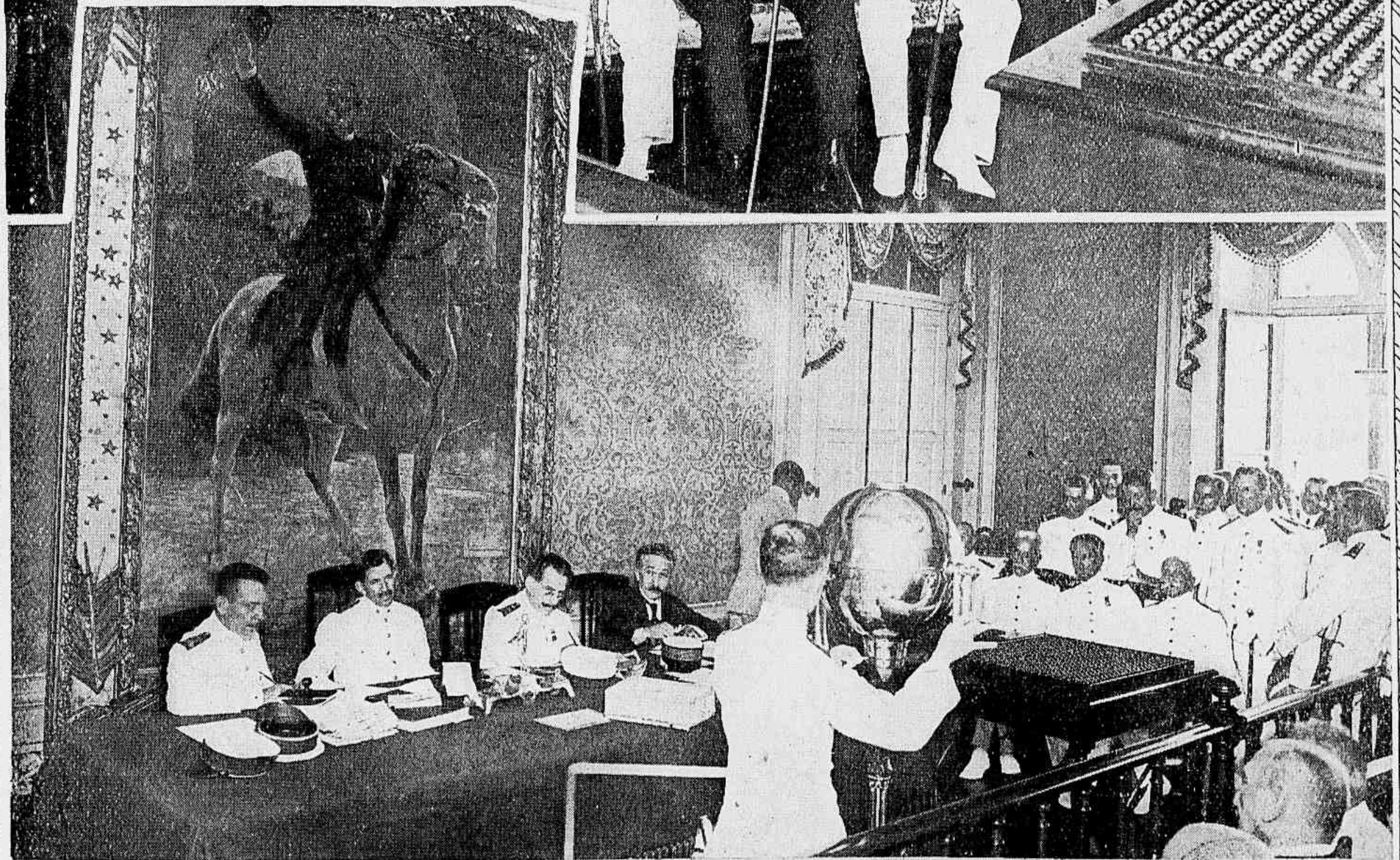
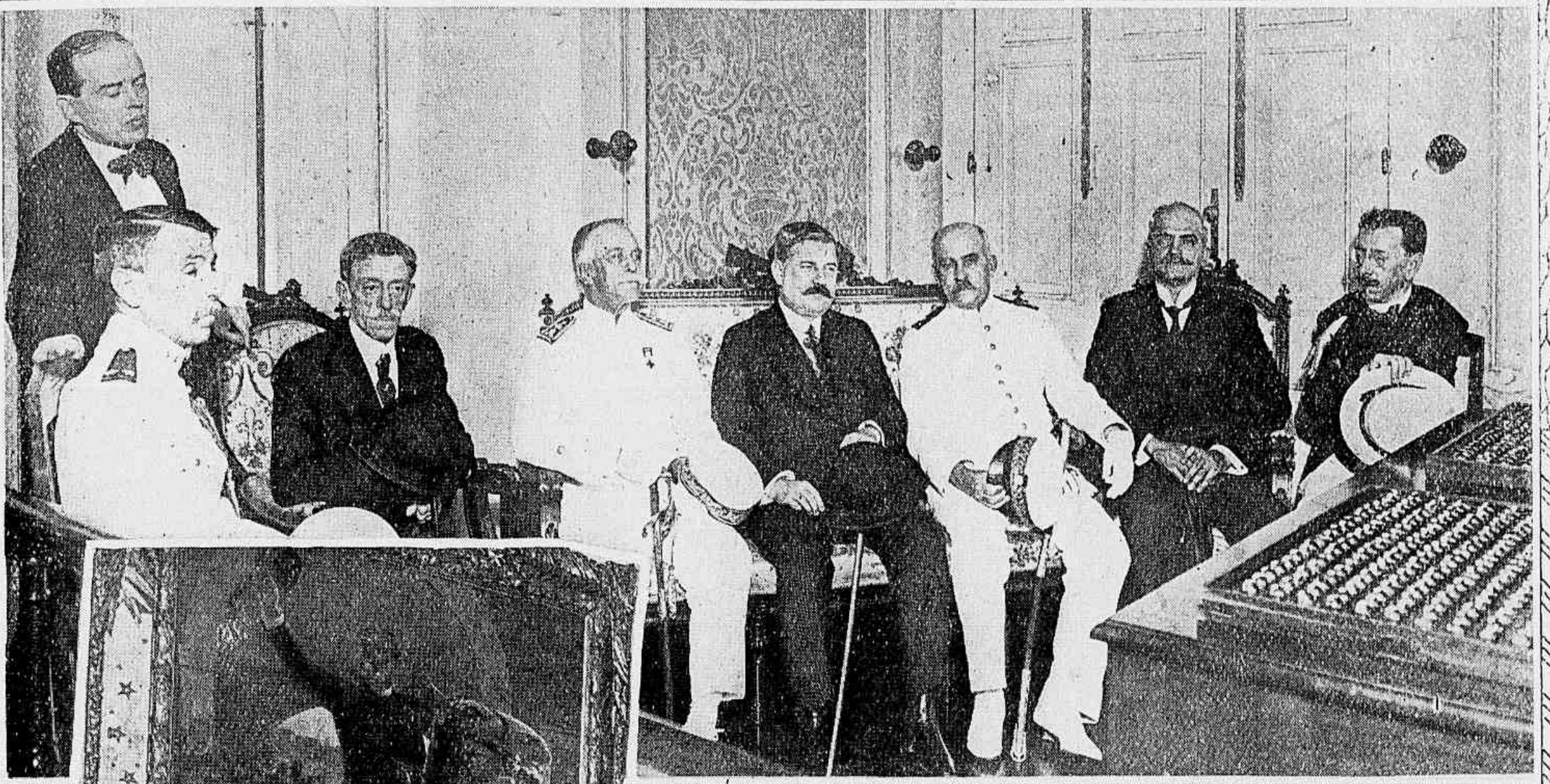
Conserva na extensão do nome o signal das duas illustres familias de que é rebento interessantissimo. Espirito culto. Leitora dos poetas nebulosos da Belgica, armada de uma curiosidade intellectual pouco commum, tamalavez sceptica, Mlle. é uma rara companheira. Com ella é possivel manter-se a palestra acima do nivel frivolo. Por que, possuindo tantos requisitos, Mlle. não escreve? Essa a pergunta a que já respondeu allegando temores de passar por «bas-bleu». Isto prova rigor e injustica para com ella mesma, estigma de intelligencia a mais. Muito sóbria na elegancia, entusiasta da dança, não occulta as suas preferencias pelos ingleses e pelos «yankees», apesar da litteratura franceza constituir a sua occupação quotidiana... Talento, modestia e aptidão critica são ele-

mentos que fortalecem a sua personalidade. Fazendo parte do microcosmo taful que enfeita o Rio durante o inverno e anima Petropolis nos mezes de verão, mantem uma perfeita autonomia de espirito.

L. F.

E' uma silhueta de recorte muito patricio. Morena, rostito redondo, olhos negros e bulicuos. No escritorio da sociedade carioca é das joias mais ambicionadas. Recita com extraordinario encanto. Num chá dos «Diarios» essa qualidade valeu a Mlle. o penhor dum admiravel esfervilhar de cortezãos. Em seu entono cheio de magestade aconselha, porém, todas as cautelas. Por isso conhecido chronista elegante espera ainda receber as provas duma sympathia discreta e tacita. Actualmente em Petropolis Mlle. continúa alvo de todas as gentilezas nas rodas mundanas. Dançando com muita graça é disputada nos «thé-tangos». A collecção de «toilettes» em cores vivas, os chapéus, os ademanes de melindrosa emprestam ao perfil de Mlle., na revoadá bulhenta das elegantes cariocas, uma nota original e de effeito.

A Ceremonia do Sorteio Militar do Districto Federal, presidida pelo Sr. Presidente da Republica

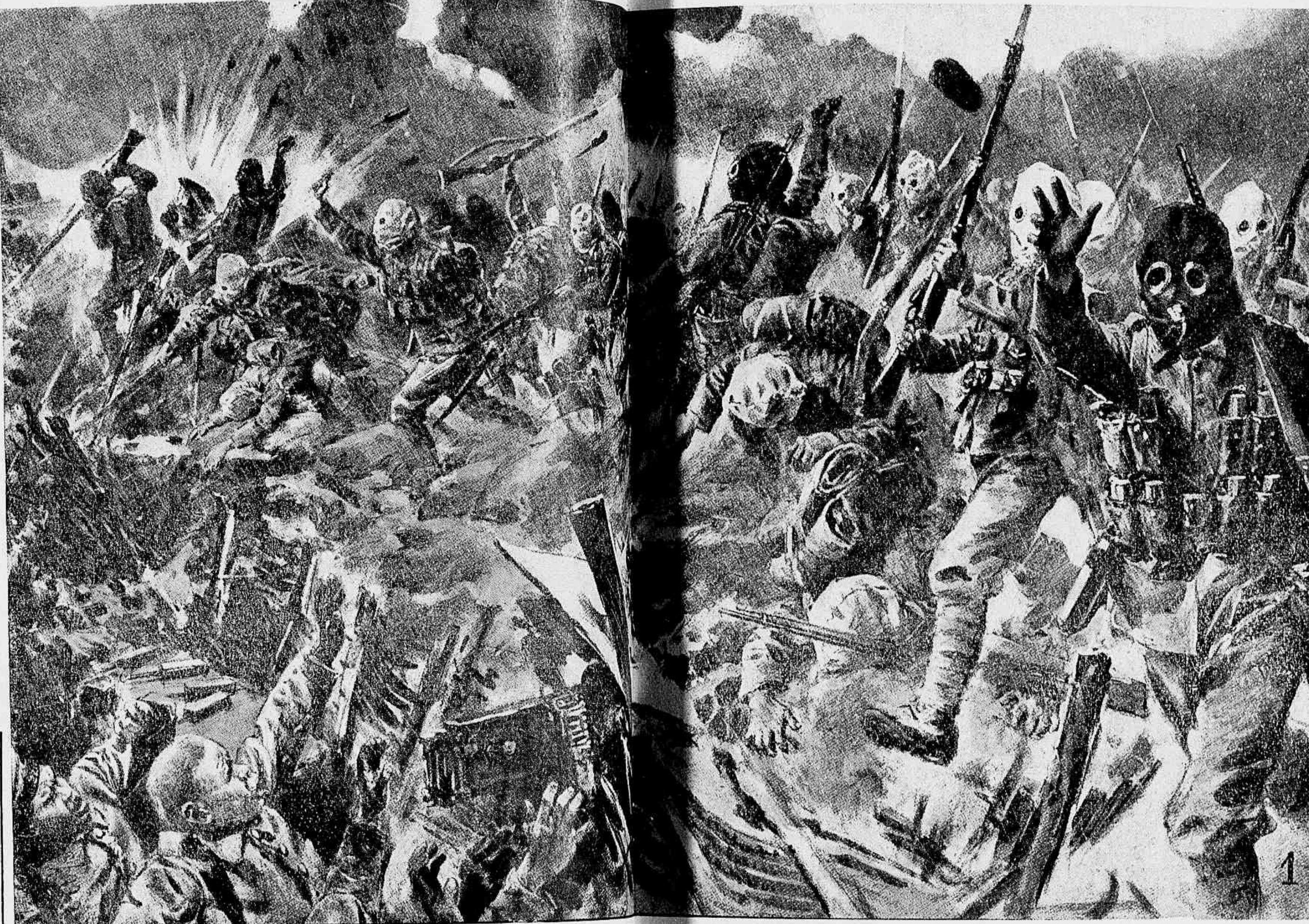


A MASCARA DA MODERNA TRAGEDIA



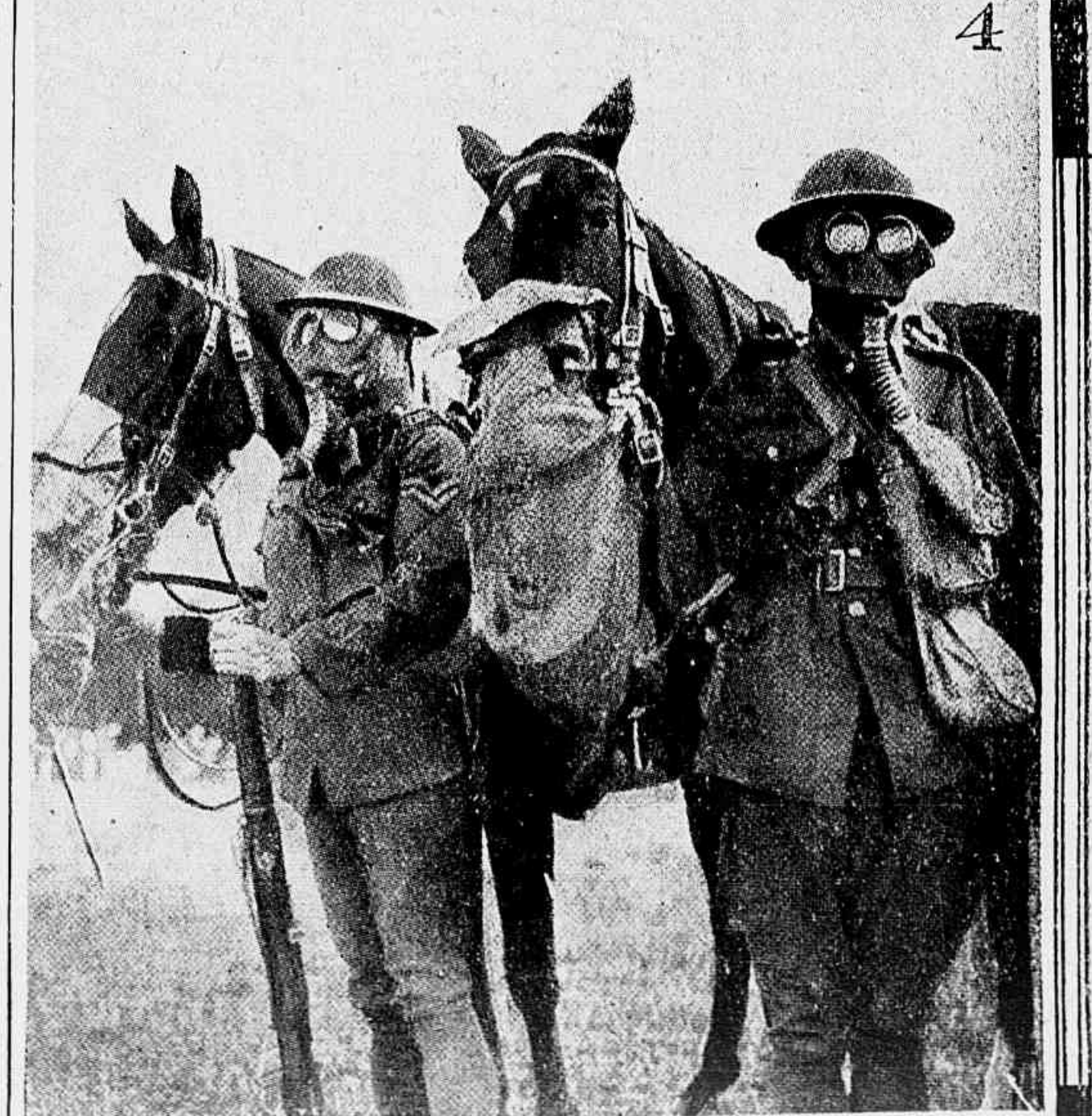
Um official francez com a mascara de combate

1 — O primeiro grande combate em que as tropas inglezas usaram as mascaras contra os gazes asfixiantes, (Loos, Setembro de 1915.)
2 — A hedinda mascara contra os gazes asfixiantes.



Soldado francez. "neffoyeur de franchée"

3 — O reaparecimento da mascara do gladiator romano. Exercicios de assalto num campo de concentraçao do exercito inglez.
4 — A mascara do guerreiro e a mascara do cavallo contra os gazes asfixiantes





O baile dos "quartz'arts"

Domingo á noite, nos salões do antigo «High-Life», realisa-se a primeira tentativa, no Rio, de um baile organizado segundo as tradições do famoso baile dos artistas parisienses, que constituia a mais escabrosa gloria do contemporaneo carnaval de Lutecia.

Ninguém ignora o que era, no Paris de antes da guerra, o baile dos «quartz'arts», organizado pelos estudantes e artistas — pintores, esculptores, musicos e literatos — e que attingira, custeado pelas dadias generosas de ricos libertinos e millionarios excetricos de ambos os sexos, as proporções de um espectáculo sumptuoso, com cortejos deslumbrantes e carros apotheticos. Primitivamente, o baile dos artistas de Paris era uma voluptuosa festa de alegria, mas degenerou depressa em uma bacchanal, desde que as grandes cortejãs se juntaram aos «modelos», ás «midinettes» e ás «petites amies» do «Quartier latin». Comtudo, o famoso baile das quatro artes conservou alguma cousa do seu caracter primitivo. Os artistas mantiveram ciosamente os seus direitos e os convidados eram uma minoria, tão grandes as dificuldades em obter um ingresso ao sabbat orgiaco. Sendo Paris um meio artistico excepcional, em que vivem milhares de artistas de todas as nacionalidades e de todas as artes, o baile dos «quartz'arts» poudé guardar, quasi intacta, a sua physionomia

original. O mesmo não se dá no Rio, onde é difficil imprimir ao baile do «High-Life» o caracter de uma festa de artistas.

Sem querermos discutir se a occasião para essa iniciativa é ou não opportuna, coincidindo com a entrada do Brasil na guerra, é para receiar que o baile organizado sob a égide dos artistas degenerere numa edição a mais dos bailes dos clubs carnavalescos, com as mesmas figurantes, os mesmos maxixes, a mesma alegria ficticia.

Não está em nós censurar os promotores do baile do Domingo. «Il faut que jeunesse se passe...»

Os nossos votos são para que nelle conservem os artistas a maioria e que elle encontre na exuberancia natural da juventude a justificação, senão a absolvição, dos seus excessos...

O Carnaval de outros tempos

Reproduzimos neste numero da «Revista da Semana» algumas das scenas do carnaval carioca de ha 37 e 40 annos, do tempo da bisnaga e da seringa, avós veneraveis do lança-perfume. Angelo Agostini, que cada vez se mostra mais ser, perante os contemporaneos, um caricaturista admiravel, fixou nessas composições humoristicas as inconfundiveis características do nosso antigo carnaval, com os seus cortejos, os seus bailes e as suas figuras typicas. E' melhor do que o de então o carnaval de agora? Os velhos dizem que não, meneando tristemente a

cabeça; mas o testemunho dos velhos é suspeito, porque o seu depoimento soffre do inevitavel amargor que lhes causa o espectáculo da alegria alheia. Elles não são mais jovens e o carnaval é a festa da juventude. Os velhos affirmam que no seu tempo havia mais alegria e mais espirito, que eram mais lindas as mulheres. Essa opinião retrospectiva não perturba as novas gerações. Tempo virá em que os moços de hoje terão sobre o carnaval futuro as mesmas opiniões que os seus avós professam sobre o carnaval actual.

○

No armarinho da esquina:

— Quero um vestuario original, de eleição, por exemplo.
— De eleição? Para que?
— Para o carnaval.
— ?!
— Sempre ouvi dizer que a eleição é uma fantasia.

○

— Eu sou contra esse pagode gordo. Estamos em guerra...
— Ora! Na guerra tambem ha carnaval.
— Homéssa!
— E' o que lhe digo. Até as baterias são mascaradas!

○

No theatro:

— Coisa exquisita, desde que rompeu a guerra nunca mais vi a actriz Granada numa peça!

Semana Elegante

Dialogo sem norte...

A's onze. «Assyrio», quarta meza, á esquerda.

Não ha um logar vasio. De pé, innumeradas pessoas. A luz não chega a ser demasiada. Somos quatro. E' um numero que permite a conversa. Conversamos.

— Alguma cousa que me calme os nervos?

— Ir-se embora.

— E precisando ficar?

— Fechar ouvidos e olhos...

Espalharam hortensias sobre o alvor da nossa toalha. Um de nós compara-as a mariposas côr de ceu. No ambiente em que nos achamos, a imagem se salva, mesmo porque as imagens só valem por oportunas.

A orchestra, já sem o doce encanto de Marie Louise, toca um «rag-time». Dansam.

— Uma toilette inebriante a de Ninon Bonjour...

— «Vraiment souple», a da senhorinha Dulce de Camargo.

— Delicioso, tambem, o decote da sra. Camargo.

— Este caviar ainda é do tempo de Nicolau Romanoff?

— Veiu depois de Lenine...

— Aquelle par, D'Utra?

— O «encantador» Barros e a senhorinha Duarte.

— E... aquell'outro?

— Morde aqui... Não te lembras? A Juanita das Coplas... e elle o «croupier» Adhemar...

— Bons tempos!

— Carnaval... uma convenção, como tantas outras... rehabilitar-nos-hemos com a manhã de cinzas...

— Os valores se confundem...

— Excepto os Moraes... segundo uma velha convicção familiar...

Sobre um «rag-time», outro. E applausos. Sempre applausos.

— Adoravel, meus caros, adorabilissimo!

— Está alli, tambem, a Inah Amaral.

— Parece pensativa...

— Cultiva... Cada vez que a vejo, advinho logo o que lhe vae pela cabecita dourada: «que devo fazer-lhes ou dizer-lhes para que lhes pareça curiosa?»

— Dir-nos-á o seu tédio... após haver revolteado vinte tangos.

— Finalmente, ainda sobram razões a D. Francisco Manuel, em quem o Camillo deparou a dupla celebridade do talento e da desgraça...

— Trouxeste-o alguma vez aqui?

— Ando quasi sempre com elle... As-

sim, agora, está a dizer-me que os maldizentes, indo a accusar uma pessoa, não acertam logo; e por ventura infamam as que andam junto d'ella.

— Dize-me com quem andas...

— Pára um instante junto á nossa meza uma rapariga de Napoles. Bate no hombro de Ricardo Isaias, cantarola tres versos de uma canção em que ha saudade e sangue, e ri um riso claro de alegria envinhada.

Depois, o diplomata Araujo e a filha mais moça, uma formosura ingenua de vinete primaveras.

— A Laurinha... a mais moça... está



Senhora Mario Guastini, esposa do nosso brilhante collega sr. Mario Guastini, sub-secretario da edição paulista do «Jornal do Commercio», e seu filhinho Eduardo.

tonta e põe-me tonto...

— Dizem as folhas que são sete dias curtos de alegria, num periodo longo, de um anno, todo de tristeza...

— Por mim, não teria vindo... minha mulher, as meninas... e, depois, a gente acaba gostando e dando-lhes razão... De facto, filhos, vale bem a pena... o Rio é tão monotono...

A nossa meza continúa sendo visitada. Ora, uma «chanteuse»; ora um chefe de familia exemplarissimo, que se faz acompanhar das filhas primaveris.

— Felizmente, o habito não permite

que, depois desta deliciosa mistura, a Ninon Bonjour procure no seu bello palacete das Laranjeiras a Laurinha Araujo, botão de rosa que vae entreabrindo as primeiras petalas...

— Ora, talvez seja a Laurinha a procural-a para um numero de canto em festa de caridade...

— Possivel, mas em companhia do pae.

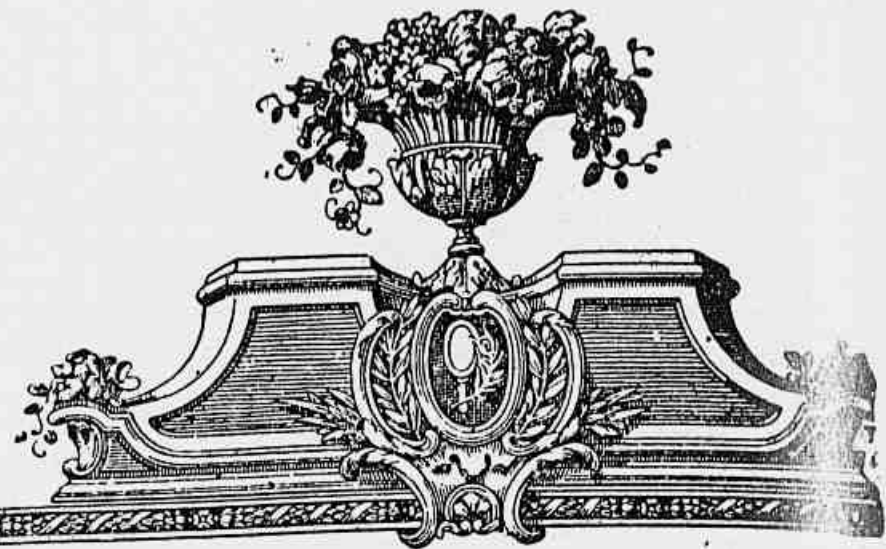
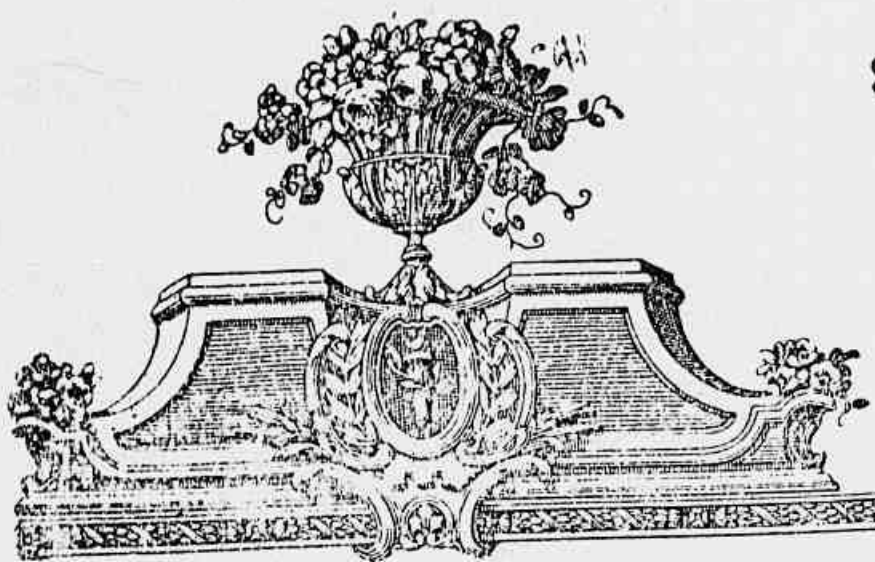
— Quando casar e houver ficado o costume de bem fazer, não terá o papae a seguil-a, e o marido póde extranhar.

— Queres, á força, fazer o philosopho.

— Eu não quero nada. Apenas sublinho certos habitos, desejoso, talvez, de melhor entendel-os. Vivo aqui e, por maior que seja o meu esforço, ainda não consegui comprehender nada disto. Duas vezes por semana, subo o môro de Santa Terêsa, em visita a uma velha tia, que dansou no Paço e trouxe os princepsinhos de Orleans ao cóllo. Ella anda pelos setenta e cinco. Falla-me do passado. Lê sem oculos. Está, assim, ao par de quanto se faz cá fóra. E, sempre que lhe falo da nossa vida mundana, sacode os hombros magros, balança a cabeça, semi-cerra os olhinhos negros e tristes, para dizer-me que tudo isto é profundamente mau, immensamente errado, irremissivelmente fóra dos habitos da familia brasileira, de que ella se présa de fazer parte...

— A pobre velhinha acaba por jurar que foi a Democracia que nos trouxe a satyriasis do Carnaval e as relativas facilidades que nos rodeiam. Mas, só por isso, não pagaria a pena coroar D. Luiz Felipe I... Mais uma taça, meu Ricardo! E esta em honra de El-rei Momo centenário! Ri, homem! Atira um punhado de beijos á Xande, que está a provocar-te

com as serpentinas do tango argentino! Joga estas hortensias azues sobre a cabecita loura e virginal da Inah! E dansa, filho, sapateia, salta, guincha, bebe «Clicquot», canta, berra, ou... põe-te lá fora! Nem o proprio governo, com as suas bayonetas, conseguiria impor-se a esta gente. Se elle proprio capitulou! O seu conselho de parcimonia nos gastos... perdeu o equilibrio com a autorização para o carnaval... Os recursos contra a espionagem... traduzem-se no aspecto delirante de toda uma população fantasiada...



— E V. ainda lembra o estado de guerra!

— Eu não lembro a guerra, homem! Mostro sómente um dos raros momentos de sinceridade deste povo. Quem o viu, sôto pelas ruas, pedindo a guerra, impondo a guerra? Só o governo que prohibiu os meetings.

— Nos paizes como os Estados-Unidos, ha os «directores de energia», entidades officiaes incumbidas de estender a todas as camadas populares o enthusiasmo pela guerra. Na guerra, esse enthusiasmo é a unica maneira de garantir aos governos a liberdade de acção...

— Mas, aqui, o povo só tem liberdade para espojar-se no carnaval. E, depois, não esqueças que, entre o povo e o governo, ha uma entidade que não faz nada porque receia que tudo lhe fique mal — é o bacharel. E, sem elle, não ha «meetings» nem guerra...

— E quem concretiza essa entidade?

— Todos nós, os homens de frac, que esquecemos que o povo, na guerra, é toda a nação e que a ninguem é dado assistir de palanque ás manifestações...

— E, afinal, estamos aqui... sem coragem de gritar aos que nos rodeiam a nossa inferioridade!

— Espera, filho, faltam poucos dias... Depois do carnaval...

MARQUÊS DE DENIS



NOTICIARIO ELEGANTE

Anniversarios

HOJE — a senhorinha Maria da Gloria Teixeira; o jornalista Arthur Guaraná; o dr. Cid Braune; o dr. Moura Brasil (pae); o sr. Virgilio Lopes Rodrigues.

AMANHÃ — a baronessa de Paraná; a sra. Abigail Guimarães Braga; a senhorinha Alice Ribeiro Braga; a gentil Elsa, filha de J. Carlos; a senhorinha Lucy de Mendonça; o dr. Nina Ribeiro; o cel. Raboiera; o dr. Francisco M. de Barros Lima.

SEGUNDA — o major Henrique Boiteux; a sra. Altina Soares Pecanha; a sra. Helena Bittencourt Vianna; a senhorinha Helena Custodio Braga; o dr. Pedro Enéas Galvão; o galante menino Carlos Fernandes, filho do sr. José Fernandes de Sousa.

TERÇA — a senhorinha Eulalia Seabra de Vasconcellos; o dr. Firmino Dellinger da Graça; a sra.

Olga de Vasconcellos Abranches; a senhorinha Leonor Henrique da Silveira.

QUARTA — a sra. Adellna de Oliveira Guimarães; a sra. Olinda Rosa e Silva Sampaio; o jornalista Francisco Oberlander.

QUINTA — o sr. Gustavo Feijó; a sra. Alice Brandão dos Anjos; a senhorinha Abigail Mario Cabral; o dr. Guedes de Miranda; a senhorinha Cecilia José Saboia; o dr. Alfredo Balthasar da Silveira.

SEXTA — a senhorinha Zulmira Brandão; a galante Ethel Lourdes, filha dos condes de Leopoldina; o dr. João de Carvalho Borges; a



O sr. e a senhora Carlos do Amaral Pimentel e sua gentil cunhada, senhorinha Nair Teixeira Raposo.

graciosa Avany, filha do dr. Miguel Barbosa; a formosa Myrian, filha do dr. A. Victorio da Costa.

Festeja hoje o seu anniversario natalicio a sra. Albertina Dutra da Fonseca, illustre senhora das que mais encantos e sympathias possuem na nossa sociedade.

Casamentos

— a senhorinha Zaima Mendes Gonçalves e o sr. João Paulo da Silva Caldas.

Noivados

— a senhorinha Odila Marques de Oliveira e o academico Adelmaro Felicio dos Santos;

— a senhorinha Julieta Ferreira Pinheiro e o sr. Luiz Ferraz Pereira da Cunha.

— a senhorinha Mary Stephan Merray e o sr. Francisco Campos.

EM S. PAULO: — a senhorinha Maria da Conceição Rubião Salles e o sr. Luis Fellippe de Lacerda.

Os que viajam...

Deixaram o Rio: o senador Costa Rodrigues, para S. Luis; o jornalista Carneiro Leão, para o Recife; o secretario d'Estado Nestor Gomes, para Victoria.

Veranistas

PARA PETROPOLIS — o dr. André de Faria Pereira; o dr. Carvalho Mourão; o dr. Julio Brandão, filho; a condessa de Figueiredo; o commendador Boa-Vista; o dr. Costa Couto; o dr. Jorge Franco; o dr. Renato Avellar; o commendador João Rosario; o dr. Francisco Carney; o dr. Mathias Roxo; o cel. Cornelio Jardim; a sra. viuva Prudente de Moraes.

PARA TERÊSOPOLIS — a sra. Selda Potocka; o dr. Carlos da Silva Araújo; o cel. Alberto Oliveira.

PARA PÔÇOS — o senador Rivadavia Corrêa; o dr. Lauro Prates.

PARA CAXAMBÚ — o sr. Affonso de Visão; o gal. Mello Rêgo.

PARA FRIBURGO — o gal. Carlos Soares; o dr. Anibal Peixoto; a sra. Muniz Freire; a sra. Stoffel.

Diplomaticas

Occorre, amanhã, o anniversario natalicio do ministro Ruiz de Los Llanos. Figura das mais suggestivas, excellente homem de sociedade, o illustre plenipotenciario argentino receberá do grande-mundo carioca, onde gosa das melhores sympathias, innumeras felicitações.

— o ministro Irarrazaval Zañartú, que irá, breve, ao Chile, reuniu, no palacete Guahy, em almoço de despedida, o corpo diplomatico.

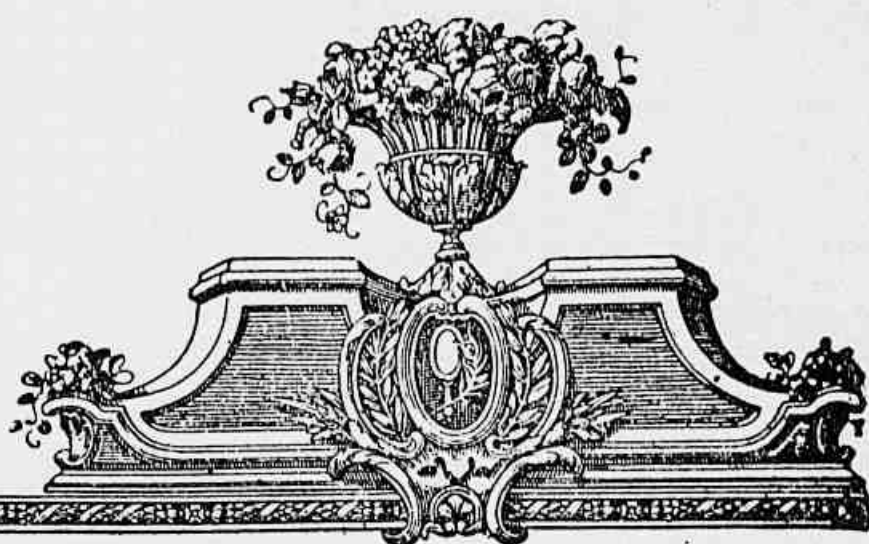
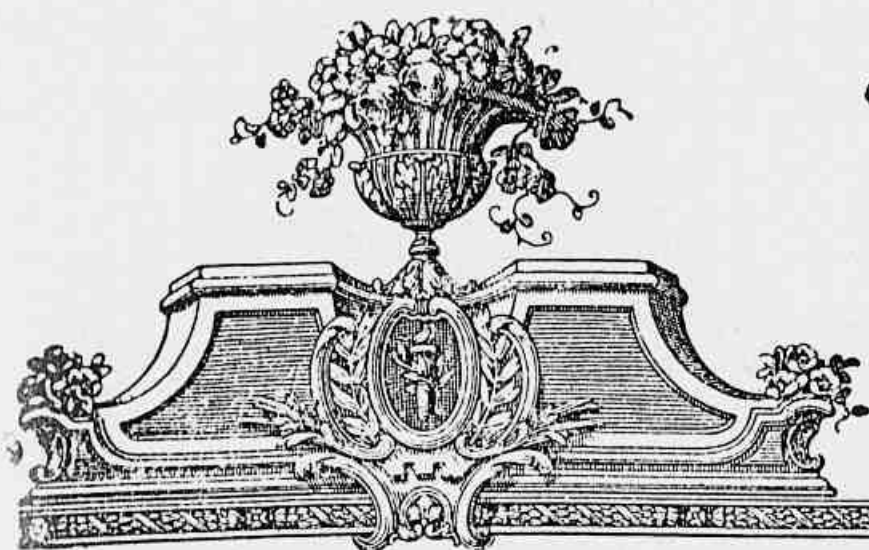
— o ministro e a sra. Osma Pardo acham-se veraneando no palacete do visconde de Silva, em Petropolis.

— por ter ficado sem effeito o acto pelo qual o sr. Nicoláu José Debbané fôra promovido a ministro residente e encarregado de negocios do consulado do Brasil no Egypto, veio a merecer essa promoção o primeiro secretario Oduvaldo Pachêco e Silva da legação em Paris.

— foram promovidos a 1.º secretario de legação: Gustavo Kelsch, Jarbas Lorette, Godofredo de Bulhões, Lucilio Bueno e Carlos Martins Pereira.

Em goso de licença, virá de Buenos-Ayres o ministro Alcebiades Pecanha. O illustre plenipotenciario brasileiro visita a patria, após longa ausencia. Nos muitos annos passados longe d'ella soube sempre honral-a, apparecendo, junto aos varios governos da Europa, onde serviu, como diplomata dos mais brillantes e cultos.

O GENERAL CELESTINO BASTOS, typo dos mais illustres do nosso



Exercito, que deixou o commando da brigada de artilharia do Rio, recebeu dos seus commandados valioso brinde, abrindo por essa occasião, o seu palacete para uma recepção em honra dos camaradas que o obsequiaram.

EM STA. TERESA, no hotel Internacional, a distincta sociedade que alli veraneia proporcionou á sra. Antonio Azerêdo magnifica festa, no seu dia natalicio.

S. M. o rei Victor Manuel III conferiu ao cav. José Martinelli a commenda da Corôa d'Italia, altissima distincção pela qual muito folgamos felicitar o importante industrial e commerciante.

Uma deliciosa reunião a que a senhorinha Carmen Flôres proporcionou ás suas amiguinhas, no palacete de Voluntarios da Patria, por occasião de seu natal.



Carnet de Mlle. Laura

«Meu amigo :

Se lhe disser que o meu tempo escasseia, rir-se-á de mim. E é verdade. As minhas matinadas no «Tennis-Club», as cavalgatas pela Westphalia, as recepções, as reuniões beneficentes, que já começaram, os bailes... tudo isto não me tira, apenas, o tempo: fatigame e tira-me, tambem, a disposição de escrever. Tanto assim que só o faço por ser-lhe agradável... e por muitas saudades suas.

... sabbado, com uma concorrência regular e distincta, tivemos o chá, em beneficio da Cruz Vermelha Brasileira. Levaram-no a effeito duas creaturas da maior elegancia, as sras. Pontes Camara e Ferreira Neves.

... muito nos agradou o piquenique arranjado pela Sylvia Navarro de Andrade, domingo, na Cascatinha.

... os hospedes da pensão Central estão fazendo um louvavel esforço por tornar attrahente a estação. Já lhes devemos algumas festas encantadoras. Agora já se nos annuncia, para amanhã, um baile á fantasia. Uma linda idéa das meninas Motta Maia, Hime, Machado Guimarães e Masset.

... Lembra-se V. de Oscar Rosas,

o curioso artista que tantas joias espalhou na poesia e prosa nacionaes. Suprehendi-o nas burilações de um poemeto, que elle chamará «Therêsa». E furtei-lhe dous dos seus sonetos, em que elle canta em versos limpídos uma saudade. Mando-lh'os para as suas paginas.

... Remember!

Laura.»

AUSENTE

I

Eu não a vejo mais, eu não a sinto,
A sua voz cessou-me de cantar;
Vagueio por horrendo labyrintho,
Por altas terras e pelo alto mar.

Saudade! Taça exotica de absyntho,
Eis-me de luto, livido, a chorar;
Procuro-a no vapor do vinho tinto
E nesse fluido glauco o lindo luar.

Abraço inteiro o leito que occupava
— Divina de belleza e mocidade,
Cheia de beijos, nuu altar de lava.

Busco vel-a na Morte, mas não creio,
E emerge da saudade outra saudade,
Outra e inda mais roxa, de permeio.

II

Valente Nau, que mares tão distantes
Perlustras, em roteiro quotidiano,
Que levas a nostalgicos amantes
Cartas e beijos através do oceano.

Esperança entre tanto desengano,
Galéra de soberbos navegantes,
Veleja para mim a todo o panno,
Espero ver os teus pharóes errantes.

Que noticias me trazes? Está salva?...
Finou-se num parcelo do Extremo Oriente?
Aporta ao coração no quarto d'Alva.

Não chega, emtanto, a ingrata mensageira...
Immerge pela cinza do Occidente:
Minh'alma vae-lhe em prantos pela esteira...

Recepções de anniversario

NO DIA 31 — as senhorinhas Sofia Urania Silvado e Maria do Carmo Soares Silva;

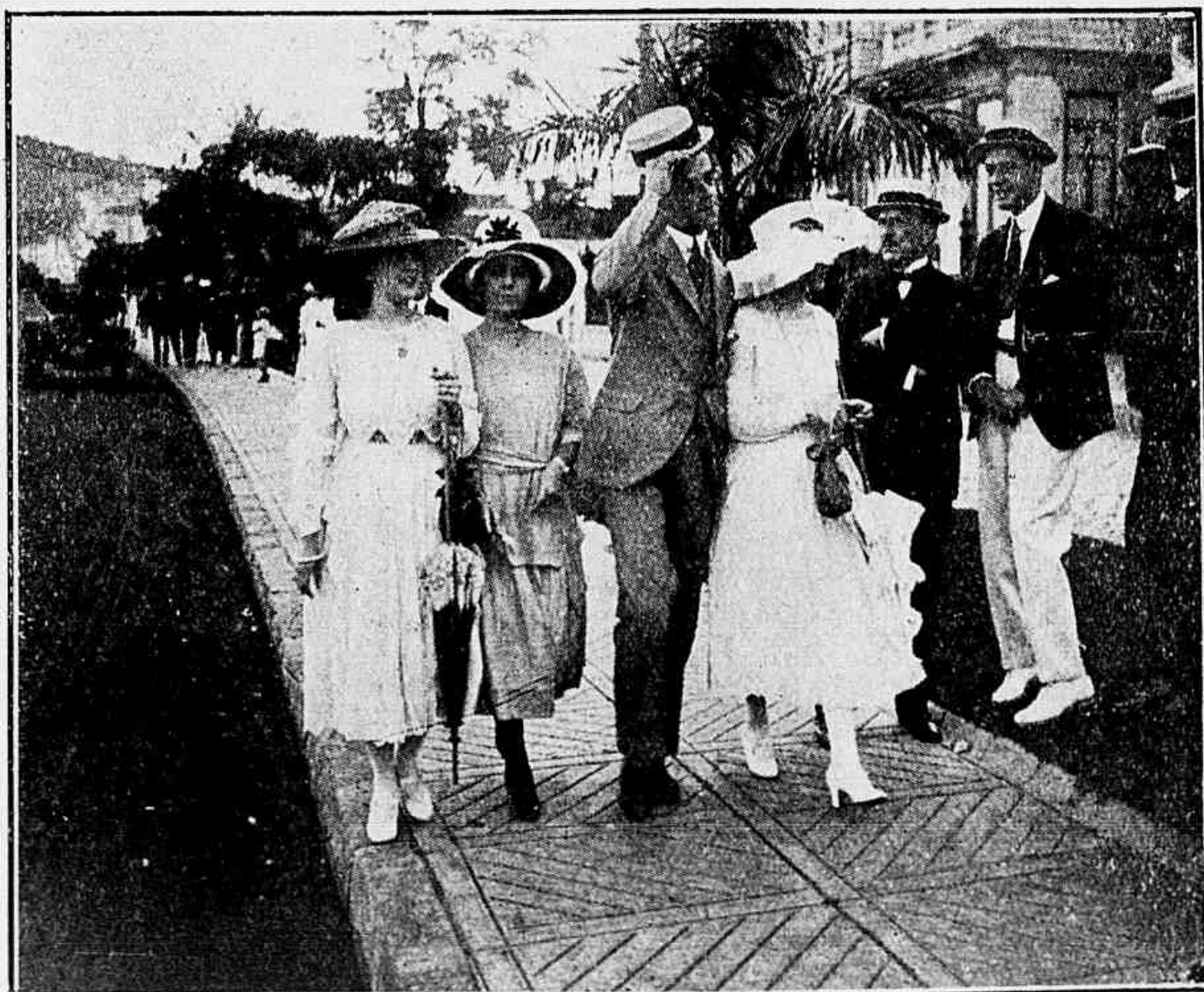
NO DIA 2 — a senhorinha Laurita Epitacio Pessoa.

NO DIA 5 — a senhorita Maria Ruy Barbosa Ayrosa.

As melindrosas

No seu proximo numero, a «Revista da Semana» iniciará a publicação da peça de costumes elegantes, de Eloy Pontes e Onaldo Machado, «As melindrosas». Em volta dos tres episodios dialogados que constituem a obra dos dois chronicistas formou-se uma atmosphera de curiosidade intensa. Murmurou-se e escreveu-se que era uma comedia «à clef», com personagens apenas levemente disfarçadas sob nomes de emprestimo: verdadeiros pseudonymos que não encobriam a authenticidade das figuras. Nada de menos exacto. «Melindrosas» é, de facto, uma satyra aos nossos costumes elegantes, mas que não melindra ninguém e sem o menor intuito de retratar quaesquer das nossas «encantadoras» e dos nossos irresistiveis «encantadores». Nem por isso, estamos certos, o seu successo será menor.

M. de D.



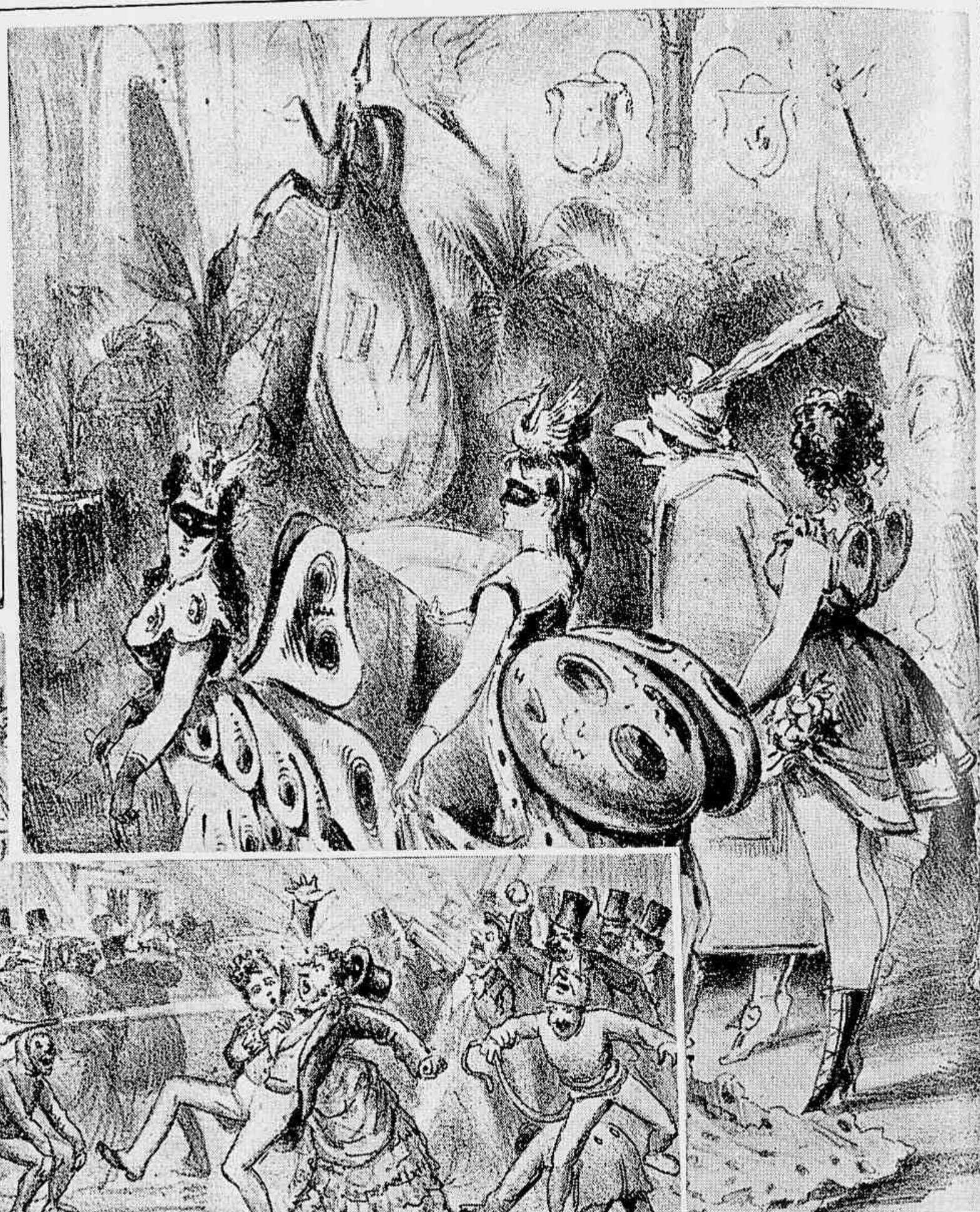
INSTANTANEOS DA «REVISTA»

As senhorinhas José Teixeira Portugal, á hora do «footing», no Flamengo

O Carnaval de



CARNAVAL DE 1881



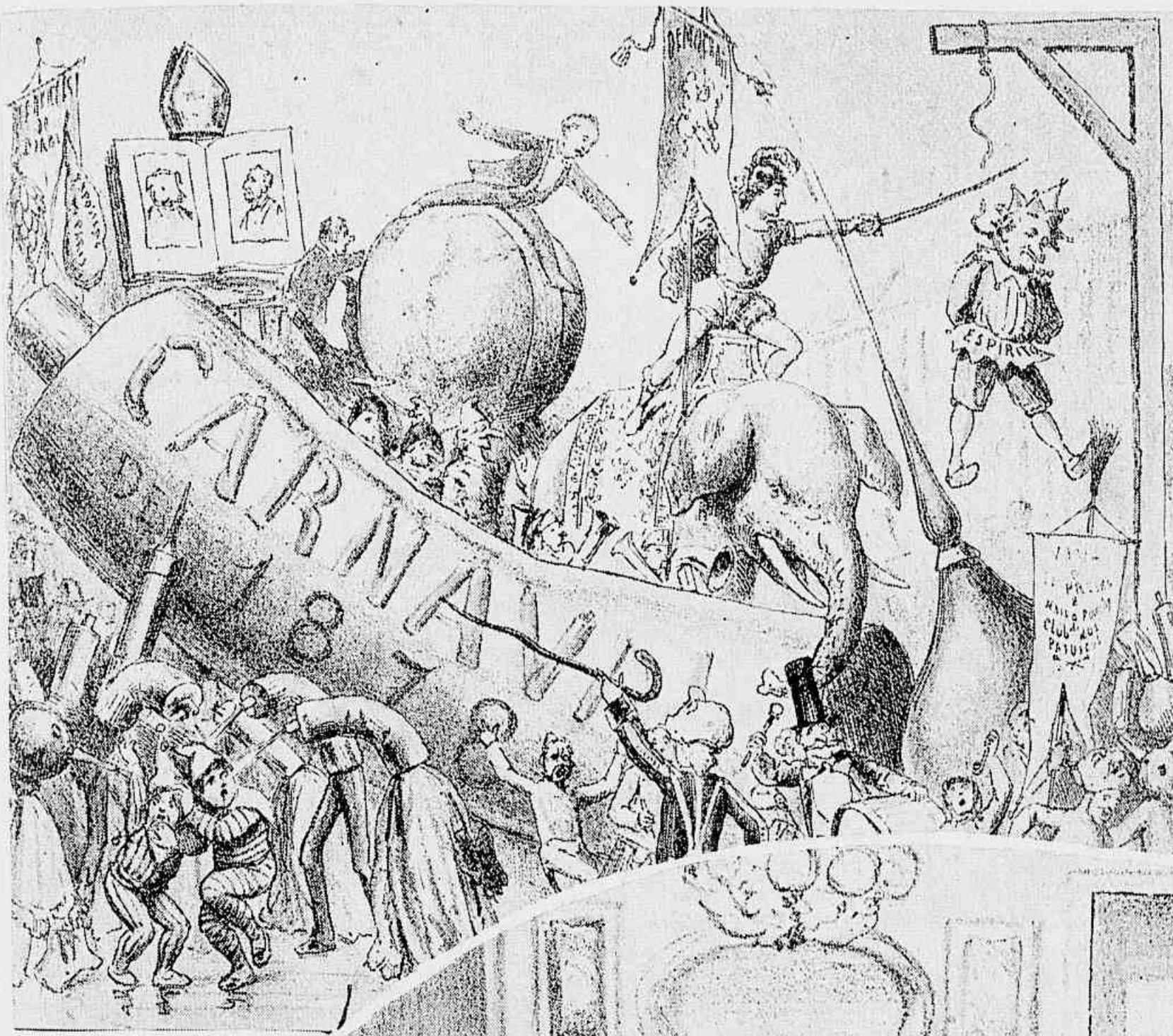
Baile á fantasia
no Theatro Lyrico 1874.



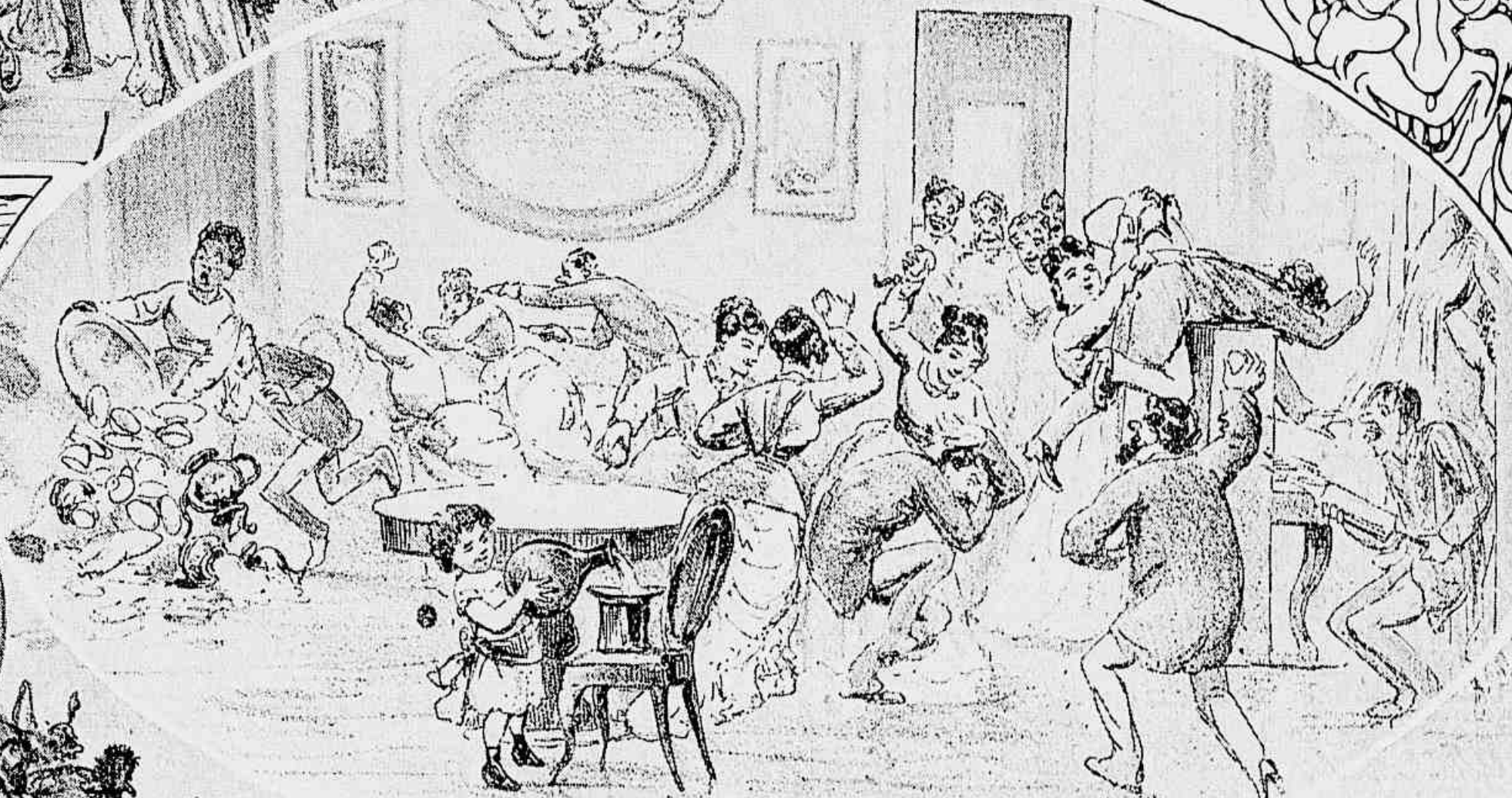
Carnaval de 1880



Outros tempos



CARNAVAL DE 1881



CARNAVAL DE 1880



Carnaval de 1880

Obaile do "City-Bank" no S. Christovam

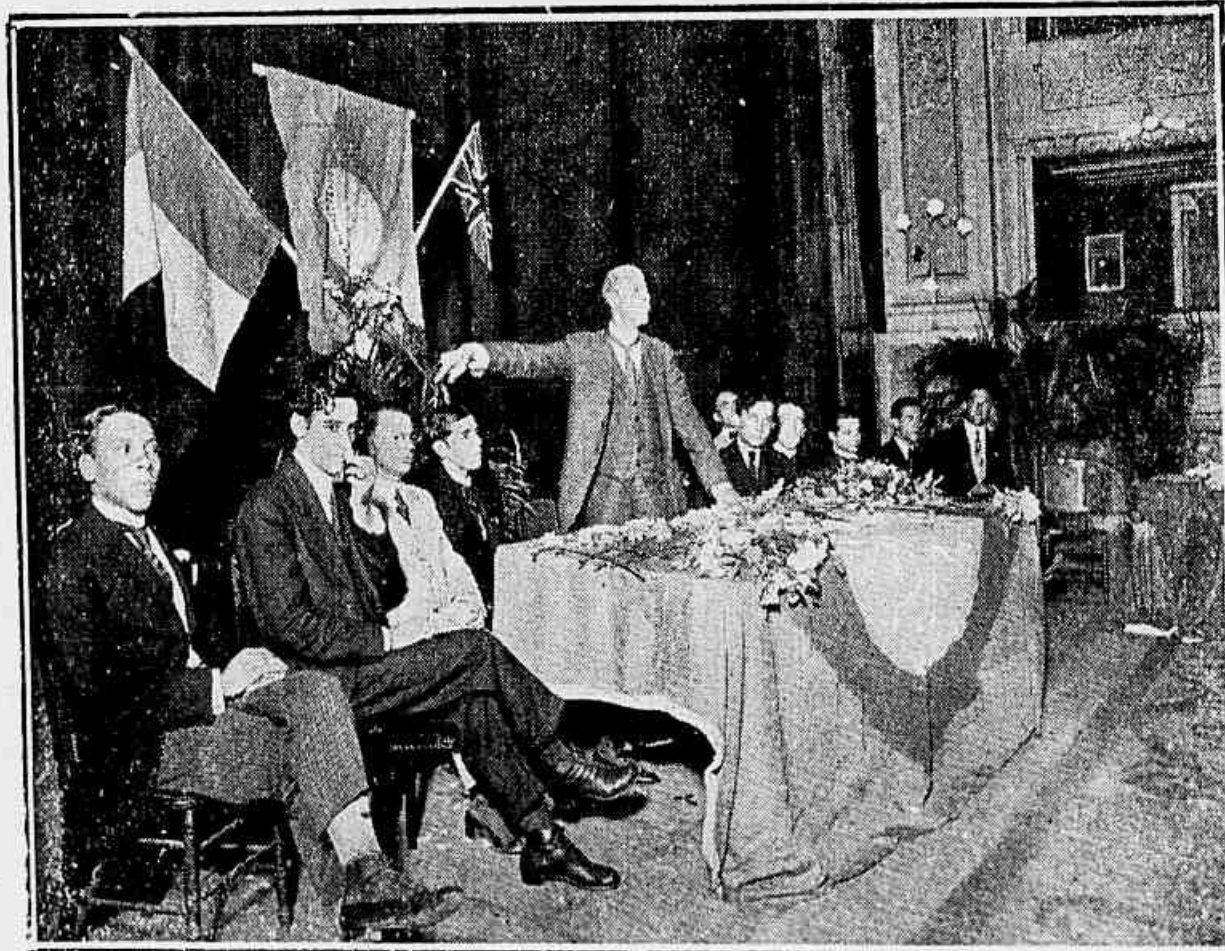


Grandesa e decadencia de uma pedra preciosa

Exposto durante muitos dias na Financial Residency como a maior amethysta do mundo, o grande bloco de crystaes violaceos de quartzo, encontrado em Minas Geraes, teve o seu periodo de celebridade. Colocado sobre uma mesa, bem á vista dos transeuntes, o bloco informe atrahiu durante quasi um mez as atencões da cidade. Era um phenomeno. A' falta das lendarias esmeraldas, transmutadas em turmalinas, o Brasil juntava ás suas glorias geologicas a de ter gerado nos seus flancos a maior amethysta da Terra. O lente de mineralogia da Escola Polytechnica da Bahia, dr. Alpheu Diniz, acaba, porém, de despojar o bloco de crystaes do seu titulo glorioso. O que, durante tantos dias, o Rio admirava como uma amethysta phenomenal não era sequer uma amethysta, mas um agglomerado de crystaes de amethysta, e nem mesmo esse bloco composto de crystaes sobrepostos podia aspirar ás honras de representar o de maiores proporções até agora conhecido, pois que varios outros, de superior diametro, existiam

espalhados em museus e collecções particulares.

Reduzida, porém, ás proporções em que o deixou o eminente mineralogista, a famosa amethysta ainda conservou, na familia modesta das pedras semi-preciosas,



A mesa que presidiu á grande sessão patriótica do Centro Academico Nacionalista, realisada no Theatro Lyrico.

uma saliente cathegoria. Nella se poderiam talhar os aneis de todos os bispos e arcebispos das dioceses do Brasil. Nascido no religioso Estado de Minas Geraes, onde a fé christã se conserva tão viva, o bloco de amethystas poderia fornecer to-

dos os aneis prelaticios da Egreja brasileira. Esse sagrado destino rehabilitaria o mineral violeta em toda a sua gloria primitiva.

Hoje a corrupção dos povos vem de baixo; hontem vinha do bicho; depois veio do boche e a cousa acaba por vir do bucho! Esta reflexão é de um pessimista incorrigivel

— Não te fantasias?
— Impossivel. Descubrem logo quem soueu.
— Ha um meio facil de guardar o incognito. Passa em aeropano.

— Eu pretendia um vestido de fantasia, muito simples, muito barato.

— E' facil. A questão é de fazenda.

— Bem lembrado, vou me fantasiar de sitio.

Carnaval e crise:

— Vaes á pandega?
— Vou, e em traje de luxo: uma roupa de idade média (que é a minha) sob uma manta de carne secca com guarnições de feijão miudinho.

Licoes da historia

Carlos VI e o Carnaval

A mascarada tem tido na historia paginas bem tragicas, epilogando a mais ruidosa das alegrias com os mais lamentaveis dos acontecimentos.

Registra a Historia de França o seguinte facto, occorrido com o rei Carlos VI:

«Para divertir uma boda a que assistia a corte, o principe e cinco senhores de seu sequito disfarçaram-se em selvagens. Estavam vestidos com roupas de linho untado de pezo, sobre o qual haviam collocado estopas. Um facho approximado inconscientemente de um desses mascarados ateou fogo a seu disfarce.

«Immediatamente todo o bando ficou em chamas. A sala vibrou em gritos de dor e espanto. Uma dama da corte salvou o rei, envolvendo-o com seu manto, o que não impediu, todavia, que o principe tornasse a enlouquecer, para não mais ficar curado.

«Com excepção de um só, que teve bastante presença de espirito para atirar-se numa tina d'agua, os outros actores dessa mascarada succumbiram em meio dos mais horribes supplicios.

«O duque de Orléans, auctor involuntario dessa desgraça, não teve outro remedio senão o de lhes fazer cantar um "requiem"».

Degenerou assim numa tragedia a improvisada mascarada, que apenas visava dar um pouco mais de alegria á festa a que concorrera a corte de França.

Scarron

Paul Scarron, o espirituoso poeta francez, auctor de obras que foram a escola de Molière, foi uma das victimas do Carnaval.

Afim de figurar em uma mascarada, cobria-se de pennas da cabeça aos pés, sem levar panno algum entre a pelle, untada, e as pennas que o transformavam numa ave.

Um qualquer desastrado pôz-lhe fogo ás pennas, e o infeliz poeta não teve outro recurso senão o de se atirar á agua, para extinguir as chamas que o rodeavam.

Mas nem por isso foi menos gravemente attingido, e sahiu aleijado da brincadeira, sem perder, todavia, sua proverbial alegria.

Scarron passou a maior parte de sua vida entrevado e assediado pelo rheumatismo. Em seu proprio epitaphio, tornado celebre, recorda elle seus soffrimentos:

Celui qui cy maintenant dort
Fit plus de pitié que d'envie.
Et souffrit mille fois la mort
Avant que de perdre la vie.

Passant, ne fais ici de bruit
Garde bien que tu ne l'éveille:
Car voici la première nuit
Que le pauvre Scarron sommeille.

A França e o Carnaval

O rei René d'Anjou instituiu em Aix, na Provence, mascaradas com caracter especial. E então evidenciava-se o elemento religioso na festa que é nada mais nem menos que filha das Saturnaes e Bacchanaes. No entanto, no sentimento dessa epocha longinqua vibrava a poesia, e dali o vêr-se fraternizar na procissão a mythologia com a Biblia, até que, mais tarde, foi o elemento sagrado posto á margem,

restituir-lh'os em sentido opposto. Deus sabe se o velhaco usava ou não da permissão!

Uma das vezes em que com frequencia e rudeza tomava sua desforra, sua alteza real o duque d'Orléans, voltando-se, exclamou:

— Mais devagar, abbade, mais devagar, estaes a disfarçar-me muito».

No seculo XIX dominaram os bailes de mascaradas. Os cortejos na via publica começaram a limitar-se a manifestações satyrico-politicas.

Sob a Restauração, foi a propria policia que organizou as mascaradas.

As manifestações exteriores do Carnaval, em Paris, ficavam, o mais das vezes, a cargo de empreheendedores. Mas, nas provincias, os cortejos assumiam um caracter particular, com uma tradição territorial.

A festa do «Hareng» em Reims, a da «Mère folle» em Dijon, com seu sequito de vinhateiros, a festa da «Charité du lard» no Indre, as procissões de «Martin-Martine» em Cambrai, a «Rense-Papa» em Dunkerque, de «Lyderie et Phinaert» em Lille, a de «Gayant et de sa famille» em Douai, e tantas outras, affectam traços historicos que não são incompativeis com a alegria.

O Carnaval nas Côrtes

Nem sempre, felizmente, as mascaradas têm acabado tragicamente, como com Carlos VI de França e com Scarron.

A darmos credito a Shakespeare, a Inglaterra tinha na devida conta a divindade de Momo.

O genial poeta dramatico, em seu Henrique VIII, põe-nos diante dos olhos um baile dado pelo ca deal Wolsey, seu heroe, em traje de pastor. Uma vez ao menos, transformava-se o lobo em zagal...

Um quadro de Pourbus dá-nos a idéa de um baile na corte de Carlos IX. Os principes e os cortejos phantasiaram-se adoptando as personagens da comedia italiana: o duque de Guise, chamado o «Balafré» a de Scaramouche; o duque d'Anjou, que foi mais tarde Henrique III, a de Arlequin; o cardeal de Lorraine a de Bóbo, Catharina de Médicis a de Colombina, e o proprio rei a de Sbrigella. Hoje é natural que as côrtes cuidem menos de expansões carnavalescas, abolindo as mascaradas, substituidas por assumptos talvez menos alegres, mas sem duvida mais importantes.



O carnaval do Rio no tempo de D. João VI

e a mythologia dominou nas festas dadas pelos principes, tomando-se por thema um episodio qualquer da Fabula, entrecortado de dansas e cantos.

No tempo em que as praças, as ruas e os boulevards eram os unicos logares em que se reunia a multidão carnavalesca, havia variedade, havia originalidade, e até mesmo elegancia nos mascarados.

Depois, foram instituidos os bailes de mascaradas. Começou a procura dos theatros e outros edificios fechados, com entrada paga, e operou-se uma como que deserção da mascarada na via publica.

Diz um chronista da epocha:

«O Regente divertiu-se como um principe no baile da Opera. Mascarado até aos dentes, não se julgava bastante irreconhecivel. Assim, para melhor disfarce, auctorizara seu ministro Dubois, em quem assentava ponta-pés no ventre, a



O retrato roubado.

Conto de
Lucas de Acevedo.

Absorvido pelos multiplos assumptos protocollares de seu cartorio, por traz da muralha de papéis, e attento principalmente ás cifras do Regimento de Custas, Baptista apenas de quando em quando reparava no rapaz.

No dia em o que admittiu a seu serviço, muito recommendado, limitou-se a prevenil o:

— Bem, pequeno! Aqui, já sabes...: ver, ouvir e calar

E concluiu insinuando uma offerta ao pae do rapaz, que o acompanhava:

— Ganhará tres duros por mez! Por enquanto... para começar. Mais tarde...

O rapaz era ligeiro, perspicaz, sympathico. Em breve se fez querido pelos escreventes do Tabellionato, que trabalhavam em um amplo escriptorio, contiguo ao do chefe. Soube até fazer-se cúmplice dos companheiros maiores, assalariados e tristes, nas pequeninas cousas que Baptista pudera interdizer-lhes.

— Ouve, Augusto! vamos vêr como te arranjas para trazer-nos, quasi pelo telegrapho, um café d'alli defronte...: do tupy, sabes?

E Augusto, com uma extranha sagacidade, levava-lhes a appetitosa bebida, que costumavam dividir entre si em equitativas partes, sem que nem o diabo o visse entrar nem sair.

As criadas de Baptista, e em algumas occasiões tambem a senhora, empregavam-n'o nos mais diversos misteres domesticos, bem

alheios por certo — e pela vontade de toda a criadagem, que dava que fazer ao rapaz exhaustivamente — ás occupações do cartorio.

Uma vez tambem a filha do notario, Sagrarito, confiou-lhe uma missão secreta. Desejava que elle, occultamente, lhe fizesse uma compra em uma perfumaria antiga no bairro.

Foi num vôo e, quando voltou, ella, que o esperava impaciente e ruborisada em uma saleta, sorriu-lhe agradecida, ao mesmo tempo em que lhe recommendava silencio com um dedo sobre os labios. Augusto sentiu-se então, inesperada e affectivamente, ligado a Sagrarito pela terna cumplicidade do innocente segredo.

Sem saber como explicar, todos os dias, desde aquella vez, sentia um intimo desejo de tornar a ser mandado por ella. No fundo de sua alma, perpassou a revelação de alguma cousa tão mysteriosa e intima por aquella creatura, esboço de mulherzinha, que o coração se lhe affligia deliciosamente. Era um sentimento novo, doce e extranho, que o anniquilava, que lhe despertava uma ancia infinita de não sabia que persuasivos desejos.

A's vezes opprimia-o certa afflicção que lhe suffocava a garganta. De outras, sob aquella recordação, procurava distrahir-se com qualquer cousa, com seus proprios afazeres. Embalde! porque a força de tal amor havia afastado os candidos véos de sua alma infantil e

os innocentes pudores de seus olhos.

Definava dia a dia, triste e silencioso. Os escreventes, que haviam percebido, atiravam-lhe ditos e enchiam-n'o de sarcasmos mal dosos.

E assim ia a consumir o aquelle amor, contido secretamente no sagrado retiro de sua alma, occulto como o mais delictuoso dos peccados. Em suas reflexões incoherentes, em que nunca encontrava desculpa para si mesmo por haver-se atrevido a pousar seu amante espirito nada menos do que na filha do proprio senhor Baptista, corava a idéa de que pudessem adivinhar-lhe, á menor observação, a verdadeira causa de sua incipiente melancholia.

E ao vêr-se tão pequeno, tão mesquinho, tão cobarde e com aquella infatigavel chimera sobre as sensações preciosas de seu coração, sentia que, ao ser apresentado, todo o esmagador peso do ridiculo fal-o-ia morrer de vergonha irremediavelmente.

E quando na rua, no passeio, no sordido canto de seu quarto, essa idéa o assaltava, pensando nella, como em um impossivel, chorava...

Olhou em torno. As cortinas que cobriam as portas do gabinete davam-lhe a segurança de não ser visto. No tapete, iam apagando-se, sem rumor, seus passos cautelosos. Os vidros de crystal das janelas não permittiam nenhuma

indiscreta observação da visinhança.

O pequeno Augusto julgou-se então seguro e lançou um novo olhar cheio de desejos à valiosa joia que encerrava o ideal retrato della. Estava ali, ao alcance de suas mãos, sobre um aparador, esquecido talvez, attrahindo-o fascinadoramente.

Quantas vezes na escuridão pensativa de seu silencio desejava-o e via-o como um luminoso sorriso de côres! Agora, tão propiciamente..., roubal-o-ia!

Tremeu, empallidecendo. Viuse reproduzido em um espelho, parecendo-lhe sua propria figura uma testemunha que o increpasse. As imagens dos quadros pareciam olhal-o com reprovação. Algum movel estalou em signal de protesto por tão repugnante intenção.

Mas avançou um passo e pôz a mão sobre a fulgurante joia. Sentiu uma vertigem, uma oppressão, alguma cousa como uma força interior que o abatia... Occultou rapidamente a presa junto do coração, e sahiu tremulo e attonito. Depois, no bulicio do escriptorio, entre seus companheiros, o rapaz sentiu-se confortado. Com as mãos escondidas dentro da gaveta de sua meza, desmontou o retrato da aurea joia. De tu lo, interessava-o apenas a minuscua photographia illuminada de Sagarito, em quem umas tenues pinceladas de carmin punham uma rara expressão de felicidade na boquinha sorridente. Ficou com o retrato como a melhor evocação da amada; e atirou depois a joia, sem valor algum para elle, sob um movel qualquer dos que adornavam faustosamente os aposentos da casa.

Chegada a hora da refeição, sahiu em grupo com seus companheiros e, isolando-se delles, retardou quanto poule o caminho. E foi contemplando ao sol, entre os rumores da manhã alegre, aquella hypnotica figura do retrato oval, cujos olhos, sensacionalmente animados, o fitavam docemente, muito docemente....

Chegou á tarde. Antes de levar a mão á campainha, Augusto presenciou alguma cousa de fatal que o observava por traz da porta. Por um instante, resolveu não entrar; mas já se havia apresentado diante d'elle o senhor Baptista, rodeado de seus empregados, como um caudilho á frente de suas hostes.

E acudiram Sagarito e sua mãe, seguidas das criadas. Todos os olhares convergiram insidiosos e inimigos para o pequeno. Parecia uma ave innocente surpreendida pela astucia dos caçadores.

Pegando-o pelo braço, conduziu-o Baptista ao escriptorio. E em presença de todos, perguntou-lhe:

— Onde está a joia...? Era de brilhantes...? Has de saber!

O menino cuidou morrer de vergonha. Não ouvia a injuria que sobre elle desencadeava, congestionado e feroz, o chefe indignado.

A valiosa joia desaparecera de sobre o aparador, onde a deixara distrahidamente a propria Sagarito. Depois de indagar minuciosamente e procural-a em vão por todos os cantos, haviam recabido sobre elle, unanimes, as suspeitas; porque, além de tudo, o viram entrar no gabinete.

Todos eram intangivelmente honrados... Elle também; mas talvez um momento de cegueira, um máo conselho, alguma cousa, emfim...

Baptista tentava induzil-o á confissão com caricias... Que dissesse onde empenhara ou vendera a joia, para ser resgatada, e seria perdoado.

O rapaz, realmente innocente, porque não havia roubado uma joia e sim sómente um retrato —

avisaremos a Policia! Levar-te-ão preso...!

Então, a esposa de Baptista, angustiada pelo tormento da scena, implorou a seu marido piedade para aquella creança com um olhar. E foi tão expressivo que Baptista, confuso, conteve-se.

E no intimo de cada um dos presentes brillhou uma chamma de pena e caridade por aque le rapaz, sobre o qual, por culpa de todos, poderia cahir um estigma indelevel.

Por fim, Baptista concluiu com um gesto magnanimo:

— Vae-te, vae-te...! Com dó de tua familia, não dou parte de ti...! Anda, ladrãozinho...!

O rapaz sahiu submisso, sem haver sabido protestar. Encheram-



— Bem! Já que não confessas, avisaremos a Policia.
Levar-te-ão preso...!

joia unica para elle —, negava apenas com debil gesto...

Após insistentes admoestações, esteve a ponto de confessar a verdade. Mas a verdade não era acaso maior, muito maior delicto que o delicto apparente que todos julgavam vêr?

Não seria muito mais humillante e terrível confessar-se romantico enamorado de Sagarito que ladrão de uma joia vulgar, por mais custosa que fosse?

Calou-se, sentindo que desfallecia. Julgaram que com seu silencio se confessava réo. A ameaça que sahia agora lentamente dos labios do senhor Baptista acabou de anniquillal-o:

— Bem! Já que não confessas.

se-lhe de lagrimas os olhos e de intenso pezar o coração, aquelle coração seu que, como o de Sagarito, talvez, começara a ser uma rosa de fogo... Aquellas creaturas, pouco adivinhadoras, nada sabiam de sua culpa e de seu amor! Talvez algum dia se encontrasse a joia!

Mais tarde, o pequeno Augusto, enquanto perambulava pelas ruas a sós com sua dôr, sentiu-se logo confortado e resarcido de tudo vendo-se livre como um passaro, e possuidor unico daquelle retrato della que sorria perennemente, tendo no olhar alguma cousa como uma invisivel chamma de amor...

(Do hespanhol,

De J. DE LUCAS ACEVEDO).

A festa do Asylo Gonçalves de Araújo

- 1 — Aspecto da sessão solenne.
2 — Grupo de creanças asyladas em
companhia do sr. commendador Mario
Nazareth, provedor do Asylo.
3 — Outro grupo de moças asyladas.



Sorrisos e Frivolidades

Onde está a felicidade

(DE ALFRED MEISSNER)

«E não crês que sejam felizes lá em cima?» dizias, tu, contemplando a mais formosa das estrellas. Querias dizer: Lá ao longe, em aquelle remoto mundo, reside a felicidade e deve ser desconhecida toda a inquietação.

Eu respondi: «Mantém os teus olhares erguidos sobre o teu proprio coração, torna-o forte, e aprende que o logar não pode mudar nada á nossa essencia. Taes somos aqui, taes seríamos lá em cima.

«O nosso pobre mundo, suspenso no éther, e — elle tambem — visto d'aquel a estrella, um globo luminoso, ornado de uma scintillante auréola.

«E os habitantes de lá de cima, cujo debil coração se parte, erguem os seus olhares para nós e, desejando viver connosco, suspiram: «Acolá, ha de haver felizes!»

Boa partida literaria

Nos primeiros tomos de «As mil e uma noites», que tanta celebridade deram a Galland, to los os contos começavam pelas mesmas palavras, que eram estas: «Minha querida irmã: se não tens somno, dize-nos um d'esses formosos contos que sabes contar», etc.

Esta uniformidade foi censurada, principalmente pelos literatos, que fizeram algumas partidas a Galland a esse proposito. Uma d'ellas foi um pouco cruel. Varios rapazes de bem humor acudiram, depois da meia noite, á rua Dauphine, onde Galland morava, e chamaram-no com estrepito e grande vozeria, até que elle em roupas menores chegou á janella.

— O senhor é que é o sr. Galland? — perguntou um.

— O senhor é que é o traductor de «As mil e uma noites?» — perguntou outro.

E depois das respostas affirmativas acrescentou um terceiro: Querido Galland, se não tens somno, dize-nos um d'esses formosos contos que sabes contar...

O microbio do amor

Um sabio descobriu, ha certo tempo, o microbio do somno; outro, o da velhice; um terceiro, o dr. Cotton, descobriu o do amor!

No seu dizer é um bacillo que habita exclusivamente nas fibras do cérebro, e que produz effeitos analogos aos da loucura; predispõe para o riso, para as lagrimas, para o furor, para a ternura. D'estas circumstancias deduz o mencionado sabio que a doença produzida por este micro-organismo não pôde ser outra senão o amor.

E, como descobrir a causa de um mal é ter andado meio caminho para encontrar o seu remedio, estamos em vespas da suppressão do amor sobre a terra.

O peor é que n'este caso, mais do que com a epidemia, se assustará a gente com a ameaça da cura.

Por fortuna, resta ainda a esperanza, bem fundada, de que o dr. Cotton se tenha equivocado.

Uma anedota de Pio X

A imprensa italiana estava não ha muito publicando anedotas e noticias retrospectivas da vida de Pio X. Eis uma delias, inteiramente inédita.

Dias depois de haver sido eleito o ultimo pontifice, um importante israelita, intimo e antigo amigo seu, pediu-lhe uma audiencia. Pio X concedeu-lha logo e ambos conversaram largamente sobre coisas e pessoas de Veneza, cidade á qual, como é sabido, o Santo Padre professava singular carinho.

Tendo tido o Papa noticia de que um amigo seu, chefe dos catholicos venezianos, se achava gravemente enfermo, disse ao israelita:

— Quer fazer um grande favor?

— Todos os que Sua Santidade desejar — respondeu o israelita.

— Bem. Quero que leve a minha benção ao pobre moribundo.

E, como o judeu não pôde conter um gesto de supreza, Pio X acrescentou sorrindo:

— A embalagem talvez seja má: mas nem por isso deixará de ser boa a mercadoria.

Excellentes dotes

E' sabido que para dotes excellentes não ha como as norte-americanas, e para demonstral-o basta citar os seguintes casos:

Miss Anna Gould, ao casar com o conde Boni de Castellane, levou-lhe em dote 75 milhões.

Miss Consuelo Vanderbilt levou no seu casamento com o duque de Malborough 100 milhões.

Entre os dotes superiores a um milhão de dollars figuram o de miss Frederick Stevens, que casou com o duque de Dino (7 milhões de dollars). As irmãs Singer, que casaram, uma com o principe de Polignac e outra com o duque de Decazes, tinham 2 milhões de dollars cada uma. Miss Gardener, ao unir-se com o marquez de Breteuil, levou 4 milhões de dollars. Miss Forbes, duqueza de Choiseul-Praslin, e miss Livermore, baroneza de la Sessière, 1 milhão de dollars cada uma. A condessa de Langier-Villars tinha 800 mil dollars; a baronesa de Vière, 550 mil; a marquez de Morés, as baronezas Blanc e Suzanete a princeza Poniatowski, 500 mil; a baroneza Lepelletier d'Auvray, 350 mil, e a baroneza de Lagrange, 250 mil.

As de 200 mil são tantas que nem vale a pena fazer d'ellas menção especial. Até se podem considerar quasi pobres! E, para as outras, assim o são.

A mulher é um mal necessario

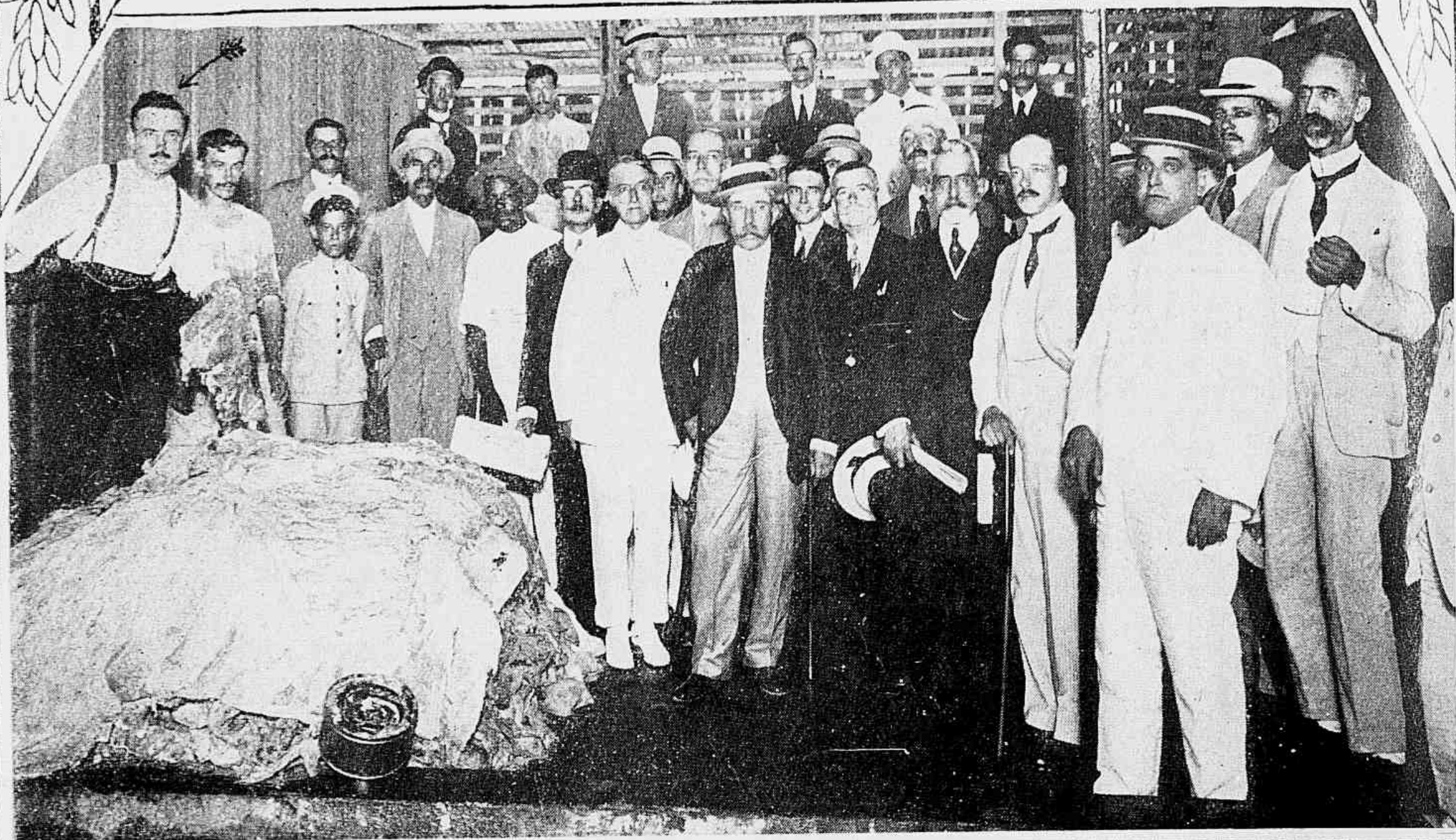
«Mulier malum necessarium», proverbio latino: mas proverbio de todos os tempos e de todos os logares, para significar que o homem não pode passar sem a mulher, e que deve applicar-se a viver com ella tão bem quanto possivel, visto como não poderia viver sem ella.

Um personagem da antiguidade, que tinha casado com uma mulher quasi anã, desculpava-se dizendo: «Dos males escolhi o menor.»



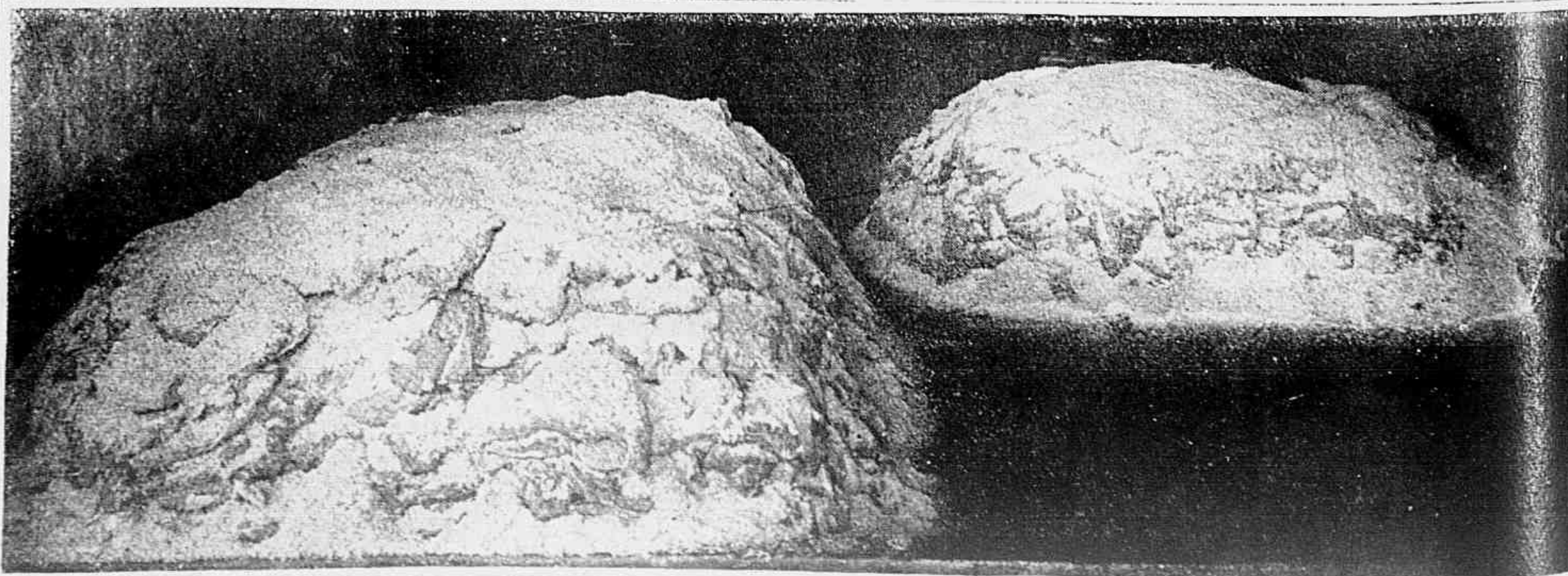
Algumas figuras do Carnaval em Roma, ha um seculo

Mais uma industria que surge.



No dia 3 do corrente teve inicio no matadouro de Maruhy uma nova industria de carnes conservadas denominada «Frescalita e Charcuteria Nacional» cujo preparo emprega unicamente o sal de cozinha e o sa-

litre, este na proporção de duas grammas em cem de chloreto de sodio (sal de cozinha). A «Frescalita» em conserva, que já recebeu o «verdictum» das nossas marinhas de guerra e mercante, causou optima impressão e oteve ainda a geral approvação dos assistentes pelo seu aspecto agradável e o seu sabor de carne fresca. Foram também apreciadas as linguas afamadas, salames, linguiças, presuntos, fiambre, salchichas, murcellas, etc. etc. A' frente d'esta nova industria está a figura respeitavel do velho servidor da Patria Dr. Cordeiro da Graça. — Grupo de convidados e representantes da imprensa que assistiram ao inicio da fabricação de carnes conservadas no Matadouro de Maruhy. Entre os convidados destacam-se os Srs. Dr. Carlos Veiga e Antonio Carneiro de Vasconcellos, directores do Banco Vitalicio do Brazil, sir Rutledge, do «City-Bank», Dr. Cordeiro da Graça e varios outros. Assignalado com uma setta, vê-se o Dr. Hilario Huerco, competente preparador das carnes.



Passatempo



VERDADES E MENTIRAS

ferido a todos.

Mad. Edgar Quinet

Todos no mundo seriam bons se aproveitassem para si os conselhos que dão aos outros.

O dictado que diz que quem paga suas dividas enriquece não passa — na opinião de um bohemio — de um boato espalhado pelos credores.

SORTE DE CARTAS

Faz-se uma bonita sorte de cartas pegando n'um baralho que tenha 40 cartas e, depois de baralhadas, formando com ellas tres montes, pela forma seguinte:

Tira-se a carta que ficou na palma e volta-se para cima; depois de visto o seu valor, volta-se para baixo (collocando-a em cima da mesa) e sobre ella põem-se tantas cartas quantas sejam precisas para prefazer o numero 15, contando para este numero com o valor da carta vista; isto é, se a carta que se viu é uma sena, tem por consequencia de se pôr sobre ella 9 cartas; se é um rei põem-se-lhe 11; se é uma dama põem-se-lhe 13; se é um az põem-se-lhe 4 (ou 14 se este se contar por um); se é um duque põem-se-lhe 13, etc., etc.

Depois de concluido o primeiro monte, volta-se outra carta e, sobre ella, contando com o seu valor, faz-se o segundo, pela forma como se fez o primeiro; e para o terceiro igual processo.

Se depois de feitos os tres montes ficam restando algumas cartas, entregam-se á pessoa que se prestou a adivinhar (a qual até essa occasião deve estar ausente) para por ellas dizer qual o valor total das tres cartas que foram vistas, e que estão debaixo dos tres montes.

Pode, porém, succeder que as tres cartas que se tiraram, para servirem de base aos respectivos montes, sejam de pequeno valor e que, por tal circumstancia, se empregue todo o baralho na formação dos mesmos, ou que este não chegue para concluir o terceiro monte; deve, n'estes casos, dizer-se á pessoa que tem de adivinhar que não restou carta alguma ou que faltaram tantas para a conclusão dos montes.

Qual o meio infallivel e invariavel para adivinhar esta sorte?

Addiciona-se, invariavelmente, 8 ao numero de cartas que restaram

A cortezia é a arte de fazer crer a cada qual que é preferido a todos.

e o resultado é justamente o valor das tres cartas.

Se não restou carta nenhuma, o valor das mesmas é 8, e se o baralho não chegou para se concluir o terceiro monte subtrahem-se de 8 tantos numeros quantas as cartas que faltaram (que nunca podem ser mais de 5) e o resultado é o valor das alludidas tres cartas.

UM NÓ FACIL

Este passatempo não requer mais de que um pedaço de cordel e uma pessoa que se preste a executá-lo.

Trata-se de pegar no cordel pelos dois extremos com os dedos



pollegar e indicador de cada mão e dar-lhe um nó, sem o largar de nenhuma das pontas. Esta operação affigura-se impossivel á primeira vista; mas, na realidade, é ridiculamente facil. O que ha a fazer é cruzar os braços, como se vê na gravura, antes de pegar nos extremos do cordel; descruzando-os depois, verifica-se que o nó está dado.

Uma dos mais vulgares experiencias de physica domestica é a que consiste em encher um copo de agua até ás bordas, cobrir o

O COPO MYSTERIOSO



inexplicavel.

O copo enche-se tambem de agua até ás bordas, e cobre-se em seguida com um pedaço de cartolina forte. No centro d'esta, tem-se fixado, de antemão, um barbante, e se o ar não penetrou entre a car-

tolina e a superficie da agua, puxando pelo barbante para cima, poderá levantar-se o copo cheio, pela forma que a gravura junta está indicando.

ESPIRITO E SAL

— Ai! minha mulher! Que grande desgraça!
— Que foi que aconteceu, Calino?

— Imagina que estava a sacudir as calças á janella, e caliram-me á rua!

— E que desgraça ha nisso?

— Ora faze tu idéa... se tivesse as calças vestidas, estava a estas horas estatelado na rua!

Em um espaventoso sermão, todos os fieis choravam commovidos, menos um.

— Por que não choras tu? pergunta o vigario offendido.

— Saiba Vossa Reverendissima — respondeu o interpellado — que eu não sou cá da freguezia...

— Então, sr. Procopio, quem é o chefe? E' o sei hor ou sou eu?

— Desgraçadamente sei bem que não sou eu.

— Pois se sabe que não é o chefe, é excusado estar ali a dizer tolices.

Se chove, deixa chover;
Se orvalha, deixa orvalhar;

Que eu bem sei d'um abriguinho
Onde me hei de ir abrigar.

Delgadinha de cintura,
Como a palha do centeio;
Chega-te a mim, delgadinha,
Chega-te a mim sem receio.

Eu não sei o que me deste
Que te não posso olvidar:
De dia no pensamento
E de noite no sonhar.

O COPO E A AGUA

A sorte do copo sedento é realmente um phenomeno maravilhoso.

Apresentando-se um prato fundo cheio d'agua e um copo vasio, quem será capaz de conduzir a agua para o interior do copo, emborcando-o no prato?

Bem poucas pessoas. E, no entanto, é bem facil, se se fizer o seguinte:

Coloca-se dentro do copo vasio um pouco de papel fino; põe-se fogo ao papel: apenas esteja este consumido fica o copo bem aquecido, e a unica cousa a fazer é emborcal-o rapidamente no prato, para que a agua passe para o seu interior.



— Papae! Hoje é dia cheio! Suhiu mais um numero de EU SEI TUDO!

EU SEI TUDO

Encontra-se já á venda o 9.º numero do admiravel magazine, cujo extraordinario successo cresce de numero para numero com o esgotamento inevitavel e rapido das edições, cuja progressiva tiragem não basta para satisfazer o numero sempre crescente de leitores.

A empresa editora de EU SEI TUDO empenha-se em tornar o esplendido magazine cada vez mais attrahente, de modo a manter-lhe a categoria conquistada de um aos mais luxuosos magazines do mundo.

Os centenaes de gravuras que illustram o numero correspondente ao mez de Fevereiro, que se encontra á venda, a belleza dos chromos e da capa, original de um artista francez, e a variedade dos assumptas correspondem perfeitamente á avidez com que é procurado o admiravel magazine,

Mendes-Pittoresca

Nesta gravura damos aos nossos leitores um dos mais bellos panoramas da pittoresca região de Mendes e que representa a soberba moldura da floresta que circunda o Grande Hotel Santa Rita, hoje um dos logares de preferencia pelos veranistas desta Capital.

Bellesa para as Damas e robustez para os Homens



Olha para aquelle par de rachiticos. Porque não tomarão COMPOSTO RIBOTT para engordar e fortalecer-se?

Um dos effeitos mais assombrosos do COMPOSTO RIBOTT é a rapidez com que arredonda e faz pronunciadas as formas divinas da mulher; e não desenvolve uma parte do corpo em maior proporção que as outras, mas todas por igual, em perfeita harmonia. As faces enchem-se até adquirir sua forma ovalada; o collo e o busto ficam fortes e duros; os braços torneiam-se e adquirem proporções simetricas, e as demais partes do corpo feminino desenvolvem-se em proporção e adquirem essas linhas curvas que os homens tanto admiram e sem as quaes não existe a verdadeira formosura. Não ha crême, massagem nem meio artificial algum para produzir carnes e belleza que possa se comparar com o desenvolvimento perfeito que se obtem quando os órgãos de digestão e assimilação traba-

lham convenientemente. Já então não ha necessidade de occultar ou tratar de dissimular com mangas compridas e gollas altas as imperfeições do corpo feminino. Tome o COMPOSTO RIBOTT por algumas semanas, augmente de 5 a 10 kilos de pezo e V. S. mesma ficará assombrada de mudança tão notavel; e não sómente adquirirá uma bonita plastica, mas seu estado geral de saude melhorará, sua digestão será perfeita e V. S. sentir-se-ha feliz, contente e satisfeita da vida. O COMPOSTO RIBOTT é igualmente efficaz para combater a magreza dos homens. Muitos duplicam e mesmo triplicam sua força de resistencia e energia com só duas semanas de tratamento. O COMPOSTO RIBOTT acha-se á venda em todas as drogarias e boas pharmacias e com toda segurança nas dos srs. Granado & C., Freire Guimarães & C., André de Oliveira, Orlando Rangel & C., Rodolpho Hess & C., Araujo Freitas & C., Victor Ruffier & C., P. de Araujo & C., V. Silva & C., Granado Filhos, J. Rodrigues & C., Carlos Cruz & C., Campos Heitor & C. e Francisco Giffoni & C. Unico depositario B. NIEVA — Caixa Postal 979 — Rio de Janeiro.

Eczemas nas mãos



D. Balbina do Carmo Pimentel

Valença

E. do Rio

Illmos. Srs.

Viuva Silveira & Filho

RIO DE JANEIRO

Cordeaes saudações.

Ha mais de 8 annos vinha soffrendo de eczemas nas mãos, impossibilitando-me de trabalhar por completo, a ponto de chegar á triste conclusão de ser preciso cortar ambas as mãos.

Devo ao vosso maravilhoso ELIXIR DE NOGUEIRA, do pharmaceutico chimico João da Silva Silveira, a minha cura; pois, sendo aconselhada por diversos amigos, fiz uso de 6 vidros e fiquei radicalmente curada.

Por tão justo motivo, vos remetto o meu retrato em recompensa da cura que obtive.

Balbina do Carmo Pimentel

Testemunhas: Octacilio da Rosa Vieira, João de Souza Lima.

VALENÇA — ESTADO DO RIO.

24 — 4 — 1916.

Vende-se em todo o Brasil, Republica Argentina — Uruguay — Paraguay — Bolivia — Perú — Chile, etc.

O MELHOR PARA A CRIANÇA

O Xarope Calmante da Snra. Winslow é um laxante para as crianças, absolutamente sem narcoticos, são e gostoso ao paladar.

Não contém opio, nem morfina, nem nenhum de seus derivados.

Detém as colicas ventosas e corrige os males intestinaes tão communs nas crianças durante o periodo da dentição, produzindo-lhes um somno natural e saudavel.

Calma a criança inquieta e permite descançar á mãe fatigada.

ESCRITORIOS PRINCIPAES

ANGLO-AMERICAN DRUG Co.

215-217 Fulton Street,

Nova York, E. U. A.

A' VENDA NAS PRINCIPAES PHARMACIAS

E DROGARIAS

A massagem do couro cabelludo faz crescer o cabelo

UM ESPECIALISTA EXPOE O MODO DE OBTER
MARAVILHOSOS RESULTADOS

Entre o couro cabelludo e o craneo ha uma camada de tecidos vivos em que se alojam as raizes dos cabellos. O uso de chapéos apertados obriga o couro a distender-se sobre o craneo e dahi resulta a suppressão da força vital nas raizes do cabelo e a sua quêda. Outro tanto acontece com a approximação da velhice. O couro contrae-se, as raizes do cabelo são esmagadas e privadas de alimento, o cabelo morre e cahe e origina-se a calvicie. A massagem combate essa distensão do couro cabelludo, mas a massagem do couro em geral é feita erradamente e causa então mais damno do que proveito. Nunca esfregar o couro cabelludo, pois assim fazendo quebra-se o cabelo. Apliquem-se com firmeza os dedos de ambas as mãos contra a cabeça e depois mova-se suavemente o couro para cima e para baixo, numa e noutra direcção. Essa operação mantem o couro malleavel e elastico e assim combate uma causa de calvicie muito commum; depois, para proporcionar alimento para as raizes do cabelo e para restituir vida e lustro ao cabelo baço e descorado, dever-se ha usar um tonico composto de 30 grammas de Lavona de Composée, que se juntam á metade da seguinte mistura: 50 grammas de alcool a 90°, 7 decigrammas de menthol crystalisado e 45 grammas de agua distillada. Esses ingredientes obtem-se facilmente em qualquer pharmacia. Se applicardes o tonico abundantemente no couro cabelludo de noite e de manhã e depois praticardes a massagem durante alguns minutos como acima descrevemos, em breve não mais achareis vestigios nem de comichão nem de caspa. O cabelo se tornará grosso, longo e brilhante e começará a crescer cabelo novo,

PHOTOGRAVURA

Executam-se CLICHÉS de qualquer especie com a maxima perfeição assim como gravuras em côres pelos mais modernos processos

FABIAN & C.

Rua do Rosario, 152 - 2.º

TELEPHONE Norte 2319 — Caixa 1671

CABELLEIREIRO SALÃO NAVAL



Penteado no salão com ondulação Marcel	3\$000
Penteado em domicilio.	5\$000 e 10\$000
Ondulação em domicilio	3\$000
Applicação de tintura	15\$000 e 20\$000
Lavagem de cabeça	2\$000
Frentes penteadas a agua	2\$000
Crescente desde	10\$000
Trança desde	15\$000
Frentes modernas, cobrindo toda a cabeça,	30\$000
Córtes de cabelo á ingeza	1\$500
Massagens vibratorias, applicação.	2\$000

Manicure (Tratamento das unhas).
Executa-se qualquer postigo de cabelos cahidos.
Salão exclusivamente para senhoras

RUA OUVADOR, 148

Teleph. 5107 - Norte

P

VENDE-SE

O POLO não é um artigo de luxo, mas sim um artigo de asseio geral.

O POLO limpa todos os utensilios de Cozinha, facas, garfos, colheres, louças, apetrechos de cobre, aço, estanho, bronze, ferro, todos os objectos de metal em geral, aos quaes o POLO limpa da ferrugem e dá brilho.

E' pois um artigo de primeira necessidade. Deverá, pois, ser o producto mais barato, mais economico e MAIS POPULAR.

Companhia Usina de productos chimicos

Fabrica : Rua Soares, 13 -- S. Christovam -- RIO DE JANEIRO

O

EM

L

TODA

Verdadeiras donas de casa :

Exigi o

POLO de
fita ENCAR-
NADA

O

A PARTE

Santelmo

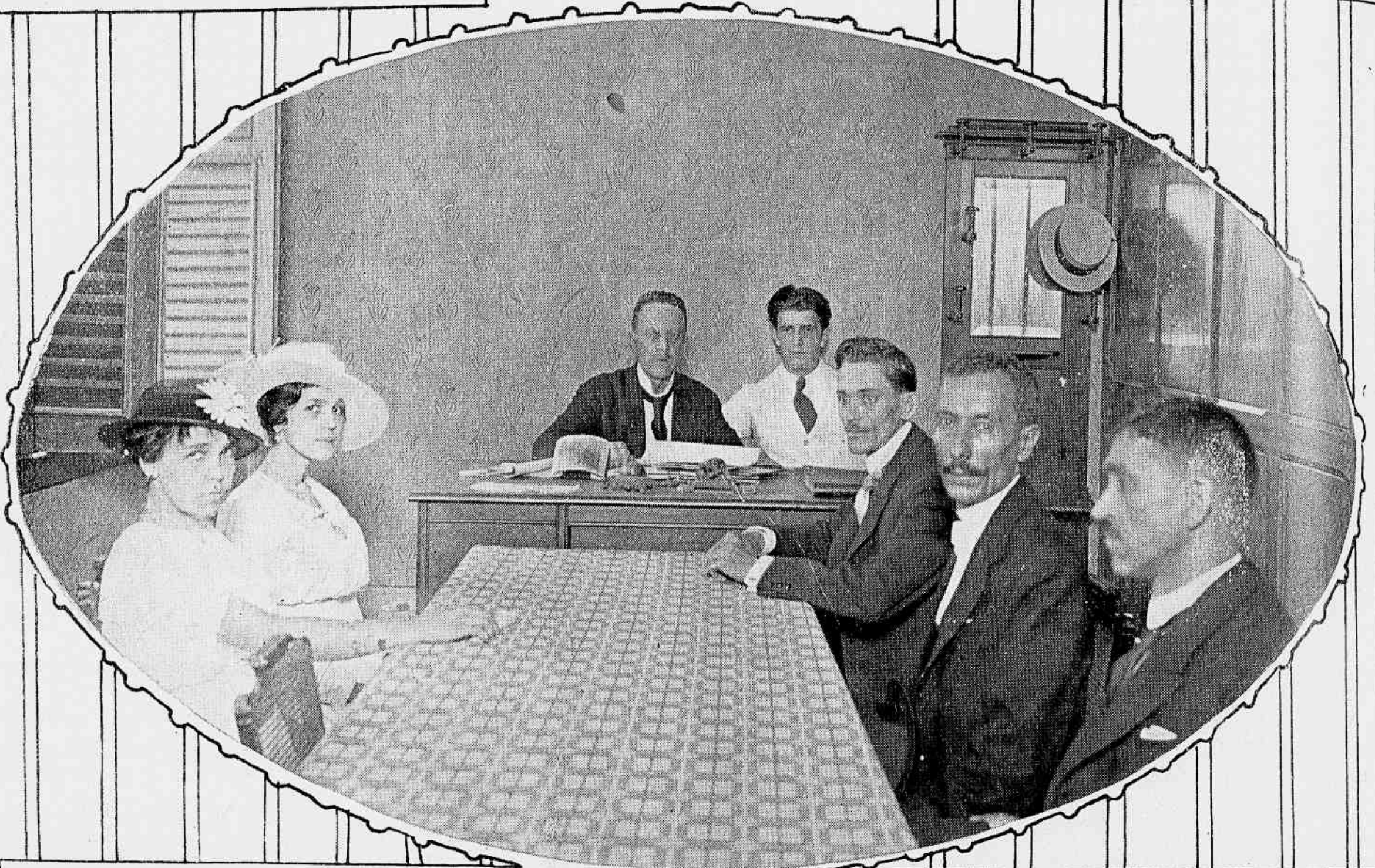
O Rei dos Sabonetes.
Guitry-Rio.

Enlace-Campos de Castro-Pereira 7^{or}

Realisou-se no sabbado, o enlace do commerciante desta praça, Sr. João Francisco Pereira Junior, da Casa Rápido, com a senhorinha Iracema Campos de Castro, filha da viuva D. Maria Francisco Carneiro de Castro. O acto civil teve lugar na 6^a Pretoria e serviram como padrinhos, o sr. Hilario do Amaral, e o sr. Ben-

jamin Carneiro de Campos e no religioso, que se realisou na matriz do Engenho Novo, o commerciante sr. Francisco Paladino e sua esposa D. Concheta Paladino.

1—Grupo tirado na 6^a Pretoria, antes do acto civil. 2—Na residencia do noivo, após o casamento religioso.



Jornal da Família

--- N. 123 ---
9 DE FEVEREIRO DE 1918

Modas, Costuras e bordados,
A vida no Lar, Receitas e
Conselhos práticos, Economia
Doméstica, Hygiene de Bel-
— leza, Alimentação —

MODA INFANTIL



PHANTASIAS

- 1—Pierrot em setim branco, pompons em seda preta.
- 2—Malmequer: a saia de filó amarelo coberta com pétalas de seda branca; o corpete em seda verde claro; no decote uma grinalda de malmequeres, e outra na cabeça.
- 3—Borboleta: saia e azas em tarlatana azul com lantejoulas azul mais escuro, corpete em seda azul pavão.
- 4—Clown em seda branca e seda vermelha.



OS LEGUMES VERDES

Os legumes verdes e frescos não representam um valor nutritivo muito grande, mas são indispensáveis para uma boa alimentação. Antigamente, antes que a navegação a vapor fosse conhecida, as viagens á vela eram sempre muito longas, e era commum nos marinheiros o *scorbuto*.

Attribuia-se o desenvolvimento desta doença da nutrição á falta de legumes frescos. Depois que as viagens no mar são mais rapidas, esta doença quasi desapareceu, a não ser nas

longas expedições onde as conservas formam a base da alimentação.

Todos os legumes verdes são igualmente bons, com a condição de serem bem cozidos. Se a agua de que se dispõe é calcarea, não se deve ter receio de pôr uma pitada de bicarbonato de sda. Este uso, que passa algumas vezes por antihygienico, é, pelo contrario, recommendavel.

Quando o legume verde está bem cozido, não é necessario fazel-o em purée.

A couve, que passa geralmente por indigesta, é pelo contrario de digestão facil quando é cozida durante quatro ou cinco horas ou quando, sob a forma de *chouROUTE*, já soffreu a fermentação lactea.

A digestão dos legumes faz-se sobretudo no intestino fino, e elles ajudam muito ao bom funcionamento do intestino grosso.

Menu de jantar

Canja.
Croquettes de camarão.
Pastéis de carne.
Espinafre.
Pato assado.
Petits-pois.

SOBREMESA

Sonhos.
Pudim escuro.

RECEITAS

SONHOS

Põe-se para ferver uma garrafa de leite, duas colheres de manteiga e logo que ferva vae-se lhe ajuntando farinha de trigo peneirada até fazer um angú bem cozido e com uma certa consistencia. Depois de frio amassa-se esse angú com ovos até ficar uma massa bem lisa.

Põe-se n'uma panela banha de porco e manteiga; logo que esteja quente, com duas colheres vae-se pondo a massa em pequenas porções.

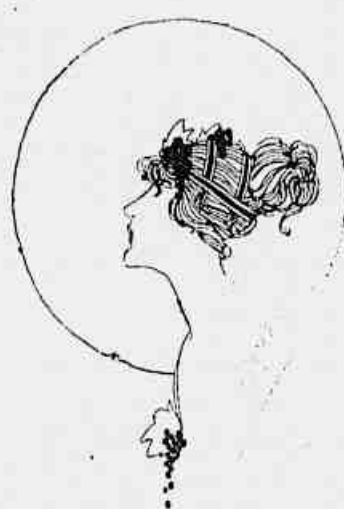
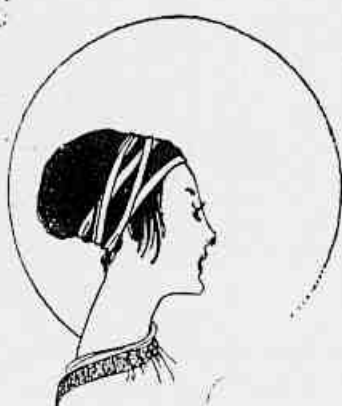
De vez em quando retira-se a panela do fogo para não queimar os sonhos e para sacudil-os, afim de não pegarem no fundo. Depois de bem crescidos e corados põe-se n'uma peneira para escorrer a gordura e polvilham-se com assucar e canella ou regam-se com calda. Tambem podem ser cozidos na calda em vez de fritos na gordura.

PUDIM ESCURO

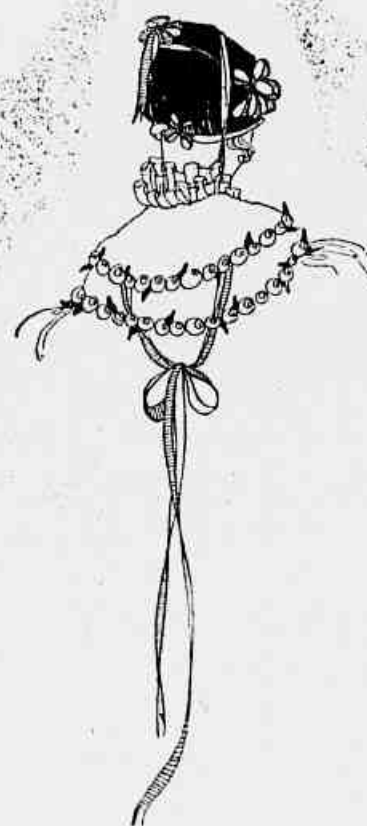
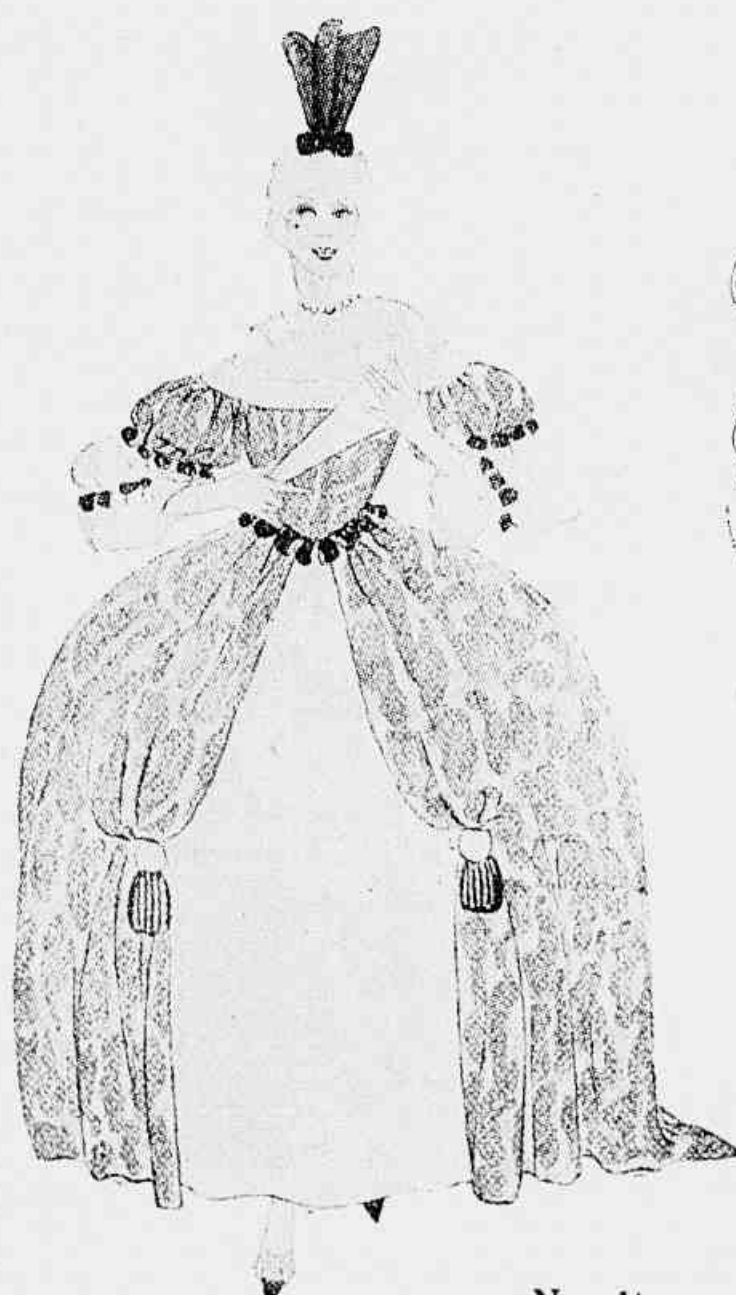
- 12 gemmas.
- 12 claras.
- 12 colheres de manteiga.
- 12 colheres de assucar.
- 3 colheres de chocolate em pó.
- 1 colher de maizena.
- 5 gottas de essencia de baunilha.

Bate-se bem a manteiga com o assucar e vae-se juntando batendo sempre as gemmas, o chocolate e a farinha de maizena, e por ultimo as claras batidas em separado. Unta-se uma fôrma lisa com calda de assucar e forra-se toda com palitos francezes, despeja-se no centro a massa e põe-se para cozinhar em banho-Maria.





Phantasias



No alto: ao centro—Isabeau de Baviera; aos lados d'este, penteados gregos. A seguir, dois modelos do reinado de Luiz XIV e 4 modelos do reinado de Luiz XV. E' tambem da epoca Luiz XV a figura da esquerda, a meio da pagina. A' direita d'esta, em plano inferior, modelo do reinado de Luiz XVI, um do tempo do Directorio, e dois do Primeiro Imperio. Em baixo: á direita, reinado de Luiz Philippe; á esquerda, Segundo Imperio.

O carnaval multiplica as suas manifestações ruidosas, não só no exterior, nas ruas como outr'ora, mas na sociedade e até na intimidade. Têm uma nota mais alegre as reuniões de familia ou os jantares, estando as pessoas phantasiadas com costumes completos ou sómente o penteado. Os modelos de penteados que damos de diversas epochas da Historia poderiam servir para um lindo *bal de têtes*.

PRECEITOS DE HYGIENE

Devem-se cortar os cabellos?

Como regra geral, a creança não deve usar o cabello cortado muito curto.

Se as mães quizerem tomar o trabalho de terem as cabecinhas dos seus bebês muito cuidadas, sem as torturar com papelotes e ferros quentes ou untal-as com oleos máos, ellas

poderão gozar com direito (o direito hygienico) o prazer de deixar crescer os cachos louros ou castanhos. Em todo o caso se as cabelleiras forem muito bastas, podem-se aparar as extremidades; certos autores affirmam mesmo que é

uma operação indispensavel, os cabellos muito abundantes consumindo muitos elementos mineraes e succos nutritivos.

Nos primeiros quatro ou cinco annos da infancia, deve-se deixar os cabellos compridos. Nos rapazes vae-se cortando progressivamente; e nas meninas deixa-se crescer, vigiando de perto a hygiene do couro cabelludo.

Mas se os cabellos caem é necessario cortal-os para os fazer renascer?

Erro, e erro sem fundamento.

Quando o cabello cae, é quasi sempre o couro cabelludo que soffre; é portanto elle que deve ser tratado. O mesmo succede quando uma arvore adoe e: é na raiz que os arboricultores vão procurar e tratar o mal e não na tolhagem.

Em certas doenças, a febre typhoide por exemplo, os cabellos caem. A maior parte das pessoas neste caso fazem rapar o couro cabelludo para facilitar a volta do cabello.

E' absurdo e perigoso. Ahi ainda, é o couro cabelludo que soffreu uma perturbação de nutrição, e é elle que deverá ser tratado. Não é pois irritando-o com a *tondeuse* e a navalha que se chega ao resultado desejado, bem ao contrario. São precisos cuidados apropriados que devem ser pedidos ao medico e não ao cabelleiro.

Em resumo. Não se deve raspar nunca os cabellos. O cabello é um protector que nos preserva do frio e dos seus accidentes, nevralgias, defluxões, e algumas vezes até bronchites, dores de ouvido e da larynge.

Deve-se tratar o mais possivel do cabelo enquanto se tem, para evitar a horrivel calvicie.

A economia é a melhor fonte da independencia e da liberdade.



A saudade, como a morte, purifica todas as cousas.

O trabalho das mulheres na Russia

Não ha paiz na Europa onde a mulher do povo, principalmente a aldeã, trabalhe tão duramente como na Russia.

Nos campos, ella guia o arado e capina, leva os bois ao trabalho, semeia, colhe e recolhe as colheitas; e em todos estes trabalhos ella faz mais do que pode. A mulher é a creatura de carga por excellencia.

A unica alegria de sua vida, o unico acontecimento que a preocupa é o seu casamento, não pelo marido e pelas alegrias da familia e para ter uma protecção, mas pela festa do casamento, pela cerimonia onde o *pope* abrirá a sua *écharpe* dourada, e ella mesmo exhibirá o vestido bordado com muitos annos de antecedencia. Em sua existencia monotona e machinal, os unicos prazeres são ainda as ceremonias religiosas que se desenrolam no mesmo quadro dos campos e das florestas. São as procissões onde se passeiam os icones sagrados, na primavera, entre os trilhos onde o trigo novo aponta; depois no outomno, nas vastas extensões despidas onde o trigo maduro cortado deixa o seu reilho de ouro: a acção de graças depois da oração. Os longos invernos não trazem descanso á camponesa das *steppe*: ella trabalha em casa, na *isba*, onde em promiscuidade vivem o rebanho e a familia. Lá, enquanto os homens fabricam os moveis rusticos e encantadores, as mulheres fiam o linho, o algodão e a lã, tecem o panno e o linho das roupas e bordam essas phantasias rutilantes que conhecemos com o nome de bordados russos.

Uma industria aldeã menos conhecida no estrangeiro e de maior fama na Russia é a renda de lã.

A que as mulheres de Orembourg fabricam com a lã de suas cabras é sem rival. Conhece-se mais as rendas a fuso ou a agulha de *kasan*.

Exporta-se certa quantidade, emquanto que os chales d'Orembourg, mais raros, são mais apreciados na Russia e ahi ficam.



CONSELHOS - PRATICOS -

Para limpar objectos dourados, cobres dourados, galões de ouro, etc.

Prepara-se uma agua com sabão bastante quente, acrescenta-se-lhe um pouco de amoníaco liquido (1, 10 pouco mais ou menos) e esfrega-se o objecto com uma escova, o ouro brilha immediatamente; mergulha-se depois o objecto em agua fria, enxugando-o bem em seguida. Os relógios e candelabros limpam-se muito bem por esse methodo. A agua não pode servir duas vezes e, para estes artigos, não deve ser usada fria.

Limpeza do marmore

Pulverisar e misturar bem 2 partes de soda, 1 parte de pedra pome e 1 parte de giz. Passa-se esta mistura n'uma peneira e faz-se com um pouco d'agua uma massa que fique consistente. Esfrega-se com ella o marmore, em seguida lava-se com agua e sabão e o marmore ficará como novo.

Limpeza das esponjas

Mergulham-se as esponjas durante 12 horas n'uma bacia d'agua contendo o succo d'um limão, lavam-se em muitas aguas e exprimem-se antes de as fazer seccar,

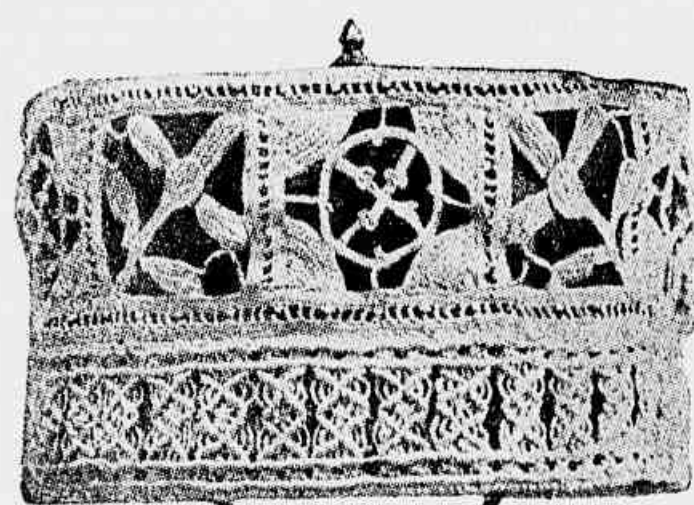
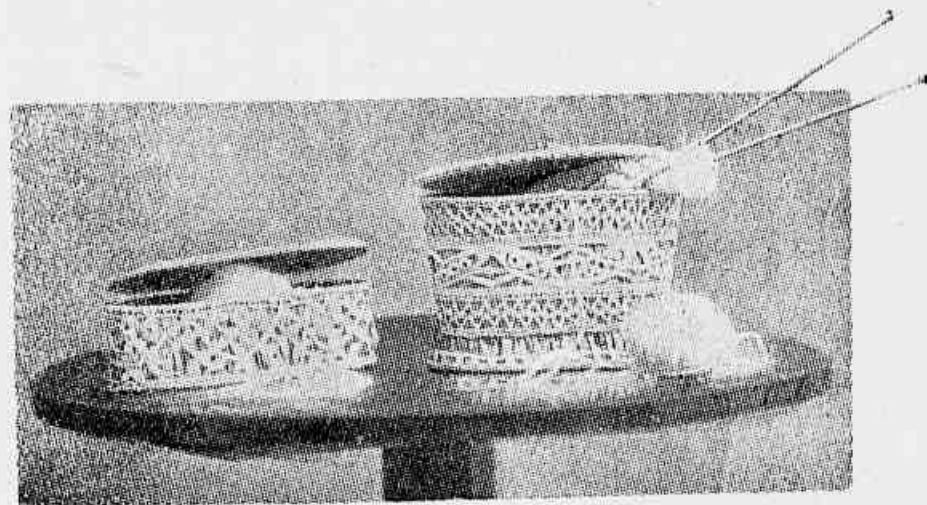
— o o —

Quando uma garrafa conteve vinho durante muito tempo, cria nas paredes certos depositos que não desaparecem quando se emprega simplesmente a lavagem ordinaria. Para os tirar dissolve-se ao logo potassa caustica em um pouco d'agua e com esta solução lava-se a garrafa.

TRABALHOS EM CROCHET

Estas duas caixas em renda podem ser util sadas para diversos fins. Far-se-ha á vontade, cestas de trabalho, caixas para guardar lenços, luvas, veus, gravatas, etc.

A da esquerda é feita em irlan-



da grossa fundo de dá, e o da feito com de crochet de seda côr de ouro.

O abatj neza e ma um lindo vermelho, ou verde, filó. As ligadas nestes amarelos acinzentados de um bran-

sobre um eda resedireita é entremeios e forrada a marella

our em Vercramé é de effeito. forrado de amarello em gaze ou nhas empresas trabavem ser an-ladas ou das do que co crú.



Ainda que doentias
e inquietas, as crianças
acham o Xarope de Figos
"California"
agradavel ao paladar

Se as crianças estão febris, biliosas ou com prisão de ventre, dê-lhes logo um laxante de fruta

Não ralhem á criança inquieta e impertinente. Antes vejam se tem a lingua saburrosa; é signal evidente de estarem o estomago, figado e os intestinos obstruidos com as fezes.

Quando o menino estiver indifferante, pallido, febril, resfriado, mau da guela, sem comer, nem dormir nem se comportar bem, com dôres no estomago, indigestão ou diarrhéa, dê-lhe uma colher pequena do Xarope de Figos «California», e far-lhe-ha em poucas horas expellir dos intestinos todas as fezes, bilis azedas e o alimento fermentado, deixando-o mais uma vez são e contente. As crianças acham este «laxante de fruta» muito agradavel ao paladar, e as mães podem descansar na confiança de que sempre lhes limpa interiormente os órgãos ao mesmo tempo que lh'os afrouxa.

Mães, tenham-no sempre á mão! Um pouco que se lhe dê hoje salvará de uma enfermidade o menino amanhã; porém comprem o legitimo. Peçam ao pharmaceutico uma botelha do Xarope de Figos «California» e acharão impressas na botelha as instrucções, para crianças de todas as idades e para adultos. Lembrem-se que ha outros Xaropes de Figos que são falsificados; assim pois, reparem bem que o que comprem tenha o nome da «California Fig Syrup Company». Rejeitem outro xarope de figos qualquer.

Cabello formoso, espesso
ondeado e isento
de Caspa

Passe-se um panno humido pelo
cabello e a sua belleza
duplicará immediatamente

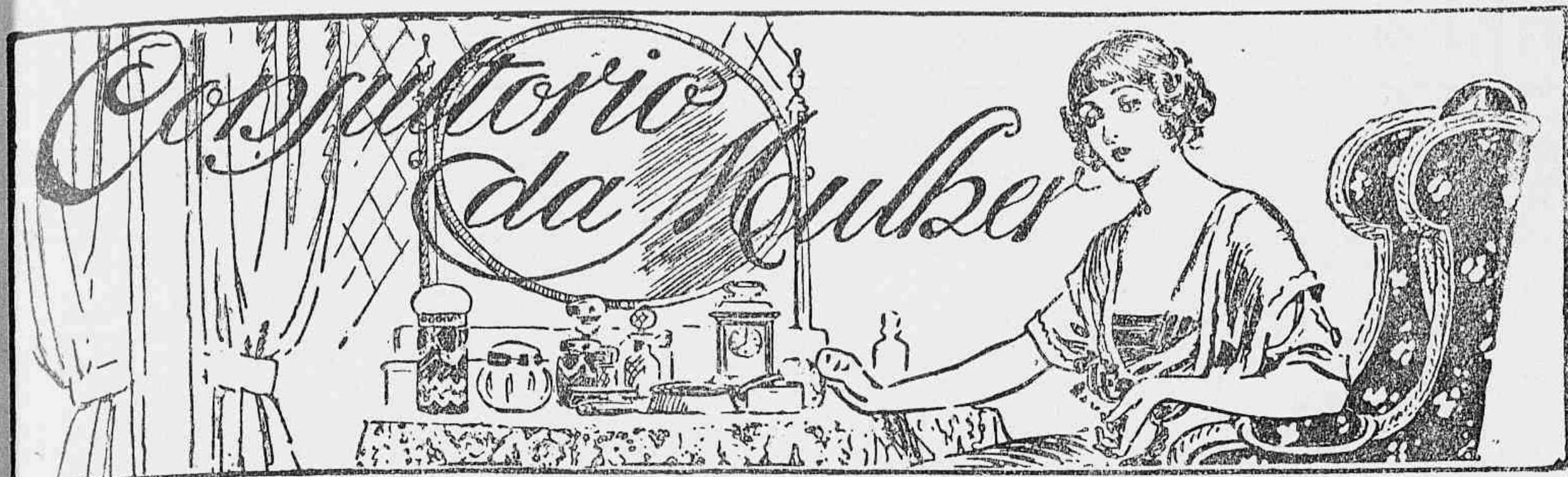


Cuide o seu cabelo! A caspa
desapparecerá e o cabelo não
cahirá mais.

Imediatamente? Sim. Seguro!
Eis a sua vantagem. Depois de uma applicação de *Danderine*, o seu cabelo torna-se sedoso, ondeado, abundante e vistoso como o de uma menina. Prove tambem isto: humedeça um panno num pouco de *Danderine* e passe-o cuidadosamente pelo cabelo, tomando um feixe pequeno cada vez. Isto o alimpará de pó, sujidade e grassa excessiva, e em poucos minutos a belleza do seu cabelo ficará duplicada. Aquellas que tenham negligenciado o cabelo, ou que pelo contrario o tenham aspero, descorado, secco, quebradiço ou ralo, ficarão surprehendidas agradavelmente ao conhecerem esta nova preparação. Alem de lh'o aformosear, *Danderine* destrue toda a particula de caspa, alimpa, purifica e fortalece o craneo, evitando a comichão e a queda do cabelo; porém o mais agradavel de tudo será ver como, depois de usal-o umas poucas semanas, o cabelo torna-se fino e suave, e o craneo todo povoado de cabelo novo.

Danderine é para o cabelo o que a chuva e o sol são para as plantas. Vae direito para as raizes, fortalecendo-as e dando-lhes vigor. As suas propriedades estimulantes e vivificantes fazem com que o cabelo cresça comprido, firme e vistoso.

Se V. Sa. cobiça uma cabelleira linda, lustrosa e sobretudo frondosa, compre um vidro de *Danderine* de Knowlton numa pharmacia ou loja qualquer e use-o segundo as instrucções que acompanham cada vidro.



MME. ALZIRA MENDES — O pequeno residuo de um pó branco que encontra no *Tonico n.º 9* dilue-se momentaneamente agitando o frasco. O apparecimento desse pó não deve constituir motivo de estranheza. O preparado medicinal do *Tonico* carece de alguns mezes para se dissolver espontaneamente. Nos frascos de fabricação mais recente é que existe ainda visível esse residuo, que se incorpora ao *Tonico*, agitando o frasco. Alguma pequena differença na cor, tanto no *Tonico* como nas *Loções*, provem apenas da essencia com que são perfumadas, mas não altera em cousa alguma as propriedades medicinaes dos preparados, que são rigorosamente as mesmas.

ROSA AMÁRA — Na ultima pagina do meu prospecto, que posso enviar-lhe pelo correio ou que pode pedir na Casa das Fazendas Pretas ou na Casa Bazin, encontra as instrucções necessarias a esse tratamento.

MME. ANDORINHA — Para corrigir a excessiva oleosidade da Pelle e a dilatação dos poros applique diversas vezes ao dia a *Loção Adstringente*. Na pagina 8 do prospecto que acompanha os preparados encontra as instrucções para o tratamento dos cravos com a applicação da *Loção* e da *Pomada para os Cravos*. O mesmo tratamento apagará as sardas occasionadas pelo sol. Experimente na lavagem da cabeça o meu *Shampoo-Powder*. Não lhe acontecerá o que receia, de não poder depois pentear-se. E' indispensavel a lavagem com o *Shampoo* para eliminar a caspa. Todos os dias friccione a cabeça com o *Tonico n.º 9* e nos dias em que iavar

o cabelo passe a escova humedecida no *Tonico n.º 10*. Seu cabelo ficará ondulado e macio. Para o banho geral aconselho-a a usar o *Pó Medicinal*. Um bloco desse *Pó* (que se vende em caixas de 12 blocos para 12 banhos) perfuma deliciosamente o ba-

me de *Massagem*. As instrucções para uma massagem efficaz encontram-se no meu prospecto. Depois da massagem é indispensavel remover o creme. Sendo sua pelle secca deve adoptar a *Loção de Embellezar a Pelle* como fixativo do pó de arroz. Sempre que banhe o rosto deveria juntar á agoa uma pequena colher do *Tonico da Pelle*.

MME. REBELDE — O preconceito de que lavar a cabeça faz mal ao cabelo é absolutamente errado. O contrario é que succede. E' indispensavel lavar a cabeça, mas não com sabão ou sabonete nem com preparados que conttenham alcatrão. O *Shampoo-Powder* descola do couro cabeludo e das raizes do cabelo toda a caspa, remove toda a poeira que se agglomera na cabeça, tonifica e desinfecta o cabelo. Não posso comprehender como uma mulher que se trata descure a hygiene do seu cabelo que é um dos ornamentos da belleza feminina. Pois ha cousa mais feia e que denote maior desleixo do que uma cabeça suja de caspa?

UMA CLIENTE — Durante o verão faça uso da *Loção Adstringente*, que refresca e tonifica a pelle, contrahe os poros dilatados pela transpiração e corrige os efeitos nocivos do sol. Humedecido o rosto com um pouco de algodão hydrophilo embebido em *Loção Adstringente*, sempre

que entra em casa, é o meio mais efficaz de combater os efeitos do calor e de refrescar a epiderme.

MARIA SIMPLON — Uma série de banhos hydro-electricos.

SELDA POTOCKA



Mme. Selda Potocka, especialista diplomada, antiga assistente da clinica do Dr. Buchener, de Londres, directora do Instituto Electro Therapeutico de Lisboa, socia do Instituto de Coimbra, responde gratuitamente por carta a todas as consultas que lhe sejam dirigidas sobre os tratamentos da pelle e do cabelo e hygiene da mulher. — Dirigir a correspondencia para a r. Paysandú, 111. Rio de Janeiro

nho e transmite á agoa propriedades tonicas e adstringentes para fortalecer os tecidos e combater a flacidez.

ROMANESCA — Só a massagem diaria impede a formação das rugas já constituidas. A massagem deve fazer-se com os dedos impregnados de Cré-

Os celebres preparados de Mme. Selda Potocka acham-se á venda, no Rio, nas melhores perfumarias e nos grandes estabelecimentos: Casa das Fazendas Pretas, Casa Bazin, Pharmacia Orlando Rangel, Casa a Exposição (Av. Rio Branco, 119). — Ramos Sobrinho & C. (rua do Hospicio, 11). — Camisaria Gaspar (Praça Tiradentes e Rua 7 de Setembro) — Em Petropolis no estabelecimento de Modas de Mme. Pongetti (rua 15 de Novembro, 285). — Em S. Paulo na Casa Lebre e na Casa das Fazendas Pretas (rua de S. Bento, 35-B). — Em Bello Horizonte Narciso & C. (rua da Bahia, 1221). — Em Juiz de Fora Araujo Santos & Carvalho (successores de Cyrino Carvalho & C.) — Em Victoria Cruz Sobrinho & C. — Na Bahia Manso & C. — No Recife A Rosa dos Alpes. — Em Maceió J. Lages. — Em Ouro Preto J. B. Mendes. — No Rio Grande do Sul Palais Royal. — Em Canavieiras L. Guerreiro. — Em S. Luiz do Maranhão A Mariposa e Notre Dame — Em Porto Alegre Casa Queimada. — Em Campos Casa Lamy. — Em Campinas Casa Americana. — Em Fortaleza Xavier Pinto & Irmão. — Em Aracajú (Sergipe) Sizenando Almeida & C. — Em Pelotas — A Torre Eiffel. — Em Ribeirão Preto Valeriano T. dos Reis. — Em Uberaba Ao Motu Continuo. — Em S. José do Rio Pardo A Central. — Em Barbacena A Filial. — Em Ponte Nova (Minas) A Brasileira. — Em S. José do Paraíso Sillos & Irmão. — Em Mandés Loja Jacintho. — Em Mococa J. Moreira Salles. — Em Bagé J. L. Vaz & C. (rua General Osorio). — Em Cachoeira de Itapemirim (Espírito Santo) A Nova Esperança. — Em Parahyba do Norte A Rainha da Moda. — Em Barbacena A' Filial, Souza Marques & C. — Em Curitiba A Carioca. — Em Corumbá (Ladario) Nicola Scaffa. — Em Palmyra (Minas) Pharmacia Central. — No Pará Perfumaria Central. — Em Santos Miguel Guerra.

Depositarlos Gerais para todo o Brasil: COSTA PEREIRA & C. — 53, Rua da Quitanda, 55

INSTITUTO DE PHYSIOTHERAPIA

99, AVENIDA GOMES PREIRE, 99

TELEPHONE 1202 CENTRAL

— CONSULTAS DIARIAMENTE DAS 9 AS 11 E DAS 4 AS 6 DA TARDE. —

Estabelecimento moderno e unico no Brasil para tratamento garantido de quasi todas as molestias chronicas e agudas sem medicamentos internos.

Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 1918

Ex. ma Sra. The Goodyear Tire & Rubber Co.,
of South America N. E. S. T. A.

Saudações

sobre os pneus GOODYEAR. De todos os pneus usados durante 7 annos nos meus automoveis até ultimamente, foram os pneu GOODYEAR os unicos que melhor me serviram quanto a durabilidade e ao conforto e estabilidade que dão as machinas.

Para provar basta dizer que 4 pneus e 4 camaras de ar em constante uso, durante 10 mezes, estiverem sempre em perfeito estado, e sem ser obrigado a interromper nenhuma das minhas viagens, por causa dos mesmos.

Dr. Amibal Vazges

UMA PROVA REAL

Mais um testemunho que dá bem a idéa da superioridade dos pneumaticos e camaras de ar GOODYEAR e dos resultados obtidos com o seu uso.

Póde exigir-se uma prova mais positiva do valor e da segurança que offerecem os pneumaticos e camaras de ar GOODYEAR?

THE GOODYEAR TIRE & RUBBER COMPANY OF SOUTH AMERICA

Rio de Janeiro — Avenida Rio Branco, 249

S. Paulo — Avenida S. José, 72 e 74.



GOODYEAR